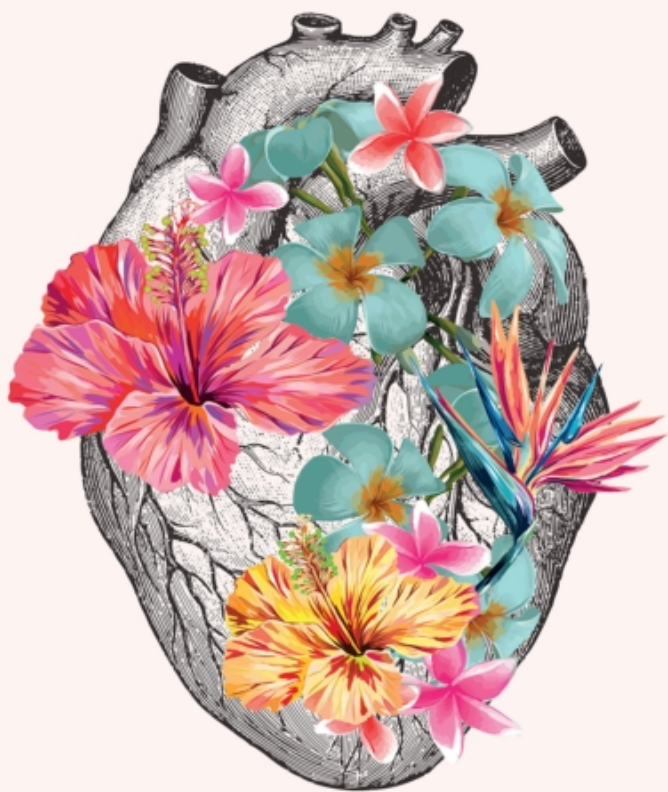


# PEDRO CHAGAS FREITAS

é urgente amar



*Por mais infeliz que tenhas sido,  
ainda vais a tempo de ser feliz para sempre.*

OFICINA  
DO LIVRO

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

# PEDRO CHAGAS FREITAS

é urgente amar



*Por mais infeliz que tenhas sido,  
ainda vais a tempo de ser feliz para sempre.*

OFICINA  
DO LIVRO

# PEDRO CHAGAS FREITAS

é urgente amar



*Por mais infeliz que tenhas sido,  
ainda vais a tempo de ser feliz para sempre.*

OFICINA  
DO LIVRO

# Ficha Técnica

Título original: É Urgente Amar

Autor: Pedro Chagas Freitas

Capa: Maria Manuel Lacerda

Revisão: Paula Caetano

Fotografia: © Gonçalo Delgado

ISBN: 9789896609146

OFICINA DO LIVRO

Uma editora do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2020, Pedro Chagas Freitas

e Oficina do Livro

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.oficinadolivro.leya.com](http://www.oficinadolivro.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

Por vontade expressa do autor, o livro respeita  
a ortografia anterior ao actual acordo ortográfico.

Pedro Chagas Freitas

## É Urgente Amar

Por mais infeliz que tenhas sido, ainda vais a tempo  
de ser feliz para sempre.

*Com a Bárbara.*  
*Com o Benjamim.*  
*Porque tudo.*

É Urgente Amar



pensei muito bem hoje,  
foi a noite toda a pensar bem em tudo só para não ter dúvidas,  
e não tenho saudades nenhuma das tuas,  
nenhuma,  
tenho tido insónias porque ando a comer mal,  
só isso,  
pensei muito bem e não tenho saudades tuas,  
nem vou mexer nas tuas roupas que esqueceste no quarto, nem na  
escova de dentes,

só para que quando vieres buscá-las estejam intactas, só por isso, não  
quero que penses mal de mim,

tenho uma dor estranha no peito, dói-me fisicamente mas deve ser de  
ter deixado de ir ao ginásio, só pode,

quando voltar a tomar banho vou ao médico, não quero ir para lá a  
cheirar mal,

pensei que ia sentir saudades tuas mas não sinto, tenho a certeza,  
já desisti de ver a série que via contigo porque aquilo afinal não tem  
piada nenhuma, ainda bem que não estás que ainda me obrigavas a vê-la,

só ontem vi quatro ou cinco pessoas parecidas contigo, só para que  
saibas que não és assim tão especial como pensas,

e eu pensei que iria ter saudades tuas mas nada, nem um bocadinho,  
desculpa,  
mas nada,

estou até bastante activo, sempre em festas, quando voltar a ver-te,  
sempre vens amanhã buscar o que te falta, é?,

quando voltar a ver-te vou contar-te algumas histórias de duas ou três  
dessas festas, conheci algumas pessoas interessantes, ficas a saber,

por exemplo a, como é que se chama?, a,

esqueci-me do nome dela mas daqui a nada lembro-me, ando com a  
memória num caco,

é uma mulher linda, cheia de vida, pode ser a pessoa certa para mim  
mas para já não, estou bem assim,

sem saudades absolutamente nenhuma das tuas,

talvez não espere pelo dia em que vens cá para te falar dela,

vou ligar-te agora, vê lá se atendes,

quero ouvir-te só para te dizer que pensei muito bem hoje,

e não tenho saudades nenhuma das tuas,

lamento.

Nem todos os erros são errados.

Foi o que ele lhe disse, as lágrimas de um nas lágrimas do outro, a janela do quarto do hotel aberta, os corpos suados à procura do repouso depois da loucura.

É impossível ter-te mas é inaceitável não te ter.

Ela limpou com a parte de trás da mão uma das suas lágrimas, depois com a boca as lágrimas dele, o vento a empurrar as cortinas do quarto, alguns segundos do mais doloroso dos silêncios.

Destruía a minha vida toda por ti porque sei que sem ti tenho a minha vida toda destruída.

Havia um desespero naquelas palavras, ela sabia-o quando as ouviu, quis gritar mas calou-se, quis abraçá-lo mas parou, quis largar tudo mas cedeu, as tentações às vezes servem para nos livrar de tentações maiores, de tentações mais perigosas, o cómodo, por exemplo, a segurança, por exemplo, há tentações que só são perigosas se não lhes cedermos.

És o meu sonho mais íntimo e não te darei o direito de te tornares real.

E vestiu-se, as calças, a camisola, as lágrimas no meio de tudo, ele a olhar, apetece-lhe pedir-lhe para ficar, implorar-lhe para ficar, para deixar a vida que a impede de ver, a rotina estável, a casa equilibrada, a continuidade, a sensaboria dos dias, não pediu, não implorou, tentou erguer-se, dizer as palavras fortes, disse-as a si mesmo, ensaiou-as vezes sem conta, finalmente estava pronto para dizê-las, uma dor absurda a despenhar-se nas veias.

Se fores podes ter a certeza de que nunca me vêes, a não ser que queiras.

Ela sorriu, caiu a queda a que tentava fugir, há sempre uma queda à espreita, olhou-o, quis ter pena dele, compaixão dele, vê-lo como um pedinte, um pobre coitado a mendigar amor, mas quando o olhou só viu tudo o que queria ver, tudo o que queria encontrar, talvez amar seja olhar tudo o que queremos olhar, encontrar tudo o que queremos encontrar, que se pode fazer quando se ama senão amar?

De quanto tempo precisas para me raptares para sempre?

Ele olhou para o relógio e fez as contas.

chegas sem avisar, como sempre. o corpo é uma imagem inacessível quando a velhice chega. como se fôssemos invadidos por insuficiência. deitas-te ao meu lado. fumas um cigarro. nunca te vi fumar, digo-te. há tanto que não sabemos de quem amamos. olhas para o fundo do copo. quantas pessoas somos para cada pessoa? não te respondo. a vida é uma queda a caminho. resta-nos o impudor para manter o fósforo aceso. a dor é uma morte silenciosa. a vida toda é uma morte silenciosa. a perda sobe pelos dedos, pelo meio do sangue. o vento a soprar na janela parece um grito de socorro. o vizinho a cantar no chuveiro. a arte existe para que haja quem consiga cantar no chuveiro. podíamos passar o dia a atravessar os corpos. não sei se o disseste ou se o perguntaste. invado-te a boca com a minha. sem embriaguez somos todos um insignificante excremento. com embriaguez também mas não sabemos. a alegria dos teus cabelos na minha pele quente. o que é um orgasmo maduro? a maturidade serve para aprimorar a mansidão. a juventude é aquilo que recusa o ligeiro. nenhum fogo é maduro. o cheiro do teu suor impregnado na carne. se for para romper o silêncio que seja com um gemido. somos agora velhos satisfeitos estendidos no silêncio. o vazio esmagado de «e agora?». os nossos corpos encarquilhados debaixo da lua. nada esmaga a dor como o prazer. nada traz mais dor do que o prazer. o vizinho continua a cantar no chuveiro.

O amor é um *hooligan*.

Quando te conheci era um homem equilibrado. Sabia quem era, para onde ia. Os dias estavam planeados, o futuro desenhado, de régua e esquadro, com precisão. Nada me falhava. Era uma máquina infernal, um autómato obediente à passagem dos dias cinzentos. Quando te conheci não me conhecia.

O amor é um vândalo.

Na primeira vez que te vi estavas a descer de pé um escorrega dos grandes. Eras a adulta mais abominada pelos pais, e eu era um deles. O parque parado só para te odiar. Dedos apontados, escárnio, a violência de todos os julgamentos sobre ti. Chegou a Polícia e vi-te, com um sorriso, pedir desculpa. Fizeste uma vénia a todos os pais, as crianças, sempre as mais astutas a ler as pessoas, aplaudiram-te, entusiastas. Nesse momento apeteceu-me juntar-me a elas. A coragem de sermos quem somos perante quem reprova sempre quem é — e até o que é — merece sempre aplausos. Fiquei quieto, cobarde, próximo da segurança, fechado na gruta onde quase todos habitam. Quando te conheci morava longe de mim.

O amor é um gandulo.

Na segunda vez que te vi ias ao volante de um carro desportivo, o meu sonho de menino, e estavas no semáforo. Fazias acelerações de dois em dois segundos, não sei se estavas a testar o carro se estavas a testar a mim. Caí na armadilha. Há armadilhas que só são armadilhas quando conseguimos não cair nelas. Olhei-te, os teus olhos pareceram-me verdes ou azuis, uma espécie de revolução dentro de mim. Piscaste um olho, aceleraste, vi-te a desaparecer ao fundo da recta, debaixo das buzinas impacientes de quem estava atrás de mim a queixar-se de eu estar a demorar a arrancar. Quando te conheci estava incapaz de arrancar para mim.

O tesão é anarquista.

Na terceira vez que te vi estavas na praia, o biquíni mais incompreensível que alguma vez vira, não havia um pescoço que não rodasse para te ver passar, homens ou mulheres. Estava sozinho, só queria descansar mas não estive descansado a tarde toda, nada em mim descansou, se é que me entendes. Quis mil e uma vezes ir ter contigo, dizer que te odiava com toda a vontade do mundo, e quando há vontade tudo é possível de ser ultrapassado, até o ódio, mas desisti mil e duas vezes de o fazer. Fiquei acantonado, como sempre, ao esconderijo do que poderia ser. Abandonei a praia quando a noite caiu, mas sobretudo quando tu a abandonaste também. Resolvi seguir-te como nos filmes, que vergonha,

que tesão, à espera de que nunca soubesses e de que por isso nunca tivesses de me perdoar. Vi que à noite davas comida aos sem-abrigo, de madrugada ias a um canil tratar dos cães, e tive vergonha de não te ter amado mais cedo. Quando te conheci era uma pessoa imperdoável.

Nada domina o desejo: o desejo é uma ameaça a qualquer tipo de dominação.

Quando te vi pela quarta vez estavas nua, o meu quarto era um milagre. Ainda é, ainda estás. Quando te conheci não sabia que não fazia a mínima ideia de quem eras, e mais ainda de quem eu era.

Sou livre, e é por isso que sou tua.

Amar é estar não para completar, mas para amar. Para nascer contigo várias vezes. Para dedicar o meu tempo a conquistar-te todos os dias outra vez. Perdemos tanto tempo à procura de novas conquistas, de novos desafios, de novas pessoas. Eu prefiro conhecer-te novamente como se fosse a primeira. Descobrir em ti o que só eu sei, salvar-te da dor, dançar-te na festa. Prefiro tu como sempre, e por isso como nunca.

Não preciso de ti por fome, e é por isso que sou esfomeada de ti.

Não sou indestrutível. Não sou um tanque de guerra. Sou um espaço de fragilidade. É sempre pela fragilidade que o amor entra. Ouço por todo o lado quem despreza alguém, quem maldiz alguém. Penso que provavelmente existe desprezo quando existe um amor defunto. Quando morre o amor não há desprezo. A ti nunca desprezarei por mais que te ame.

Não trairei o que sou para ser fiel ao que te amo.

É essa a grande fidelidade. É esse o grande amor. É esse o único amor. O que resiste, o que insiste. Se um amor morreu de velho morreu de não ser amor. O amor quando envelhece fortalece. Fica inexpugnável, ganha raízes, defesas. Ganha eternidade.

Amor eterno: eis uma das maiores redundâncias que a língua consegue produzir.

Digo-te «não» algumas vezes. Olhas-me de soslaio, creio que não me entendes. Deixa-me explicar-te que dizer «não» é prova de amor: quem ama tem de respeitar o «não» de quem ama, e dizer o «não» a quem ama. Por respeito. Por honestidade. Por amor.

Admiro-te mas não é por isso que te amo.

Podes admirar quem não ama, mas não amas quem não admiras. Eu amo-te. E admiro-te. Encantas-me. Aquilo que és alicia-me. Quando surge a adversidade amo-te mais ainda. Deve ser isso o tal do amor. Aquilo que quando chega a dificuldade fica mais robusto. O resto passa nesse momento. Será uma paixão, um tesão, nada mais. Para a paixão o interessante é o que é semelhante a nós; para o amor o fascinante é o que é diferente. O que nos transporta para algo que sem ele não existiria: o que gera mudança em nós. O que nos faz diferentes, o que nos faz melhores.

O que dói dói-me, o que sentes sinto, o que ris dá-me esperança.

A esperança é a forma mais real de coragem: é o momento em que nos lançamos para o que não sabemos ainda o que é, o que fará em nós. Vivo com os teus passos também, sou também os teus olhos, ouço também o que tu ouves. Às vezes quando te falo ouço-me ouvir-te, vê lá tu.

Tenho tanta pena de quem julga que dizer o que pensa é sempre uma prova de sinceridade, quando muitas vezes dissermos o que pensamos é apenas prova de insensibilidade.

É isso o que tenho vindo a aprender contigo, com o que somos, com o que vamos crescendo a ser. Há sempre um momento certo para falar. Sempre. Se sei que vou magoar espero. É tão simples ser uma pessoa. Se suspeito que vou ferir espero. Amo-te, e por isso cuido de ti. Não tenho de aguentar tudo, de suportar tudo. Não tens de aguentar tudo, de suportar tudo. Só tenho de te cuidar, só peço que me cuides. Não te amo para envelhecer contigo. O amor não envelhece. Se envelhece não é amor algum. O amor dá-nos vida, tira-nos da morte por mais que as rugas rompam.

Peço-te que ames de mais, porque quem aceita amor de menos é doente.

Agora vem. Sabes que és o meu sonho. Anda imediatamente para aqui para o dormirmos juntos.

De repente deixámos de nos ver. Somos tão estúpidos: não olhamos para o que temos antes de só podermos olhar para o que tínhamos. Foi aí que percebi que te queria, que a vida acontecia e mesmo sem saber já fazias parte dela. Trabalho nesta tabacaria e todos os dias te olhava a passar. Entravas na estação do metro aqui mesmo em frente, o fato e a gravata, calculei que trabalhasses num banco ou coisa assim, ou então que fosses um mafioso como o dos filmes. Ficavas a ver as capas dos jornais, às vezes sorrias-me, aquele sorriso de ocasião, nada mais, havia dias em que compravas uma revista daquelas todas intelectuais e isso interessava-me ainda mais.

Excita-nos tanto uma mente complexa, não excita?

A mim, sim. Mas agora não estás, não passas aqui há mais de uma semana. Estive dois dias de folga, não tinha dois dias de folga seguidos há anos e quando voltei não estavas. Chega a hora do teu metro, o das nove e trinta e seis, sempre o das nove e trinta e seis, e não vens, não passas, são nove e trinta e cinco e o meu coração bate acelerado, será que vens? Será que voltas?

Precisava mesmo que voltasses, sabes?

Precisava de te ver. Só ver bastava. É o que tem bastado. Olhar-te dá-me paz e deixa-me sobressaltada. Sou uma até às nove e trinta e poucos e outra depois das nove e trinta e cinco, quando costumas ir a correr, sempre a correr, isso é certo, para a estação. É nesses segundos em que te vejo a descer a correr as escadas da estação que imagino a que cheiras, nunca estiveste perto o suficiente para sentir bem, para provar bem. Quando te vejo a correr imagino como será esse teu corpo com um fio de suor, que horror pensar nisto, eu sei, mas que queres? É nisso que penso e querer impedir pensamentos é apenas uma maneira de eles ficarem eternos em nós, li num dos livros que ofereceram um dia destes com um jornal. Somos sobretudo aquilo que nunca contámos a ninguém. Nove e trinta e seis. Nada. Não estás. Não vieste outra vez.

Meu Deus: o que vou fazer de mim sem ti?

Como passarei pela vida se não passas pela minha tabacaria? Sem um toque de amor a vida é tão feia, não é? Começa a chover e tudo bate certo. Ninguém previu chuva para hoje e está a chover. É um sinal. Só pode ser um sinal. O meu batimento cardíaco está a chegar aos limites e esta chuva é um sinal. Peço ao senhor Afonso para ir e vou. Ele não deve ter percebido nada mas deixou. Já trabalho aqui há tantos anos. Sabe que não faço por mal. Nunca fiz nada por mal na vida e deve ser esse o meu maior mal.

Porque se castiga tantas vezes aquele que só faz o bem?



Estou na estação. Olho para os mapas das linhas do metro. Tento perceber para onde ias. Não faço ideia mas vou. Não faço ideia mas tento. Temos de tentar até aquilo que não fazemos ideia de como se faz. Tento descobrir-te. Saio em todas as estações, todas, todas, e caminho apressadamente durante uma boa meia hora ali junto à saída. Procuro-te em cada esquina, em cada rua cheia de pessoas. Tantas pessoas e nenhuma és tu. A crueldade de haver tantas pessoas no mundo e nenhum delas seres tu. Estou a transpirar. Já andei quilómetros. Já saí numas dez ou onze estações. Nem sinal de ti. Não tenho uma fotografia de ti, não sei o teu nome. Mesmo assim não desisto. Não posso desistir de ti, não consigo desistir de ti. Talvez te ame e o amor seja isso: a capacidade de não desistir de o encontrar por mais que pareça impossível. Nunca acreditei no amor provavelmente porque nunca acreditei em mim. Sou uma simples empregada de tabacaria de rua e dificilmente deixarei de o ser. Não pude estudar o suficiente, não pude tentar o suficiente, não pude arriscar o suficiente. A vida fez-me prisioneira desta vida. Pensei que nunca iria gostar de alguém porque pensei que nunca iria gostar de mim. Hoje não. Hoje tenho orgulho de mim, aqui, cansada, desde as nove e trinta e seis à procura de ti. Procuro-te para ter esperança em mim. Quero-te porque te amo e também porque me fazes amar-me. Nunca te falei, nunca me falaste, nunca estivemos a menos do que um metro, um metro e meio de distância. Mas já fazes tanto em mim.

Onde estás?

Por favor que nada de mau te tenha acontecido. Lembro-me agora de que te conheço tão bem o rosto que seria capaz de te descrever até ao mais pormenorizado dos pormenores. É isso o que faço. Encontro um artista de rua, um daqueles desenhadores, e descrevo-te. Pago dez por cento do meu salário mas que se lixe. Olho para o resultado final e és tu. És mesmo tu. Agora já posso ao menos passar pelos meus dias a ver-te enquanto não te olho a sério. Vou pousar-te na mesinha-de-cabeceira. Não: vou pousar-te na mesa da cozinha. Não, não. Não vou pousar-te. Pousar é morrer. Vais andar sempre comigo. Vou arranjar um saco grande e vais andar sempre comigo. Já entrei em dois ou três bancos com esta tua imagem a ver se trabalhavas lá. Ninguém te viu. Eu vejo-te, não te preocupes. Eu vejo-te.

Há tantas pessoas que só precisam de que as vejam, tantas, tantas.

Vejo-as todos os dias na minha tabacaria. As vidas passam a correr por ali e já conheço tantas. Olhamos tão pouco para quem passa por nós. A vida são as pessoas e todos se esquecem disso. Os bancos já fecharam e nada. Ninguém te viu, ninguém te conhece. Daqui a pouco anoitece. Falta uma estação para ter percorrido todas as saídas possíveis do metro. Não estás.

Preciso tanto de ti, tanto.

Se soubesses o quanto preciso de ti podia ser que ao menos me quisesse ver só para te sentires precisado. Há tantas pessoas que estão com

outras só porque elas precisam delas. E assim se apagam para não deixarem a outra pessoa apagar-se. Há tanto amor por pena, por comiseração. Há quem se mate lentamente para não deixar outras pessoas morrerem. Todas as estações estão vistas, percorridas, olhadas. A noite caiu, a esperança também. Amanhã peço desculpa ao senhor Afonso pelo que fiz, por ter abandonado o meu posto de trabalho. É um doce, aquele homem. Que sorte tem a mulher, que ele ama-a tanto. Um dia podia alguém amar-me assim.

Onde estás que me abandonaste?

Fui tão ingénua em ter acreditado que iria conseguir. A esperança é quase sempre uma ingenuidade travestida. Acreditamos porque acreditar nos faz bem. Acreditar é um momento de felicidade.

Que raio de euforia crias em mim?

Agora caio. Caio em mim. Custa muito cair em mim quando não sei se me consigo amparar. Adaptamo-nos à dor. Crescer também é encontrar a melhor maneira de integrarmos a dor em nós. Já é quase meia-noite. Passei catorze ou quinze horas à procura de um fantasma. O amor às vezes é um fantasma, uma criação da nossa cabeça. Talvez nos apaixonemos sempre por criações da nossa cabeça, por personagens mais ou menos miríficas que depois, com o tempo, se vão tornando reais. É no encontro com a realidade que percebemos se é mesmo amor ou uma ilusão mental. Uma espécie de fuga. Há quem tenha amado fugas e pensado que era amor. Amamos vezes de mais para fugir. Da solidão, do medo, da incerteza. De nós. A rua vazia. As luzes já quase todas apagadas. Entro no prédio e penso na noite triste que vou ter. Mais uma noite triste. Sem nada de novo, sem nada para contar.

Porque me fizeste isto?

Saio no elevador e deixo cair ao chão a bolsa e o quadro contigo. Estás ali. Estás aqui, sentado na porta da minha casa com um quadro com a minha imagem desenhada na mão.

«Demorei sete dias mas encontrei-te. Não aguentei dois dias sem ti e vim procurar-te.»

Estou quase a morrer e mais viva do que nunca.

«Só vim aqui dizer que o jornal do dia vinte e quatro veio sem o suplemento.»

As mulheres são um inferno inocente,  
dizia-lhe ele com a cabeça pousada no ombro dela, o cigarro aceso  
pousado na mesa, esquecido enquanto o fogo ardia nos lençóis,

A alegria é feita do que não podemos provar,  
respondeu ela, e passou a língua pela boca dele, lentamente, como se  
não quisesse provar o que estava a provar,

Todo o fogo é juvenil,  
escreveu ele, horas mais tarde, num papel que lhe deixou debaixo da  
almofada, com o seu número de telemóvel, para que quando acordasse se  
sentisse outra vez dele,

Vistos de longe todos nos amamos,  
ela falava com uma amiga no café e criticava aquele homem com quem  
passara umas horas e que nunca mais dissera nada, nem uma palavra, nem  
uma mensagem, nada,

O amor às vezes tem de se subir pelos degraus,  
era o que ele pensava enquanto se encaminhava para a casa dela para  
tentar perceber porque é que ela não lhe disse nada, tanto tempo já tinha  
passado e nada, sabia que provavelmente não valia a pena ir lá, pois se ela  
nada dissera é porque nada queria com ele, mas não custava tentar, não  
custava ouvir mais um «não», ele que passara a vida toda a ouvi-los, um  
atrás do outro,

Quando quero explicar o meu futuro a tua imagem aparece-me nas  
palavras,

começou por explicar, não sabia bem o que aquilo queria dizer mas era  
exactamente aquilo que queria dizer,

Quero que sejas os aposentos da minha loucura,  
ela entendeu, abraçou-o, passaram algumas horas a entender que às  
vezes os corpos são necessários para que as almas se conheçam,

Os corpos nas luzes suspensas são como uma cidade em chamas,  
foi o título do livro dele, lançado um ano depois, mais coisa menos  
coisa, com o silêncio dela (e a saída curta dela, sobretudo) na primeira fila,

Entre mortos e feridos salvam-se os que amam,  
e naquele dia não houve mortos nem feridos, mas houve os que se  
amam,

e que se salvaram, claro.

Problema e solução vivem em tempos diferentes, só isso.

Chegavas com frases assim e o terror acalmava. Desde pequeno que eras isso: a calma no meio do caos. E foi isso o que me faltou. Faltaste-me para me domar a loucura.

São os loucos que mudam o mundo mas sem um domador talentoso ao lado um louco não muda nada.

Só se estraga, só se deteriora, só se acaba. Tão importantes como o louco são aqueles que o amam, aqueles que o protegem da sua própria loucura, aqueles que conseguem fazer daquela loucura uma loucura saudável.

Às vezes temos de nos fazer de malucos durante uns minutos para não ficarmos malucos.

Faltou-me aprender o silêncio. Sabias tanto com o silêncio. Encontravas tanto com o silêncio. Às vezes é tudo o que podemos dar. E só quem nos ama, quem nos ama de verdade, consegue entender-nos no interior do silêncio. É tão livre aquele que pode gritar com toda a força como aquele que pode ficar calado o tempo que lhe apetecer.

Sinto falta de ti a ocupar-me com os olhos o que me falta em palavras.

Fiz asneiras, pai. Onde estavas para me impedir aquilo? Onde estás que não me dás um sinal? Quis tudo na hora, no momento. Quis apressar a felicidade e fiquei fora dela. Tive pressa à procura da intensidade e percebi que estava a descartar-me do que poderia ser. Tenho tantas saudades do que poderia ser. Nos teus braços poderia ser tudo. Era tudo. Nos braços dela também e deixei-a ir. Quase a obriguei a ir.

Pior do que não realizar todos os sonhos é realizá-los todos.

Os sonhos também envelhecem, sabes? Ficam maduros. Mais sábios. Foi mais ou menos assim que me disseste um dia. Queria forçar-te a fazeres o que eu queria. Fiz birra. Chorei. Mantiveste-te sereno e explicaste-me. Eu entendi. Na altura não te mostrei que entendi, claro, era o que faltava dar o braço a torcer, não é? Mas entendi. E é por isso que prossigo. É por isso que continuo. Espero que chegue alguém para me querer assim, eu. É esse o sonho, nada mais.

A realidade só vale a pena quando alguém percebe a nossa loucura.

Ensinaste-me a provar a mim mesmo que a minha vida não estava errada. É isso o amor. Dá sentido a tudo, sim; mas, mais ainda, faz-nos perder os sentidos e ganhar novos. Sentidos que nunca sentíramos. Sentidos que chegam de onde nada temos — e que ainda assim existem. Sentidos que permanecem. Que resistem.

Podemos perder um amor mas nunca perdemos o que amamos.

Somos isso, o que amamos. Não existe uma vida para o amor: o amor é uma vida. A que interessa. A que nos faz estar com o outro. É isso a fidelidade: querer estar com o outro. A toda a hora. De mãos dadas durante o dia; de pés dados durante a noite. Estar com o outro. Ser ele o primeiro pensamento ao amanhecer, ser ele o último pensamento ao deitar. Estar com o outro. Preso ao outro, refém e senhor do outro. Queria estar com ela mas perdi-a. Onde estavas para me resgatar de mim?

Pensei que amar era sofrer mas amar é acima de tudo o momento em que paras de sofrer.

Só ela me fez parar, pai. E é por isso que te deixo agora por uns instantes e falo para ela. Para ti. É para ti que escrevo. Comecei por pensar que queria escrever para o meu pai mas és tu quem eu quero olhar, és tu quem eu quero encontrar agora. Já me falta imaginação para trazer as tuas lembranças. Preciso de estar contigo. Toçar-te. Olhar-te. Saber que me olhas. É tão bom ser olhado por ti.

É tão bom ser olhado por quem amamos.

E é tão fácil apaixonarmo-nos por quem não conhecemos. Há o fascínio, o primeiro toque, o primeiro beijo, o primeiro gemido, a primeira piada. É tão fácil apaixonarmo-nos por quem não conhecemos. Mas o amor é o que se apaixona depois da intimidade, depois da falha.

Apaixonei-me por ti depois de te conhecer, e é por isso que te amo.

Sei que o inferno não foi um lugar inventado. Sei que é nele que estou: na ausência de ti. Escrevo-te com honestidade. Foi isso o que me faltou. Honestidade. Mostrar-te o que sou e esperar que me amasses assim. Como me mostraste quem eras e eu te quis mais ainda, mais fundo ainda. Queria que me escolheesses e fui outra pessoa, a pessoa que pensei que querias escolher.

Haverá uma segunda vida para a nossa primeira felicidade?

Aguentaste o que pudeste. Alimentaste-te das migalhas que ias encontrando e que depois descobriste que eram migalhas do teu próprio pão. Sim, não te dei nada. Não te dei o que podia dar-te. Por medo, um medo castrador, que me fechou e que quis que te abrisses. Fugi de mim com a minha fragilidade, e foi assim que fugiste de mim. É a fragilidade que nos faz maiores, e é o orgulho que nos encolhe.

Amo-te e por isso não te tenho: és tu que me tens.

Deito-me com o teu pensamento. Não só a pensar em ti: com o teu pensamento. Imagino o que pensas e quase aposto que acerto. Conhecemo-nos como conhecemos o que pensamos. Pensámos juntos tantas vezes. Eu ainda penso. Ainda penso contigo quando penso. Tiras-me o sono mas devolves-me a paz.

Não tenho medo das tuas palavras, só da tua indiferença.

Não sei ainda se te enviarei este molho de mim. Este amontoado de incoerências. Se o fizer, peço-te apenas que, se sentires um bocado que seja de vontade de tentar outra vez este desgraçado na tua vida, não hesites.

Anda. A que horas for, quando for. Anda. Sei da pior forma que adiar é perder a oportunidade. Sei da pior forma que a emoção é o momento. Se leres estas palavras e nada disto te for indiferente, anda. Anda com a certeza de que sei que se não aceitaste tudo o que fui é porque, tão só, te respeitas, porque te amas. E isso apaixona-me ainda mais. Peço-te apenas que percebas que ter paz é muito mais importante do que ter razão. Lamento não o ter entendido antes. Se vieres, continuarei a ser o homem mais frágil e incompleto de mim. Mas serei teu. Se não vieres, aqui ficarei, a sentir-te. Ao teu lado. Pronto para te receber a sós. É isso a saudade.

Prefiro morrer de saudades a deixar que a saudade morra.

Podias às vezes dizer que me amas, passar a mão pelo cabelo quando te deitas, sussurrar-me coisas bonitas ao ouvido,

ou coisas que mais ninguém poderia ouvir, melhor ainda,

podias às vezes ser o homem que me parecia que fosses ser, que me abria a porta quando saía do carro, que vinha despedir-se de mim com beijos pela janela, pela varanda, que passava a vida a dizer que me amava, e que depois me amava mesmo, melhor ainda,

podias às vezes partilhar comigo o que pensas, o que te vai por dentro, o que te faz fazer o que fazes, dizer o que dizes, o que te deixa nervoso e o que te deixa feliz, o que percorres ao longo dos teus dias,

e levar-me contigo ao longo dos teus dias, melhor ainda,

podias às vezes fazer-me uma surpresa boa, pode ser um bilhete debaixo da almofada, pode ser cozinhar para mim, ou escrever para mim, ou arrumar a casa para mim,

ou desarrumar a cama comigo, melhor ainda,

podias às vezes olhar para mim com olhos de amar, aqueles olhos que tinhas e que deixaste de ter, abraçar-me quando eu menos esperasse, levantar-me no ar no meio dos teus braços fortes, cantar-me uma canção ridícula de amor,

ou ser ridículo de amor, melhor ainda,

podias às vezes deixar o trabalho mais cedo, vir para mim mais cedo, estender-te no sofá ao meu lado, ver a série que já não partilhamos, terminar o filme que deixámos a meio,

ou deixá-lo outra vez a meio porque o prazer é urgente, melhor ainda,

podias às vezes dizer-me que sou linda, que sou a tua rainha e que tu és o meu rei, apalpar-me às escondidas no meio da rua, no elevador apinhado,

ou parares o elevador quando estivéssemos só os dois, melhor ainda,

podias às vezes ser o homem perfeito, o homem mais completo do mundo,

ou simplesmente o meu homem, melhor ainda.

hoje vamos fazer a terra parar. vou levar-te  
para o labirinto no meio da bruma e fazer-te  
invisível no meio dos meus braços. o imponderável  
é o teu suor original: todas as pessoas  
são imitações de ti. não é académico não saber  
nada de mim quando chegas: sou filho de  
uma demência monstruosa quando furtivamente  
te chego à pele.

o amor exige um silêncio precário, uma improvável  
mistura entre o profano e o desastre. disse-te que hoje  
vamos fazer a terra parar. disseste-me  
que se fosse necessário me trazias o começo  
do orgasmo. o incompreensível é um espectáculo  
inocente, inadmissível. é cru e nu que se diz o poema  
e também o diabo. a linguagem é um incêndio: o verbo  
faz-se da tua boca altiva. morrerei dos nossos lençóis bêbados  
ou recusarei o fim.

De maneira que chegaste, despiste-te e abraçaste-me com toda a  
naturalidade do mundo. Quando dei por mim estava sem saber quem era e  
pela primeira vez com a certeza absoluta de que era de alguém. Viemo-nos  
com tudo a que tínhamos direito. De seguida cantámos uma ou duas  
canções juntos. Não fumámos um cigarro nem bebemos o que quer que  
fosse. Limitámo-nos a ir cada um para a sua vida.

Calhou a vida de um ser a mesma do outro.

o teu ofício é aterrorizares-me  
as margens. cortas-me pela garganta,  
à navalha, as certezas que me chegam  
das memórias. antes de ti bastava uma  
pequena cicatriz para me contar  
a vida. agora despedaço-me numa ferida  
funda, num prazer sem sintaxe.

errei quando desisti de tudo por ti:  
foi imperdoável não o ter feito mais cedo.



Quero que me protejas do que me ataca  
mas também quero que me deixes saber como me defendo do que  
ataca.

Olha-se para a vida como se olha para um filho: sem saber o que fazer para que o tempo pare para sempre, para que para sempre possamos viver aquele momento, aquele exacto instante em que somos felizes. Sem saber quando devemos deixar ir, deixar voar, deixar até cair, para que chegar mais longe seja possível, para que crescer seja possível. Queremos tanto ver um filho crescer como queremos que não cresça, que fique assim, o nosso menino, o nosso bebé, à nossa procura pela casa, agarrado às nossas pernas para se manter feliz.

Olha-se para a vida como se olha para um filho.

Quero que me desejes como um louco  
mas também quero que me acarinhos como um louco.

O equilíbrio é banha da cobra, um conto de fadas que nem sequer tem um final feliz. Para que interessa estar sempre certinho se a euforia acontece depois das regras, no final da curva — e nunca no meio da recta? Eu quero a curva e a recta, o precipício e a várzea, acalmar aqui e excitar ali, não saber o que esconde a porta que vem a seguir e mesmo assim saber que não trará a dor absurda, a dor incomportável. Só o fim da esperança não se comporta, e é também quem não se comporta que nunca perde a esperança.

Olha-se para a vida como se olha para um louco.

Quero ser aquela a quem apontam o dedo  
mas também serei sobretudo a que nunca um dedo apontou.

O juízo dá trabalho e é oco. Somos de uma moralidade volátil, de uma dignidade interesseira: defendemos como certo o que nos faz bem, e é basicamente tudo. E é mesmo. É claro que magoar não pode ser o caminho. Nem desrespeitar. Muito menos mentir. Mas quando a nossa sobrevivência depende de uma fuga ao correcto, talvez aí percebamos que o correcto é o que pode salvar-nos, e que a salvação às vezes pode magoar — mas esperemos que não, esperemos que não. Justo é ser feliz. Ponto. Não falta quem seja capaz de ajuizar quem ama; o que falta é quem saiba amar independentemente de todos os juízos.

Olha-se para a vida como se olha para a lei.  
(não é por acaso que ela é cega).

«Antes de haver o tempo, há o amor.»

A frase estava na parede à porta da minha casa quando te vi pela primeira vez. Estavas sentada na paragem do autocarro e eu nesse dia percebi que não compensa, de todo, andar de carro na cidade.

«No começo está o beijo, a necessidade de parar o minuto.»

Chegaste assim junto de mim quando estava à espera do 45 que todos os dias me levava para a empresa. E estava atrasado, como sempre, e eu nesse dia percebi que há atrasos que nos adiantam a vida.

«Somos todos dependentes do que sentimos: somos todos o que sentimos.»

Não sei de onde saiu esta frase mas foi a que te enviei quando saíste do autocarro. Eras a mulher mais bonita que já tinha visto na vida, e até na morte suspeito que não haja alguém mais bonito do que tu, quase aposto.

«A vida é a capacidade de sentir medo sem sermos parados por ele.»

Falei-te nesse nosso primeiro encontro de tudo o que já tinha vivido e ultrapassado, de todos os sonhos que tinha, da força que todos os dias fazia para ter dois empregos e ainda estudar na universidade à noite. A sabedoria dá trabalho mas às vezes também dá amor, e um beijo.

«Amar é a cura possível para o envelhecimento.»

Estamos juntos há mais de trinta anos e ainda acordo para ver que és tu, para ter a certeza de que consegui, consegui mesmo, consegui mesmo fazer de ti a minha mulher. Nunca pensei que existisses mas quando vi que existias percebi que era eu que antes de ti não existia.

«Obviamente resisto.»

Temos os dois a morte junto à nossa porta mas estamos mais vivos do que nunca. Quando ela finalmente entrar vai querer levar-nos mas vai gostar tanto de nós que vai acabar por ficar ela aqui, até temos o quarto de hóspedes prontinho para ela e tudo. Nem a morte resiste ao amor, tenho a certeza.

«E ficaram juntos para sempre.»

Um dia alguém irá escrever isso e vai ser bem giro, claro. Mas para já pode muito bem sentar-se que ainda temos força mais do que suficiente para escrevermos nós mesmos. Tenham lá calma, sim?

Deixas-me seguir-te no Instagram?,

sei que foi arriscado, se calhar não deveria ter feito assim a pergunta, sem mais nem menos, eu que nem tenho Instagram que a chata da minha mãe não deixa, ah e tal com doze anos ainda é muito cedo para essas coisas, mas tu tens e se me disseres que sim agora mesmo eu juro que arranjo maneira de criar um,

juro pelo meu querido cão que sim, juro juro.

Deixas-me seguir-te até ao refeitório?,

tu não sabes mas escolhi esta escola por tua causa, tive de inventar o que nem imaginas para a minha mãe não desconfiar, a minha Secundária seria do outro lado da cidade mas não sei se aguentava ter uma cidade a separar-nos, sabe Deus o que é ter uma cadeira ou uma mesa entre nós que fico logo nervoso, como se tivesse saudades de te olhar de perto, gosto tanto de te olhar de perto, fico mais feliz quando te vejo junto a mim, aqui não sei bem como se come, é o meu primeiro dia e o teu também, mas se não gostares vamos a outro lado qualquer, onde quer que não estejas é outro lado qualquer, quero estar onde estiveres, é aí que estou bem, vamos, já te disse, já te disse, se não gostares da comida daqui eu arranjo maneira de irmos a outro lado, ao melhor restaurante da cidade se tiver de ser,

juro pelo meu querido cão que sim, juro juro.

Deixas-me seguir-te até ao altar?,

não é bem seguir, mas quem quer saber de preciosismos numa hora destas?, eu vou primeiro mas sigo-te, a minha vida é seguir-te, quero que me sigas também, quero que sejamos o que já somos, desde o Instagram, lembras-te?, agora quero que haja um papel a confirmá-lo não vá a lei querer separar-nos, ingénua, quem quiser separar-nos é ingénuo ou parvo, ou as duas coisas, os teus olhos têm uma espécie de lágrima, agora têm uma lágrima mesmo, não sei que bem fiz eu ao mundo mas ter-te é uma felicidade que não sei se mereço mas faço por merecer, farei sempre por merecer, e quando não merecer diz-me, diz-me logo, nunca deixes de dizer, nunca deixes de me mostrar o que sentes, o que te faço sentir, nunca deixes de te queixar se houver queixas, mas também nunca deixes de me elogiar se houver elogios, tem de haver, faço tanto por ti, por nós, faço tudo para te ver bem e assim fico bem, mas dizia-te que se não te fizer feliz só tens de me dizer e eu arranjo maneira de fazer,

juro pelo nosso querido cão que está a ficar velhinho que sim, juro juro.

Deixas-me seguir-te até à maternidade?,

ele vem aí, não estávamos à espera de que viesse já, mas ele vem aí, estás ansiosa, andas ansiosa há meses, temos tanto medo de perder quem já temos antes de ter, não temos?, eu também, eu também ando nervoso mas faço por não te mostrar, tu tens de estar bem, vamos, vamos com calma, está tudo bem, estamos todos bem, eu, tu e ele, tenho a certeza, tenho a certeza, digo-te uma daquelas piadas secas e tu ris, e acho que o sorriso, um sorriso assim pelo menos, pode muito bem fazer com que o nosso filho seja o bebé mais bem-disposto de sempre, não tem por que não ser, és linda quando me fazes rir, e fazes tantas vezes, espero que ele saia a ti, tudo a ti, a mim que saia apenas no amor que tenho por ti, quero que te ame com tudo o que é, teremos isso em comum, e talvez não haja ligação maior do que essa, seremos os dois as pessoas que mais te amam nesta vida de Deus e às vezes do Diabo, desculpa, nem deveria dizer essa palavra hoje, hoje é o dia mais feliz da nossa vida até chegar o próximo dia mais feliz da nossa vida, tem sido sempre assim, vamos fazendo dias mais felizes da nossa vida atrás de dias mais felizes da nossa vida, este é especial, este provavelmente vai mesmo continuar a ser o dia mais feliz da nossa vida, vou estar aqui a salvar-te do que possa doer, se houver dor passa-a para mim o quanto puderes, vou libertar-te do que fere o mais que puder, vou mesmo,

juro pelo nosso querido cão que está lá em cima a olhar por nós que sim, juro juro.

Deixas-me seguir-te até à faculdade?,

dezoito anos, o nosso tudo tem dezoito anos e já vai, nós viemos com ele, nós vamos ficar com ele mesmo que estejamos quase a ir embora, fomos sempre com ele, desde o infantário que fomos com ele, lembras-te de quando o levamos pela primeira vez e acabámos os dois fechados no carro junto à Câmara a chorar durante quinze ou vinte minutos?, as pessoas a passarem e nós ali, o nosso menino, o nosso bebé, o nosso tudinho, quando nascemos talvez seja para amarmos assim, como eu te amo e como nós o amamos, vá, agora vão lá, diz ele, com aquele sorriso, aquelas covinhas, é tão perfeito o nosso bebé, não é?, a viagem é lágrimas e recordações, é para isso que serve lembrar, para chorarmos melhor, ele vai ficar bem, ele fica sempre bem, desde bebé que se adapta, que percebe, que cresce, e nós com ele, aprendemos tanto com ele, todos os dias uma descoberta, e ele que não pense que vai deixar de ser assim, quero aprender com ele uma coisa por dia, pelo menos, quero que nos conte uma história por dia, e vai contar, vais ver, vais ver,

juro pelo nosso querido cão que está lá em cima a olhar por nós que sim, juro juro.

Deixas-me seguir-te até ao hospital?,

era o que faltava fazeres as sessões de quimioterapia sozinha, nem

pensar, vou contigo e vamos dar cabo dessa merda, desculpa a palavra, sei que não gostas, vamos dar cabo dessa vaca num instante, nem nos vamos chatear muito, ela não sabe com quem se meteu, não faz ideia, não entende que está a enfrentar um exercito de três, estamos ligados por sangue e por algo que nos protege do que fere, do que mata então nem se fala, eu, tu e o nosso tudo, os três, ficamos tão bem juntos, ele com aquele uniforme, é bata que se diz, não é?, é o médico com mais pinta que o mundo já conheceu e algum dia conhecerá, que espectáculo o nosso menino, em três tempos vais ficar livre para nós, temos ainda muita coisa para fazer, arrumar o terraço, por exemplo, não penses que te escapas disso, prometeste que irias ajudar-me a arrumar aquele caos, há ainda tanta coisa do nosso menino por lá, até os carrinhos e as pistinhas dele, vê lá tu, custa tanto deixar ir o passado em que fomos felizes, custa tanto mas tem de ser, ainda temos muitas memórias para fazer, passamos a vida a construir momentos inesquecíveis, vamos construir muitos mais, descansa, num instantinho vais estar livre desta vaca, já te disse,

juro pelo nosso querido cão que está lá em cima a olhar por nós que sim, juro juro.

Deixas-me seguir-te até aí?,

e desta vez disseste que não e nem me deste tempo para rebater, agora vou ter de ficar quando só queria ir, vou cuidar de mim como me pediste para cuidar, abraçar todos os dias o nosso tudo, mas não penses que te soltaste de mim, não vou desistir mas quando tiver de ir vais ter de me explicar como me deixas assim, sem ninguém para seguir no Instagram, já apaguei o perfil porque não serve para nada, quando aí chegar vais explicar-me isso, vais,

juro pelo nosso cãozinho bebé que está aqui no meu colo que sim, juro juro.

— Quando chegam os problemas normalmente atiro-lhes prazer para cima, e os problemas deixam de ser problemas e passam a ser prazer.

— E quando o prazer acaba?

— Voltam os problemas.

— Isso é um problema.

— É. Mas passa.

— Passa?

— Com o prazer.

— ...

— Já te tinha dito.

— Sim.

— ...

— Somos então problemas ou prazer, é isso?

— Basicamente. É mau?

— Há coisas piores.

— Não haver prazer.

— E não haver problemas. A existência de problemas é o que motiva o prazer. O prazer pode até ser, em muitos casos, prazer apenas porque resolve problemas.

— ...

— Faço-me entender?

— Perfeitamente.

— A perfeição é uma seca. Quando tudo corre bem alguma coisa está mal. Não suporto quando tudo corre bem.

— O tédio é um problema.

— O tédio nem problema é. Se fosse problema seria a antecâmara do prazer. Assim é a antecâmara de nada. Um não-acontecimento.

— A ausência de problemas é o tédio.

— A ausência de problemas é a morte. Quem nada tem para resolver nada tem para viver.

— O tédio é a morte.

— O tédio é pior do que a morte. A morte chega e acaba com tudo. O tédio chega e acaba connosco e deixa tudo o resto a continuar à nossa volta. Ficamos parados a ver o movimento dos outros.

— Entedio-te?

— Mexes comigo.

— O amor é mexer. É movimento. O amor é então o contrário do tédio, o contrário do nada. Não é por acaso que se diz que o amor é tudo. Porque o é.

— Sim. Amo-te.

— Estava a ver que não chegávamos lá.



quem foste? depois de ti preciso de uma ressurreição. passo pelas lembranças de bisturi na mão, a tentar escolher de que morte quero morrer. a saudade é uma morte profunda. não sei fugir dos lugares onde estás, da pele que ainda tenho em mim. quem fui? o que magoa é a brutalidade dos pormenores. pratico o esquecimento mas não sei como me tornar mestre. amanhã dentro da ratoeira. o amor mata ou salva? morrer é um trabalho contínuo. todos os ofícios exigem persistência. gostava de deixar de ser uma pedra no teu muro, deslizar para fora da esperança como de bicicleta, mas sem ti perco a música, sou um ramo seco sempre quase a cair. como se esquece alguém inesquecível? quando te vejo o corpo dói todo, fico povoado de repente, e depois tu vais. a saudade é uma aldeia deserta. suspeito que no teu riso está a redenção. digo-te: não sei como se esmaga o que te quero. dizes-me: sinto um garrote nos ossos. digo-te: se voltássemos a ficar juntos tudo isto seria um vulto. dizes-me: estamos na estação em que verão e inverno se tocam. digo-te: prefiro o sarcasmo à cautela. dizes-me: prefiro aprender antes de rasgar as unhas na parede. digo-te: a execução faz a superação. dizes-me: não quero pesar sobre uma varanda inacabada. não dizes mais. não digo mais. talvez estejamos agora deitados juntos no equívoco, distantes do passado, espantados com a beleza inesperada do que ainda poderíamos ser. ou talvez estejamos agora indignados, sem poema e muito mais sem poesia, desconhecendo que a desolação muitas vezes serve para evitar o desmantelamento total. onde quer que estejamos estaremos a amar-nos, nenhum corpo define uma presença, a única palavra com futuro é amo-te.

amo-te.

Hoje vou.  
Pedir desculpa.  
Dizer o que sinto.  
Desistir do que não sinto.  
E dançar.  
Dançar na chuva.  
Cantar na rua.  
Hoje vou dizer que não.  
Que não quero o que só dói.  
Que não me entrego a quem não se entrega.  
Que não insistirei no que só magoa.  
Não.  
Não me calarei perante a injustiça.  
Não ficarei ao lado de quem é injusto.  
Não.  
Não farei de conta que não dei conta.  
Terei coragem. Serei.  
Hoje assumo.  
A mulher que sou.  
A força que tenho.  
A raiva que me corre nas veias.  
A sensação de que se posso mudar o mundo então mudá-lo-ei.  
Hoje assumo.  
E temo. E caio.  
Porque o medo é coragem por ser.  
Porque cair é a véspera de crescer.  
Porque quem nunca caiu nunca voou.  
Hoje digo.  
Digo que não mais viver por viver, que não mais andar por andar.  
Digo enfim que no final fica o que se sente, e é isso o que sou.  
Sou a senhora e a menina, a que sonha e a que perde.  
Sou humana por inteiro, sobretudo quando a mágoa às vezes me parte a meio.  
Sou a que quando faz tem de ser em grande, e que só deixa de fazer quando finalmente estiver feito.  
Sou a que já quis apenas ser feliz e que agora faz por ser feliz, a que não fica à espera de uma decisão e que prefere tomá-la na sua mão.  
Hoje sou o que sempre serei, o que sempre fui, o que jamais esconderei.  
Hoje sou a mulher que sou.

A única mulher que sei ser.

Os teus dedos cravados na minha pele são uma linguagem imóvel, um palco de rotações animais, uma alucinação extenuante,  
e o silêncio pára para nos ouvir amar.

Quando me precipito sobre a ficção do teu corpo é como se uma pauta me franqueasse a entrada: antes a alegria total suspensa que uma labareda por concretizar.

Nada faz tremer mais os povos do que o pasmo de um veneno que cura, um precipício estranho: só foder é a arte suprema,  
é de lá que nascem todos os génios.

Permito-me o toque, o físico, a poesia transgressora que me ressuscita a esperança: se há algo a favor do mundo é o orgasmo,  
e o medo de ser o último.

Sou tua vítima e tu a minha, a pressa sem nome: o maior espectáculo é a coragem de enfrentar a armadilha, abdicar da metáfora e trocá-la pela carne.

Só o que nos mata é eterno.

Abandono agora a cama: saio daqui como entrei: dono de nada e do mundo. A teoria ensina tudo menos a selva. Há então que regressar ao começo da intensidade, à paixão arcaica, fundadora.

Só o abismo nos salva do abismo.

É fundamental destruir como processo de criação. Destruímos-nos de cada vez que nos separamos. É nessas ruínas que nos cortamos aos pedaços,

e pele a pele, no contrário da ciência, voltamos a costurar-nos desde a raiz.

Só a loucura explica o amor.

Sozinho, ao volante de um carro, recordo o pavor e a doçura, as paralisias inumeráveis, e escuras, da cobra que anda no meio de nós. Estás no centro do meu fogo, desde o umbigo até ao fundo.

Só amar é um luxo,  
e tu.

# 👉 COMO FODER UM CASAMENTO 👈

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 1. NÃO OUVIR

És o homem da minha vida e eu hoje faço anos,  
tirei um dia de férias lá do escritório para nós,  
de certeza que sabes que só queria que viesses mais cedo,  
pode ser às quatro, pode?,  
e depois vamos ver como ficou o parque novo junto ao café onde nos  
conhecemos,  
sabes onde é, não sabes?,  
ainda ontem ou anteontem te falei nele,  
fizeste de conta de que não ouviste mas de certeza que estavas só a  
querer disfarçar, já deves ter tudo preparado,  
provavelmente até estará lá a nossa menina,  
temos a filha mais linda de sempre, não temos?,  
temos o amor mais lindo de sempre, não temos?,  
e merecemos, claro que merecemos,  
como quem não quer a coisa falei-te no outro dia naquele restaurante de  
*sushi* em frente à praia velha, na esquina com a ponte,  
até fiz um gosto no menu deles na página de Facebook,  
deves ter visto, com certeza,  
aposto que estás quase a chegar,  
o trânsito, o trânsito,  
às cinco também não está mal,  
anda, anda,  
não telefonaste a dar-me os parabéns porque queres fazer-me uma  
surpresa, só pode ser,  
e de manhã saíste tão à pressa,  
aquela reunião importante, aquela reunião importante,  
nem me deste ainda os parabéns,  
mas são cinco e meia e não tenho dúvidas de que estás quase a chegar,  
quase, quase,

vou fazer de conta de que estou surpreendida, prometo, vou dar o meu melhor para disfarçar,

toca a o telefone e és tu,

sim, sim, meu amor, não há problema, não há problema,

como se eu acreditasse que logo hoje, no dia do meu aniversário,

no dia do aniversário que eu te disse há uma semana que era o mais importante da minha vida, não sei porquê mas é,

amar é ouvir, amar também é ouvir, ouviste bem?,

como se eu acreditasse que logo neste aniversário não vinhas jantar,

estás mas é quase a chegar, meto a minha mão no fogo por isso,

vai ser uma surpresa de arromba,

vais chegar com a Andreia e vai ser espectacular,

até já estou a chorar só de imaginar,

olá, mãe, tiveste saudades minhas?,

sim, minha filha, meu amor, sim,

sete horas e a Andreia já chegou,

nem sinal de ti,

não estou preocupada, devem ter combinado bem isto, malandros,

amo-vos tanto, tanto,

quando sonho contigo sonho contigo e com ela,

és o homem da minha vida e eu hoje faço anos,

amo-te tanto, meu safado,

vê lá se chegas que são dez horas e o meu dia está a acabar,

é bom que tenhas o melhor presente de sempre,

o tal restaurante fica para depois, sem problema, desde que estejas tu, desde que venhas tu,

amar também é estar, sabes?,

já te confidenciei isso mil vezes, cá vai mais uma,

amar é estar,

onze e meia e tu não estás, nem um telefonema,

a Andreia canta-me os parabéns, faço um esforço para não chorar,

que triste é um amor que não está,

que triste é um amor que não ouve,

muitas felicidades e muitos anos de vida,

abraço a nossa filha e falo-lhe bem de ti, vou falar-lhe sempre bem de ti, fica tranquilo,

o pai já vem, o pai não se esqueceu de mim, o pai já vem e vai trazer muitos beijinhos e muitos presentes para a mãe, vais ver,

quando chegares vais saber que te amamos,

mas vais ter a casa toda só para ti,

considera isso o meu presente neste dia tão especial,

amo-te,

és o homem da minha vida e eu hoje faço anos,

por mais que me custe um dia aprendo a festejar sem ti,

garanto-te.

Fico perdido quando sei quem sou,  
a frase era do filme que ambos viam, sozinhos na mesma sala de  
cinema escura, um em cada canto,  
ando todos os dias à procura de me soltar de mim, sabes?,  
ele gostou daquela frase, escreveu-a no telemóvel, quis enviá-la para a  
mulher que amava, mas quis o acaso que percebesse que alguém tinha o  
*bluetooth* ligado, de um telefone semelhante, com um nome que mais não  
era do que o nome da banda favorita dele,  
quando for grande quero ser capaz de amar o que temo,  
era outra vez o filme a falar, era outra vez ele a gostar da frase, a querer  
enviá-la para a mulher que amava, mas aquele *bluetooth*, ai, aquele  
*bluetooth*, era mais forte do que ele, foi mais forte do que ele, escreveu as  
duas frases,  
ando todos os dias à procura de me soltar de mim, sabes?,  
quando for grande quero ser capaz de amar o que temo,  
fez uma captura de ecrã, escolheu aquela pessoa, carregou em enviar,  
recebeu a indicação de que a mensagem havia sido entregue, abanou a  
cabeça,  
o que fui eu fazer?,  
foi ele quem disse, mas não disse sozinho, no filme um dos actores  
também o dizia,  
não sei quem és mas gosto das tuas palavras,  
foi a resposta que chegou em segundos, poucos, pouquíssimos,  
ele não queria acreditar, olhou em redor, a sala escura e só uma luz,  
uma luz de telemóvel, ao longe, do outro lado, mesmo do outro lado,  
não sei quem és mas aposto que vais mudar a minha vida,  
o actor do filme continuava, ela ouviu, anotou, quis enviar para aquele  
*bluetooth* que tinha o nome do seu escritor favorito,  
não sei quem és mas aposto que vais mudar a minha vida,  
carregou em enviar mas era tarde de mais, a mensagem já não foi lida  
por ele, pelo menos no seu telemóvel, leu mesmo no telemóvel dela, ali, ao  
lado,  
estavam juntos na mesma sala de cinema,  
é uma pena termos de nos separar mas tem de ser,  
assim acabou o filme,  
o do ecrã, o deles não, o deles ainda não acabou, demorou mais uns  
dois ou três minutos, até o empregado de limpeza aparecer e meter alguma  
ordem naquilo,  
há filmes que mudam a vida de quem os vê, sim,



podia ler-se nos convites de casamento que alguns meses depois  
enviaram a todos os familiares e amigos,  
mas também há filmes que mudam a vida de quem não os vê.

[a explicação do pai]

Um pai é, para o seu filho, uma espécie de lenda viva, o gajo que consegue coisas inacreditáveis, que resolve tudo, que tem a resposta para tudo, que o leva ao futebol, que joga com ele, que brinca com ele. Um pai é, para o seu filho, o herói possível, o herói que ele tem à mão, o herói para consumo imediato, mesmo que não seja, e isso acontece muitas vezes, herói nenhum. Só tarde, tarde de mais, é que o filho consegue ter discernimento para, de forma mais distante, perceber quem é aquele que ele tanto venerou. É aí que acontecem as famigeradas decepções, as famigeradas alterações: no momento em que o filho, mais velho, mais consciente ou mais inconsciente, se rebela perante o pai. Deixa de lhe obedecer cegamente, porque já não o vê como o líder carismático que sempre lhe pareceu ser, porque começa a ter as suas próprias ideias, porque quer experimentar, por todos os motivos e mais algum. Chega um momento em que um filho deixa de ser o filho do seu pai e passa a ser o pai de si mesmo, ou no mínimo passa a acreditar que pode sê-lo (é também aí que o pai deixa de ser o pai do seu filho e passa a ser o órfão do seu filho). A dor da adolescência está nessa passagem de testemunho, de fora para dentro. Deixa-se de depender dos outros, dos que nos protegiam, dos nossos heróis, e passamos a depender de nós mesmos, e isso dói, isso dói como poucas dores doem.

Gosto de testar os limites,  
disse-lhe ela, olhos fixos nos dele, enquanto enchia a mala, pousada em cima da cama, com roupas variadas,

Preciso de saber quanto valho sem ti,  
ele sem uma palavra, a vê-la, a ouvi-la, as mãos caídas, os braços caídos, as lágrimas caídas,

Sei que vai doer não te ter mas sei que vai doer mais ainda não ter a mim,

a mala fechada, a porta já ali,

Não vás sem antes ficares,

a frase dele não teve lógica nenhuma, foi apenas uma grupo de palavras que saiu com a sequência errada, com o código errado para aquilo que ele queria comunicar, mas talvez tenha sido por isso, precisamente por isso, pela absoluta incoerência, que ela acabou por parar o seu caminho, sem entender muito bem porquê, à espera das próximas palavras que ele dissesse, como um naufrago à espera de uma bóia, por favor, uma bóia, por favor, uma bóia por favor, umabóiaporfavor,

Sei que inevitavelmente vou deixar de ser eu quando inevitavelmente deixarmos de ser nós,

ele que nunca fora destas merdas, ele que nunca fora de dizer o que sentia, ele que nunca contou a ninguém o que sentia por esta mulher, ele que sempre pensou que bastava o que fazia, e fazia tanto, para a ver feliz, para a fazer feliz, ele que nunca colocou qualquer responsabilidade sobre o que era no outro, só em si, só no que fazia, ele, ele mesmo, este homem agora de joelhos, mesmo de joelhos, sem metáfora nenhuma, ele, ele mesmo, ajoelhado diante dela, ele mesmo é o homem que acaba de assumir com toda a certeza, como se se tratasse de uma verdade universal mesmo tratando-se apenas de uma dor universal, quem nunca amou que atire a primeira pedra e se esconda para sempre debaixo dela, já agora, que quem nunca amou mais vale estar morto por fora como já está e sempre esteve morto por dentro, este homem, ele mesmo, coloca a chave da sua felicidade, a chave de tudo o que é, nesta mulher que não sabe como agir, o que dizer, ela que estava tão certa do que ia fazer, ia soltar-se do que a prendia, às vezes a vida parece simples, basta soltarmo-nos do que nos prende,

Acabei de perceber que é em ti que estão todos os meus limites, e se não os testar contigo não estou acima do meu limite, só abaixo, e os limites mínimos não interessam para nada, não é?,

é, apeteceu responder, quis mesmo responder, mas quando deu por si

estava a dizer mas ninguém o ouvia, feliz ou infelizmente não é possível falar de forma audível quando temos a nossa boca na boca de outra pessoa, a nossa língua na língua de outra pessoa, e não vamos desenvolver mais para não aquecermos mais, Deus nos livre,

Aperta-me para me libertares,

pediu ele, e finalmente veio a frase certa, a frase que responde a tudo o que tanto o atormentava, finalmente estava descodificado o segredo, o segredo que tanto procurara, de facto a vida às vezes parece simples, só temos de nos soltar do que nos prende,

Só não convém é soltarmo-nos do que nos prende, sim, mas à vida,

esta frase não disse, resolveu mostrar, já vá vão vinte anos, e parece que ela ainda não percebeu bem, ou pelo menos não quer perceber, escolha cada um a possibilidade que preferir.

Confesso que te amo.

Confesso que pequei.

Confesso que falhei.

Confesso que nunca deixei de te amar, doa a quem doer, doa-me como doer. E dói tanto.

Confesso que te quero acima de tudo.

Confesso que faço tudo para te ter.

Confesso que não fiz tudo o que podia.

Confesso que ainda te desejo como te desejava no primeiro dia, que ainda te quero como na primeira vez.

Confesso que não faço sentido quando estou em ti, quando me perco em ti.

Confesso que sou incoerente, inconsequente, um pouco demente.

Confesso que temo.

Confesso que temo que vás, que alguém te faça ir.

Confesso que traí a tua confiança para te proteger, só para te proteger.

Confesso que o teu perigo é o meu perigo, que a tua dor é a minha dor.

Confesso que não deveria ter feito o que fiz, mas confesso que só o fiz porque me pareceu que tinha de ser feito.

Confesso que quero que estejas vivo, que tens de estar vivo.

Confesso que talvez tenha falado de mais, explicado de mais, tentado de mais, conhecido más pessoas a mais.

Confesso que só queria uma vida melhor, um futuro melhor, nós os dois melhores.

Confesso que magoa. Magoa não estares aqui. Magoa a sensação de que podes nunca mais voltar a estar aqui.

Confesso que mói. O tempo mói, apaga tanto e acende outro tanto.

Confesso que não aguento a rotina mas que agora dava tudo o que tenho para a ter de volta.

Confesso que não suportarei ter filhos órfãos do pai que amam e do marido que amo.

Confesso que rezo para que voltes, para que apesar de tudo, contra tudo, possas voltar.

Confesso que acredito que resistes.

Confesso que estou ansiosa.

Confesso que estou arrependida.

Confesso que agora que o telefone toca só espero que sejas tu.

Confesso que estes metros até ao telefone nunca mais passam.

Confesso que sinto o coração nas mãos ao ver que és tu, que é mesmo o

teu número.

Confesso que tremo só de pensar que pode ser alguém com o teu telemóvel a dar-me a notícia que não quero ouvir.

Confesso que seria capaz de morrer para tu não morreres.

Confesso que nunca pensei amar-te tanto como agora, neste instante em que atendo a chamada.

(— Estou?)

Confesso.

# 👉 COMO FODER UM CASAMENTO 👈

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 2. OUVIR DE MAIS

Tens um amante.

Quando mentes o teu olhar desaparece longe do meu por mais que estejas a olhar-me nos olhos. Quando me mentes o teu olhar dissolve-se no meu.

A mentira tem perna curta, sim; mas tem mais ainda uma forma diferente de olhar.

Quando se mente, olha-se para longe do que se vê. Quando se mente não se olha nem se vê; apenas se mente.

Conheço-te tão bem, minha querida. Tão bem.

Conhecer bem é sentir bem: decodificar bem.

Como querias que não soubesse que quando te escondeste ontem na cozinha foi para falares ao telefone? Como querias que não ouvisse o que disseste: és perfeito, meu amor. Disseste «és perfeito, meu amor» a outra pessoa. Às escondidas. Às minhas escondidas.

E quando te perguntei quem era disseste que era alguém do escritório.

Mas eu ouvi. Eu ouvi. Ouvi o que disseste e agora não te perdoo. Não consigo perdoar-te a mentira. A traição. A fuga ao que sempre definimos como intocável. A honestidade.

Amo-te sobretudo. Amo-te sobre tudo; menos sobre a desonestidade.

Bastava seres sincera. Bastava chegares ao pé de mim e dizeres: amo-te mas há alguém que me faz tremer. Ou: amo-te mas há alguém que me faz querer. Bastava isso e talvez até isso te perdoasse. Talvez te dissesse: vai e faz o que tens a fazer. Se ainda quiseses amar-me, volta. Pode ser que ainda aqui esteja para te provar que não precisavas de provar nada mais para teres tudo.

Amar é a certeza de que não precisamos de provar algo mais para provarmos a nós mesmos que temos tudo.

Eu tinha. Eu tinha-te.

Tinha a mulher perfeita, a família perfeita.

E tu só me deste a mentira perfeita. A perda perfeita.

Como pudeste fazer-me isto? Como pudeste desfazer-me nisto?

O momento de desfazer amor é tão doloroso quanto é maravilhoso o momento de fazê-lo.

Queria ser teu para sempre, mas ouvi. Ouvi as tuas palavras às escondidas.

És perfeito, meu amor, disseste a esse alguém que te ouvia.

Eras perfeita, meu amor, digo-te eu. Eras, e eu não fico. Vou para longe e talvez para sempre.

Antes a tua saudade do que a tua mentira.



*Daqui a pouco serás feliz, meu amor,*

*amo-te, sabes?,*

*amo-te acima do que julguei ser possível amar alguém,*

*amar ou parece acima do possível ou é bem possível que não seja amor nenhum,*

*daqui a pouco chego, digo-te tudo e ficarás mais feliz do que tudo,*

*o dia total, aquele que sempre quiseste viver,*

*vamos vivê-lo a dois,*

*fiz tudo às escondidas com a tua irmã, com o teu pai,*

*e com o nosso filho, claro,*

*o nosso amor,*

*está tão longe e ainda assim ficou em nós,*

*está tudo pronto, mãe,*

*perfeito, meu amor,*

*ao lado de ti é ele o meu amor,*

*e o teu,*

*somos tão felizes, não somos?,*

*tão grandes,*

*ontem pensei que irias descobrir tudo e tremi,*

*fui para a cozinha e consegui depois disfarçar quando falava com ele,*

*eram só os últimos pormenores,*

*perfeito, meu amor,*

*disse-lhe para ele saber que sim, que tudo o que é nosso é perfeito,*

*vamos de barco até ao fim do mundo,*

*até ao começo de nós,*

*amar é ir até ao fim do mundo e até ao começo de nós,*

*és isso em mim,*

*a certeza de que sou tua porque é assim que sou minha,*

*a porta abre-se, quero ver a tua cara quando me vires chegar com este  
cartaz gigante na mão,*

*queres casar comigo do outro lado da Terra?,*



*e vais dizer que sim e chorar e abraçar-me e vamos ser mais um do outro,*

*como se fosse possível sermos mais um do outro do que aquilo que já somos,*

*abro a porta e tu não estás,*

*logo hoje tinhas de não estar,*

*estás atrasado mas não me preocupo,*

*o teu amor chega sempre a tempo.*

«Ama quem conseguiu ver-te quando te sentias invisível.»

Não sei onde o li mas ficou comigo. Eu que estou invisível. Eu que ninguém vê. Consigo sorrir. Consigo brincar. Consigo contar anedotas, fazer piadas, brincar com os meus filhos. Mas ninguém me vê. Nem eu consigo ver-me. Escondendo-me debaixo da sociedade, debaixo da aparência. Somos aparência, vivemos aparência. Viciamo-nos no que parecemos ser e depois o que somos fica pousado, ganha pó. Ninguém sabe quem é.

«Andei a vida toda a aprender a esconder o que sinto.»

Para fora sou o maior, o sempre bem-disposto, com uma boa palavra, com um bom conselho, com um abraço, pronto a ajudar. Ajudo para me sentir menos inútil, menos fracassado. Não me vejo utilidade. Faço umas cenas a que alguns chamam trabalho. Criei uma família e é tudo. O resto parece-me tão oco.

«É tão vazio viver.»

Sou um adolescente que não passa, nunca encontrei um sentido para isto. Existe o prazer para me levar do buraco, mas é temporário. O que mais custa é a passagem do tempo. A lembrança do que senti. Não me dói o que fui, mas o que pensei que iria ser. Toda a esperança, toda a expectativa, toda a euforia. Cansa-me o que não consigo ser, o que já deixei de ser. Cansa-me o que sei, o que não queria saber. Estou cansado de tentar. É tão fácil desistir e custa tanto desistir. Há tanta coragem em quem deixa de tentar.

«O maior equívoco é menosprezar a força de quem desiste.»

Continuar é o mais fácil. Todos conseguem continuar. Sempre mais do mesmo, sempre igual, tudo igual. Aguentar, seguir em frente. Qualquer um segue em frente. A coragem é quando percebes que vais a caminho de nenhum lado. A coragem é quando percebes que tens de parar para que a loucura não chegue antes de ti. Nunca se morre da dor. O que mata é a lembrança do que dói.

«Toda a gente tem uma ideia errada de mim e não tenho nenhuma vontade de as esclarecer melhor, confesso.»

Temos de aguentar tanto só para nos mantermos vivos. Há tanto por onde ferir. As pessoas, por exemplo. Acima de tudo as pessoas. É sobre elas que fazemos o que somos, e é sobre elas que caímos. Resistir é construir sobre a lama, sobre a areia. Até sobre nada. Quase todos os sorrisos que vejo são tristes, até o meu. Bebo, fumo, escapo-me. Não deixa de haver dor, não deixa de haver mundo, mas pelo menos já não me agarra pela garganta. Pouco mais há na vida do que uma garrafa para beber e uma mulher para amar.

«Nunca vi ninguém livre, nem eu.»

A solidão é a liberdade possível, o contrário do medo. Crescemos a fugir de estarmos sós. Usamos de tudo para não olharmos a miséria que somos. A degradação está em todo o lado, mas só alguns têm a desgraça de a olhar. Nem sempre acordar traz vantagens. O egoísmo quase sempre é apenas sobrevivência, tentar salvar o que ainda sou. Ainda não encontrei quem queira ser triste comigo. Toda a gente quer a felicidade, nem que seja vazia. Escolhi lamentavelmente o outro lado. Não suporto o vão, o que se encontra à superfície. Não sou mais do que os outros por isso; sou menos. As pessoas felizes nunca me convenceram. Tudo ficou longe do que toco. Ficarei enquanto for capaz de mim.

«Já desisti tantas vezes e ainda aqui estou.»

Temo bem ser imortal. Viver às vezes castiga. A lucidez é o pior de tudo. Uma clareza que cria sombra. Sou a favor do amor, não me interpretem mal. Mas parece-me evidente que só quem serve merece estar no comando, e eu não sirvo. Não sirvo ninguém. Não sirvo para nada. Toda a vida é vontade de poder. A infância permanece, chega mais longe do que a realidade. O que acontece muda mas não é o isso o que interessa. Interessa o que sentimos. E raramente muda o que sentimos por mais que mudem as situações. O que envelhece é a espera. Temos sempre uma vida inteira pela frente?

«Tudo o que fui capaz de amar amei sozinho.»

E tudo o que fui capaz de sofrer também. A utilidade da dor é inequívoca, assinale-se. Dói para mudar, ou para matar. Nos próximos segundos saberei qual escolhi.

Como fiquei isto?,

acordar e ver o espelho como se visse o fim do mundo, o meu, pelo menos, um silêncio interminável pela casa, em todo o lado te ouço e não estás, quando estavas ocupavas o medo com a tua voz, cantavas a fazer a barba,

Gosto de acordar cedo para curtir o começo do dia,

o começo do dia é agora o começo do deserto, vestir, chorar mais um pouco, continuar a vestir, continuar a chorar, não saber o que vestir porque estou um desastre vista o que vestir, gostava de não acordar para evitar o começo do dia, o dia todo, na verdade, existem os dias para te recordar, pouco mais, onde estás que me morreste?, morre mais quem sobra da morte de quem ama do que o próprio morto, a tua voz a acordar-me,

Deixa de ser preguiçosa e anda viver comigo,

queixava-me todos os dias, tu rias-te todos os dias, deixava-me estar,

Só mais um minuto, vá,

eram uns dez ou quinze, ou meia hora, tu sabias, começavas a chamar-me cada vez mais cedo, já sabias que eu ia demorar cada vez mais, para ficar na cama, claro, mas também para ficar contigo, para me sentir cuidada por ti, amada por ti, protegida por ti, acordava para ti, vivia para ti e o que vai ser de mim?,

Agora vou ter de sair, está a chegar o autocarro,

ias de autocarro como todas as pessoas, eras o homem mais rico da cidade, um dos mais ricos do país, e ias de autocarro, querias ouvir as pessoas, sentir as pessoas, fazias amigos em todas as viagens, e só eu sei o que temi que um dia,

Vê lá se não és encantador de mais, prometes,

prometias mas eras, não conseguias deixar de ser, sorrias com a alma toda, é tão raro quem sorria com a alma toda, agora sorri-se com meio sorriso, um sorriso fechado, um sorriso com medo, agora não se sorri, muito menos eu que te perdi e não sei para que porcarias servirá sorrir,

Senhora Júlia, o doutor está à porta,

advogados, advogados por toda a parte, foste e deixaste-me advogados por toda a parte, quem te mandou ter tantas empresas, tantas propriedades, tantas coisas espalhadas por todo o lado?, trocava tudo, tudo mesmo, podes acreditar, pela tua pele, pelo teu abraço, pelo teu beijo, pelo teu acordar no meu, dava tudo o que tenho por outra vez tu,

Diga-lhe que já vou, por favor,

tenho de ir, não há volta a dar, tenho de ir, a vida tem de ser, nunca me preparaste para a tua ausência, julgavas-te imortal que eu bem sei, sempre

em forma, boa alimentação, horários perfeitos, querias viver para sempre e depois isto,

Tem de decidir se quer vender ou ficar a gerir,

quero é morrer, não digo mas quero, não quero saber das empresas, das casas, quero é morrer, quero é saber onde estás e ir contigo, sabe-se lá se não andam umas vacas quaisquer por aí a fazerem-se a ti,

Podes falar como quiseres, até te agradeço que fales,

eu falava, desde a primeira vez que me deixaste à vontade, gostavas que fosse assim, que falasse assim, que não houvesse freio nas minhas palavras, eras viciado na minha impulsividade, dava-te a que te faltava, para ti era tudo regras, tudo certinho, tudo limpinho, sem mim a tua vida era uma seca, não era?,

Ai de ti se disseses o contrário, ouviste bem?,

quando te disse que os nossos filhos eram os melhores do mundo, a tua cara, claro que eram, claro que são, a sorte que tivemos, e mérito, claro, que as crianças não se educam sozinhas, fomos pais como fomos pessoas, demos-lhes tudo o que éramos e eles ficaram tudo o que queríamos, e mais, não é, são tão lindos, não são?, e agora isto,

Quero que os meus filhos estejam presentes para ouvirem tudo isso,

quero, preciso deles aqui, não quero decidir sozinha, mesmo que não queiram seguir os teus passos, ser o que tu foste, gerir o que tu criaste, mesmo que não queiram quero que queiram ajudar-me, que me dêem o ombro, pelo menos, onde está o teu ombro que me escondia do que doía, onde está?,

Não te preocupes que eu estou aqui,

não estás, agora não estás, o que faço quando não há o teu ombro para pousar?, o que sou quando não há o teu ombro para pousar?, que sacanice foi essa de te distraíres naquele momento, naquela rua, estavas farto de saber que os carros, que a velocidade, estavas farto de saber que ali tinhas de ter mil cuidados, mil atenções, e depois isto,

Amanhã ao meio-dia, sim,

deixa-me telefonar aos nossos meninos, ainda querias uma rapariga, não era?, pensavas que eu ainda podia, não era?, nunca mo disseste mas tinhas essa esperança secreta que eu sei, que dor, meu deus, que dor, quando me lembro dos nossos meninos nos teus braços apetece-me morrer já, acabar já, não quero estar viva porque estar vivo é lembrar, é recordar o que já fui, o que não volta a ser,

Que velha feiosa é esta que encontro no espelho?,

acabei, estou acabada, fico pelos nossos meninos, já são grandes mas fico por eles, não precisam de mim mas fico por eles, quando me apetecer desistir vou procurá-los,

Sim, André, amanhã ao meio-dia aqui em casa,

só falta avisar o Manuel, quando escolhemos os nomes estávamos estendidos na piscina, um calor intolerável, eu e tu a olharmos o céu depois

de mais um orgasmo, tínhamos tantos nesse tempo, saberei eu outra vez o que é um orgasmo?, deus me livre, espero bem que não, só sinto nojo quando penso em outro homem em mim, deixa-me mudar de assunto antes que enjoje de vez,

A tua pele, a tua pele,

enquanto me abraçavas, aquilo mexia tudo, atacava tudo, era uma mulher de ti, era a tua pele, já não era a minha, o arrepio, ainda me arrepio, nessa noite houve um orgasmo e olhávamos o céu junto à piscina, contávamos histórias de que já não me lembro, até que depois,

Manuel,

não entendi nada daquilo, Manuel o quê?, o que era isso de Manuel?, riste-te, olhaste-me, apertaste-me com os olhos, é melhor dizê-lo assim, quando me olhavas não me olhavas, apertavas-me com os olhos,

Nada, nada,

tentaste disfarçar, seguir em frente, sabias bem que não querias nada disso, sabias bem que com essa fuga só estavas a pedir mais de mim, mais curiosidade, eras apaixonado por ela, pela minha criatividade, pelo meu querer saber sempre tudo, tudo de ti, tudo, tudo,

Vais dizer ou é preciso recorrer aos velhos métodos?,

os velhos métodos eram cruéis e tu sabias, consistiam sobretudo numa sessão sufocante de cócegas nos mais variados pontos do teu corpo, amavas e odiavas isso, não suportavas e querias,

O nosso primeiro filho,

explicaste que querias que fosse esse o nome, não sei se consegui disfarçar uma lágrima que saltou quase logo, ou mesmo logo, querias ter um filho comigo, querias mesmo ter um filho comigo, eu que pensava que era só uma diversão, uma paixão passageira para o mais desejado dos solteiros da cidade, o rei dos bons partidos, aquele que todas queriam, eu, eu, a menina do bairro remediado, da família remediada, eu que nem te conhecia, eu que quando te conheci não sabia quem eras, eras apenas o homem que eu queria naquela noite, que eu não sabia que amava mas já te amava, amei-te antes de te amar, eu, eu,

Vais ser mãe dos meus filhos, que remédio,

quis fazer-me de forte, não cedi, pelo menos quis mostrar que não cedia, não reparaste, pois não?, entrei no jogo, pensei que era a brincar e brinquei também,

Se escolhes o nome do primeiro eu escolho o nome do segundo,

nem hesitaste, deixaste-me ter essa prioridade, pensei um minuto ou dois, não sabia que era a sério, repito, desde o começo que nunca soube que era a sério, que éramos a sério, talvez o melhor da vida sejam mesmo os momentos que pensamos que não são a sério mas que nos mudam a vida a sério, a vida toda,

André,

assim foi, assim é, o nosso menino, o nosso mais novo, lindo como ele,

lindo como só ele e o irmão, tão grandes, consegues vê-los daí?, vêς como estão?, quando foste já eram, não passou assim tanto tempo, para mim não passou tempo nenhum, foi ontem, foi agora, amo-te como se tivesses morrido agora, que dor é esta?, quando se ama quem morreu a morte de quem amamos é sempre agora, morte, morte, que tonelada de palavra, quem inventa as palavras sabe bem o que valem, ou o que não valem, a morte não vale nada,

quem és quando já não está quem amas?

o que mais gosto em ti é o medo. as tuas mãos nas ancas à espera de perdão. digo-te: não te quero para nada senão para sobreviver. ninguém é mais do que um desgraçado. ama-se para dividir a incapacidade e às vezes de um incapaz se fazem dois. o que mais gosto em ti é a maneira como caís. dizes-me: és a pior pessoa que eu amo. uma ambulância a passar: há quem morra sem saber a sorte que teve. por ter morrido, claro. dói-me mais o que sobra da dor do que a dor. sofrer faz-nos estar vivos, não é? digo-te: se fores viver com ele vais viver sozinha. há uma liberdade incomparável quando se magoa para aguentar. a tua boca a tremer. se Deus existir está nos teus lábios. dizes-me: lamento muito mas preciso de mim. há cada vez mais criatividade para dizer o egoísmo. antigamente o amor era a melhor coisa do mundo mas não havia a *internet*. inventamos tanta merda para nos esquecermos de nós. a ambulância mais longe e a minha inveja maior. somos tão dependentes de nos sentirmos independentes. digo-te: se fores não vale a pena voltares, a menos que queiras ser amada para sempre. o último riso tem sabor a esgoto. um crocodilo e a sua lágrima falsa. apetece-me encher-te de abraços ou então de estalos. quando for grande serei capaz de superar o teu fim em mim antes do meu. para já vou entreter-me a ver todas as imagens nossas que conseguir encontrar. se é para sofrer que haja substância. inventa-se tudo para escapar a tudo. somos viciados no nada, num vazio que nos deixe confortáveis. dizes-me: vou para seres o homem da minha vida e não o da minha morte. há mentiras que nos acalmam a ferida. esta não foi uma delas.



A intolerância é ignorância. O ódio é ignorância. Ninguém nasce com ódio, Ninguém nasce intolerante. Não existe esse gene. Vamos aprendendo a sê-lo. E só aprendemos a sê-lo se não soubermos. Se não soubermos quem somos, de onde viemos, o que tivemos de passar. Se não soubermos que somos todos da mesma raça. A intolerância aprende-se. Passa de ignorante para ignorante, num círculo vicioso que só a educação, e a formação, pode parar. Mas dá-se o caso de para muitos dos que lideram a intolerância dar jeito, o ódio dar jeito. A ignorância dá jeito. Dá poder. Dá dinheiro. Porque muitos dos que lideram são também eles ignorantes, ou exploradores de ignorantes. As massas têm de ser capazes de saber quem são para recusarem ser o que querem fazer dela. Só uma ovelha sábia recusa o rebanho. As outras caminham, obedientes e felizes, dentro da sua prisão obtusa. Um ignorante não odeia por mal: odeia pelo que lhe falta saber — e que, por não saber, não é capaz de sentir. O caminho para combater a intolerância é então a tolerância, a infinita paciência de procurar, todos os dias, dar horizontes a quem nunca soube que os tinha. O caminho para combater o ódio é então o amor, uma compaixão genuína, capaz de fazer grandes os que foram ensinados, formatados, para ser pequenos. Sem condescendência, sem complexos de superioridade. E sobretudo com liberdade. Querer lutar pela liberdade castrando a liberdade dos outros não é só um contra-senso. É sobretudo cobrir de ódio o ódio, de intolerância a intolerância. Façam poemas; não façam inimigos.

# 👉 COMO FODER UM CASAMENTO 👈

## · M A N U A L P R Á T I C O ·

para Mulheres e para Homens

### 3. NÃO FALAR

Sou louco por ti  
mas agora vou encontrar-me com o Zé, o do futebol, sabes?, aquele que  
me diz que somos os melhores amigos de sempre,  
a minha melhor amiga de sempre és tu,  
és a minha melhor tudo, na verdade,  
és a que me tira de mim e a que me devolve a mim muito mais gente do  
que aquilo que saí,  
sou o que sou porque existes,  
ficas agora a saber,  
um dia digo-te olhos nos olhos,  
garanto-te,  
até já.

Sou louco por ti  
mas agora vou ter de sair, não gosto do teu olhar, sei que te dói sempre  
que saio assim, sem contares,  
contas comigo para tudo como eu conto contigo para tudo,  
há uma emergência qualquer lá no trabalho, juro que não demoro,  
são uns incompetentes, é o que é,  
todos os que me afastam de ti são uns incompetentes, é o que é,  
um dia destes vamos ter aquele momento a dois, só eu e tu, como  
sempre,  
sou feliz quando estamos só eu e tu,  
o que nunca esqueço é o que vivo contigo,  
um dia digo-te olhos nos olhos,  
garanto-te,  
até já.

Sou louco por ti

mas vou ter de ir uma semana para fora,  
que merda, que merda,  
logo agora que estávamos tão bem, tão juntos,  
cada dia que passa é o dia em que estamos mais juntos do que nunca, já  
reparaste?,  
olho-te nos olhos e vejo-te que dói,  
dói tanto não estarmos com quem amamos, não dói?,  
que porcaria de mundo é este em que para ganhar a vida temos de estar  
longe de quem nos dá um sentido à vida?,  
dou-te um beijo, choro por dentro,  
espero que não esteja mesmo a chorar por fora,  
sou teu por dentro e por fora,  
um dia digo-te olhos nos olhos,  
garanto-te,  
até já.

Sou louco por ti  
mas vou chegar mais tarde hoje,  
logo hoje que me querias para me contares como foi o teu dia,  
foste promovida e és a mulher mais espectacular do mundo,  
amo-te porque és a mulher mais espectacular do mundo  
e és a mulher mais espectacular do mundo também porque tens a  
humildade de me amar,  
a mim que sou tão pequeno, minúsculo, quase nada ao pé de ti,  
és de um tamanho que me obriga a ser maior todos os dias para poder  
receber-te, para poder pelo menos caminhar ao teu lado sem parecer mal,  
fazes de mim a maior pessoa que tenho em mim,  
és a melhor pessoa que tenho em mim,  
um dia digo-te olhos nos olhos,  
garanto-te,  
até já.

Sou louco por ti  
mas cheguei cedo a casa e tu não estás,  
ninguém,  
nem a nossa menina, nem tu,  
nada,  
a casa é um buraco de dor quando não estás,  
eu sou um buraco de dor quando não estás,  
uma ruína de mim,  
procuro-te por todos os cantos e não estás, chamo-te ao telemóvel e não  
estás,  
tudo desligado,  
quando te desligas de mim desligo-me de mim,

sou uma casa vazia quando não estás,  
um dia digo-te olhos nos olhos,  
garanto-te,  
até já.  
Sou louco por ti  
mas nunca to disse e por isso nunca o soubeste,  
desculpa,  
até já  
(oxalá).

a infância envelhece. na minha primeira memória já não era criança nenhuma. a infância envelhece tão mal. tinha quatro ou cinco anos e estava a ajudar a minha mãe a lavar a louça.

Mais rápido, mais rápido, que o teu pai está quase a chegar.

o tempo é um embuste. demoramos a vida toda a entender a vida toda. depois morremos. a cara rígida da minha mãe. que escravidão é viver. o meu único brinquedo era um esfregão de arame que transformei numa boneca. a Anita. quando me deitava contava-lhe tudo baixinho.

Como foi o teu dia?

a austeridade do meu pai. amo-te tanto, meu filho. amo o meu filho para saber como é o amor. para me vingar do que os meus pais não me deram. há tantas maneiras de amar e quase todas magoam. a autoridade intocável do meu pai. à mesa falávamos o que ele deixava.

Come a cenoura, respeita o que tive de trabalhar para a pôr na mesa.

as histórias de trabalho do meu pai. somos as histórias que contamos. nunca soube como era sentir a pele do meu pai. a submissão triste da minha mãe. na minha primeira memória de infância eu e a minha mãe depois do jantar a tratarmos de arrumar tudo. os pés do meu pai na mesa da sala. o jornal com notícias caducadas. as mãos gastas da minha mãe a esfregarem o chão. a televisão a falar de uma qualquer medida do governo. a Anita pousada junto ao lava-loiça a ver tudo. chorava tanto quando não havia nada mais para trabalhar. o trabalho servia para esconder, para ocupar, para calar. a minha mãe calada ao lado do meu pai no sofá. há tantas casas vazias com pessoas dentro.

Anda, mãe.

choro sempre que o meu filho me chama. em nenhuma memória da minha infância alguém me chama assim. a voz dura do meu pai: anda cá. a voz acabada da minha mãe: já cá devias estar. quero oferecer felicidade para me esquecer das lembranças. amo-te para me esquecer de mim, meu filho. há tantas felicidades vazias, meu Deus.

Sim, permito.

casei com o primeiro que me livrou daquilo. casei para fugir. Há tantos amores vazios, meu Deus. eu a ver a minha mãe em cada dia com aquele homem. cámos sempre naquilo de que mais queremos fugir. abraça-me, meu filho. diz-me que estás. basta-me isso para saber que vale a pena. há tantas coragens que são amor ao contrário, meu Deus. o envelhecimento da infância às vezes acontece na própria infância.

Na minha primeira memória estava abraçado a ti, mãe.  
que seja essa também a minha última.

viveram felizes para sempre mas antes separaram-se. as histórias de amor precisam de novas histórias. o teu corpo deitado ao lado do meu. és tão casta e tão imprópria. ao longe somos todos puros. a maldade é ver ao perto. não sei bem se te amo como deve ser, mas quando penso em amor apareceste-me tu. sou cabrão o suficiente para te ires embora? dormes como se quisesses fugir. somos feitos de que imundície para cedermos assim? gosto de ser romântico ao contrário, trazer a dor para o meio do abraço. temos tanto medo das palavras feias. uma mulher grita com a filha lá fora e apetece-me dizer-lhe que a frustração não se partilha assim. usamos o outro para nos livrarmos de nós. a tua boca semi-aberta, a curva atípica dos teus lábios. se fosses perfeita não te queria para nada. a minha mãe quando era pequeno pedia-me para ser boa pessoa. como se sobrevive a ser pai? as tuas pernas de gente pousadas nas minhas. a pele é uma faca na vaidade. quero envelhecer da pior maneira possível. os carrinhos do meu filho espalhados pelo chão. a culpa que nunca passará de saber que ele um dia vai morrer. que filha da putice. espero morrer nos teus braços ou então no meio de um monte de merda. tenho tanta pena de não seres imortal, meu amor.

não,  
não serei o que querem os tolos,  
prefiro a coragem, jamais o enfado, a réplica insonsa,  
de todos os perigos o pior é o da segurança, a monotonia vicia,  
agarra-se a nós como se não houvesse prazer, mas há,  
há uma euforia no risco, na maneira como um precipício nos salva da  
queda,

ontem disseram-me que são poucos os que podem sonhar, que absurdo,  
não existe humano sem existir quimera, não,  
quando quiserem contenção afastem-me, não me façam sofrer,  
antes vazio do que cheio de nada, antes falhar do que fugir da tentativa,

e depois lembro-me de que és aqui, que te encontro na casa que habito,

amo-te para que os erros pareçam amor, e parecem,  
há sempre um erro que nos ensina a viver, ou então todos,  
vi-te pela primeira vez no mesmo dia em que me vi a mim, eu mesmo,  
era no máximo uma espécie de mim, um pedaço de mim, uma véspera  
de mim,

somos tantos a querer a perfeição e tão poucos a valorizar a falha,  
e é pela lasca que a luz entra, não pelo compacto, pelo ímpoluto,  
a vaidade é inveja de nós próprios, um orgulho ao contrário,  
percorremos o defeito com medo do que é, e é lá que está o que somos,

sou o que te procura e se encontra em ti, o que te traz para evitar a  
ferida,

sou tudo o que quiser ser, nunca apenas o que em mim quiserem ver,  
sou

[lê agora ao contrário, de trás para a frente, de baixo para cima, linha a  
linha:

às vezes o mundo é de trás para a frente, às vezes precisas de  
virar o mundo do avesso para o colocares na posição certa]

Somos todos monstros a fingir uma merda qualquer. Ela quer que eu seja um homem como os outros. Um nojo. A normalidade é um cão vadio, pronto a lamber os tomates a quem lhe der um osso. Um vira-latas sarnento, por quem só pena consigo sentir. Que se foda. Vou ser sempre o lixo, o que ninguém quer. Quero que me odeiem pelo que sou, não que me amem pelo que não sou. Deito-me o dia todo para ver o mundo. Uma tragédia sem igual. Tento às vezes gostar de alguém. Amo-a, claro que a amo. Mas sei que se um dia tiver de escolher entre morrer ou matá-la a matarei. Nada de mais. Sou uma pessoa como as outras. Abro mais uma cerveja. Dispo-me sem vontade e deixo-a vir para cima de mim. Salva-se o corpo antes de nem o corpo se salvar. Se tiver de morrer que seja antes de a cerveja acabar.



[para o meu avô]

o máximo que podemos esperar para quem amamos é que um dia chegue a velho. tu chegaste, meu velho. chegaste. chegaste ao volante, claro. conduziste até ao fim. era o teu orgulho: Pedro, sabes que já renovei a carta? os olhos a brilharem. fazias o teu passeio com a tua velha, velho. dois ou três quilómetros de carro até ao café. todos arranjadinhos, todos vaidosos. como dois reis. quando passamos a vida toda ao lado de quem amamos vivemos como reis. foste um rei. lutaram por ti até ao limite. ficaste no meio de nós até ao limite, os filhos, os netos. a tua velha. está aqui a chorar enquanto pede que voltes. posso pedir também? volta. mostra-me outra vez os relógios. chegavas no fim de um dia de trabalho e chamavas-me: Pedro, anda cá ver uma coisa. abrias uma bolsinha e descrevias-me um a um: este é um *Casio*, aquele é um *Seiko*. os olhos a brilharem. já te disse que é desses olhos azuis a brilharem que mais vou sentir a falta? eu menino a ver os relógios, pasmado. somos tão felizes quando somos meninos. o pior da vida é que passa. olho-te parado para sempre e sei que nunca pararás enquanto houver quem te lembre. estamos aqui tantos a lembrar-te. vão ser sempre tantos a lembrar-te. uns contam a maneira como os acordavas, outros contam a maneira como rias. como fazias rir. eu conto-te que hoje percebi que foi de ti que me chegaram as letras. foi de ti que aprendi a brincar com as palavras. passavas a vida a inventar provérbios, aforismos, rimas mais ou menos rebuscadas. tudo o que ouvias dava uma rima, tudo o que ouvias se transformava quando chegava a ti. transformavas e transformavas-me. tenho a certeza de que me viciiei nas palavras por ti. as palavras servem para mudarmos a maneira como vemos o mundo. foi assim que mudaste o teu. o nosso. os teus olhos a brilharem, meu velho. onde estão os teus olhos azuis a brilharem? «antigamente ia para cair e saltava; agora vou para saltar e caio» — e sorrias. esperavas os risos de todos. e nós ríamos. aperta tanto não poder rir mais contigo. as lágrimas da tua velha nos meus ombros. caíste. não há mal nenhum em cair. que tristes são os que julgam que cair é prova de fraqueza. coitados. fraco é quem não cai. porque quem não cai nunca tentou voar, nunca tentou saltar. quem não cai não sai do sítio. tu caíste. caíste como caem as folhas: devagar, doce, como se atravessasses o tempo com a ternura final. eu aqui ficarei, a ver-te no interior dos meus olhos. prometo que continuarei a brincar com as palavras, a fazer delas o barro que me ensinaste a moldar. não serei mais o mesmo. quando nos falta uma parte, nunca voltamos a ser os mesmos. mas temos de continuar, como tu

continuaste sempre quando te faltaram algumas peças. viver é um espectáculo. e o espectáculo tem de continuar. «se estivesse lá vinha-me já embora», dizias muitas vezes e muitas vezes eu te citei, desculpa. eras uma biblioteca que eu tentava explorar. já não me mostrarás mais relógios, já não me contarás mais piadas, já não farás mais trocadilhos — mas sempre que uma palavra for escrita por mim podes ter a certeza de que será um pouco tua também. escrevo contigo dentro. vou levar essas frases, todas as de que me lembro, para o interior do eterno. queiras ou não vais ficar nelas para sempre. onde estão os teus olhos azuis a brilharem, onde? não sei para onde foste. quero acreditar que estás onde um dia te possa encontrar. quero abraçar-te, dar-te um beijo. explorar as saudades de uma vez só. até já, meu velho. ainda temos muito para percorrer, garanto-te. vê se renovas a carta por aí, sim?

# 👉 COMO FODER UM CASAMENTO 👈

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 4. FALAR DE MAIS

Podia aguentar tudo menos o que me disseste agora.

Como foste capaz de me dizer isso? Como acreditaste que poderias dizer-me algo assim e eu continuar aqui, à tua espera, como se não fosse nada?

Aguenta-se tudo menos a palavra errada no momento errado, porque a palavra errada mostra por vezes a pessoa errada: o amor errado.

O amor é tão grande quanto mais é capaz de não magoar.

Nunca te magoei intencionalmente, que isso fique registado.

Mas tu não: apontaste o dedo, disseste-me que sou o que não sou, o que nunca serei. O que nunca seria capaz de ser.

Sou só um homem, uma pessoa, e trataste-me como se fosse um alvo, um saco para libertar a pancada que o mundo te deu hoje.

Quem amas não pode ser quem magoas. Quem amas tem de ser quem amas: aquele de que cuidas, que levas para todo o lado, que proteges do mundo.

Dói tanto o mundo quando não temos quem nos ama a proteger-nos.

E foi pelas palavras. Dói sempre pelas palavras.

É pelas palavras que um amor nasce e é pelas palavras que um amor pode morrer.

Desde o começo que amei o que dizias: o que me dizias. Falavas em sonho e eu sonhava contigo, falavas em abraço e eu abraçava-me em ti.

Somos muitas vezes o que falamos, é por vezes a palavra que funda tudo, que começa tudo — e que destrói tudo.

Todas as palavras têm o poder de fazer nascer e de fazer morrer.

Não são as palavras que fazem mal, apenas o uso que delas fazemos.

Disseste-me que sou aquilo que nunca pensei que pensasses que eu fosse. Disseste-me que me vês como aquele que não merece o teu amor, e eu percebi que és tu, se pensas isso, que não mereces que te ame assim.

Não mereço quem não me merece, quem pensa que não sou bom o

suficiente para si.

Se pensas que não sou bom o suficiente para ti, se tens uma dúvida que seja, por um segundo que seja, de que não sou bom o suficiente para ti então não és boa o suficiente para mim.

Só me merece quem fizer por me merecer.

Amo-te mas não te quero.

Amo-te mas não aguento o insuportável.

O pior erro é o de não querer entender o erro, o de não querer sentir o erro.

Senti profundamente o que me disseste, sinto muito.

Quando te perguntarem porque me perdeste diz que foi apenas porque não soubeste ganhar-me.



*Que burra,  
fui tão burra, perdoas-me?,  
desculpa mas falo assim, sempre falei assim,  
antes do tempo, no tempo errado,  
nenhuma palavra que magoa está no tempo certo,  
e firo, e ataco, e ofendo,  
perdoa-me ser uma pessoa que falha, perdoas?,  
por favor entende que estava a doer,  
a dor custa menos com palavras que ferem quem nos magoa, que  
sentido faz isto?, que criaturas somos nós que precisamos de magoar para  
pensarmos que dói menos em nós?,  
mas não dói, nunca dói menos em nós,  
dói sempre mais,  
quanto mais magoas mais te magoas, não duvides disso,  
quanto mais magoas mais estás a magoar-te, e o poço vai ficando mais  
fundo, as lágrimas mais pesadas, a pele mais gasta, mais vencida,  
de cada vez que magoas quem amas estás a roubar-lhe uma parte do  
sonho,  
e lamentavelmente uma parte do amor,  
o amor precisa de palavras,  
amo-te,  
amo-te,  
amo-te como se não soubesse existir sem te amar,  
e provavelmente não sei mesmo,  
o que sou quando não estás?,  
desculpa-me ser uma pessoa e falar antes de pensar às vezes,  
desculpa-me ter-te mostrado que sinto o que não sinto,  
desculpa ter-te ofendido com aquilo que sei que te mexe nas entranhas,  
que te revolve o que tão orgulhosamente fazes questão de ser,*

*peço-te por tudo para te esqueceres de tudo,  
ama-me para além do que digo, só desta vez, vá lá,  
será a última, prometo,  
nunca mais te direi que sinto o que não sinto, que te vejo como não te  
vejo,  
jamais te magoarei de livre vontade,  
fazes-me só mais esta vontade?*

O desejo é a razão disto tudo. O prazer. O orgasmo, essa besta. Ninguém está imune a ele, sobretudo os que mais o têm. Não posso queixar-me: sempre tive o necessário. Nunca me satisfiz. Ela pensa que sim. Pergunta-me se estou bem. Digo que sim. Mentir também dá prazer. Tenho pena de quem está satisfeito: o que podem esperar desta bosta toda? Levanto-me da cama como se da morte. Quando morro? Bebo mais uma cerveja enquanto a vejo vestir-se. Coitada. Nada é mais arrasador do que uma mulher apaixonada. Está nas minhas mãos e eu sou um nojo. Que destino. Se fosse Deus mandava-me matar agora mesmo. Às vezes penso fazer eu esse serviço. Era fácil de mais. Quero sofrer tempo suficiente. Beijo-a devagar. Digo-lhe: desculpa. Acrescento: vais buscar mais uma ao frigorífico?

A mente é tão cabra. A ilusão mete-se entre nós e a vida e depois a desilusão. Somos tão frágeis quando estamos iludidos. Somos tão frágeis: eis tudo. A insatisfação é um bicho carnívoro. Come-nos por dentro, em silêncio. São tantos os que dão um sorriso no meio do lodo. Há sorrisos que salvam mas também há sorrisos que matam. Porque escondem, porque tapam, porque tentam contornar. O pior da vida é que à sua volta só há nada. Acabe-se com o tabu da lágrima. Acabe-se com a ditadura da felicidade. Acabe-se com o dedo apontado a quem sofre. Normalize-se a dor. Somos também dor. Quanto mais cedo assumirmos o que somos mais cedo nos salvamos do que nos pode acabar. Preciso tanto de sobreviver. Não são os loucos que por vezes se cansam da vida; somos todos. É aí que chega o amor. A compaixão. A atenção. O cuidado. O outro em nós. Olhamos tanto e vemos tão pouco. Queremos a superfície, o que não revolve. O que não deixa ferida. Somos viciados no conforto. É o egoísmo aceite. A sensibilidade traz génio e queda em doses iguais. A ansiedade, a angústia: queremos construir sobre o futuro e quando ele chega e não traz o que construímos ficamos destruídos. Custa ser uma pessoa mas é a única maneira de ser feliz. Que se assuma que não existe felicidade para sempre. Que se assuma que não existem pessoas sempre felizes. Sou uma pessoa e às vezes custa-me. Sou uma pessoa e às vezes canso-me. Sou uma pessoa e às vezes baixo os braços. O mundo tem de aprender a integrar a dor e não a fugir dela. Há um preconceito insuportável sobre a dor. Só o feliz é permitido. O fingimento enfraquece. Fingir todos os dias extenua. Somos incapazes de respeitar a dor: tentamos esmiuçá-la, entender-lhe a raiz, saber como se justifica. Somos regularmente seres que sofrem sem motivo: que isso fique escrito, que isso fique registado, que isso seja espalhado por todas as paredes, distribuído por todas as escolas, afixado em Diário da República. Todos temos o direito a sofrer mesmo sem motivo nenhum. Por vezes este mundo cansa. Mas que se saiba ainda é o único onde se pode comer uma boa francesinha. Dêem-me a liberdade de sofrer mas por favor nunca me deixem desistir de sair do sofrimento.

será que me ama?, será que sim?, será só para me dizer que já não me quer?, porque havia de marcar um encontro ali quando podia ser atrás da escola, no sítio do costume?, o que será que ele quer?, ai, queria tanto que ele me quisesse, que ele me amasse, será que me ama?, deixa-me só ir aqui ao supermercado comprar umas pastilhas elásticas, era o que me faltava ter mau hálito, quem sabe o que acontecerá se ele me beijar a cheirar a morango?, ai, meu Deus, que aperto, aqui estão elas, hoje vai ser um beijo docinho e é hoje que ele toma a decisão que anda há tanto tempo a adiar, ai não que não vai, sempre esta antipática, esta empregada é sempre a mesma, sempre mal-encarada, quando for da idade dela quero ser tudo menos como ela, deus ma libre,

Posso pagar em moedas?,

farta, farta de estar aqui, nesta caixa de supermercado, a trabalhar que nem uma louca e a receber uma miséria ao fim do mês, só espero que a entrevista logo corra bem no restaurante, quero tanto sair daqui, experimentar outros empregos, ter um salário melhorzinho, não precisa de ser muito, a gente cá se arranja, lá em casa sou feliz, ao menos isso, os meus filhos, o meu marido, nisso tive sorte, tive sorte ao amor, falta-me agora o trabalho, ter sorte ao trabalho, farta, farta de estar aqui,

Próximo, por favor,

acho que estou a esquecer-me de alguma coisa, sempre que venho às compras esqueço-me de alguma coisa, sou tão burra, tão burra, ele é que tem razão, sou uma burra, não passo de uma burra, de certeza que estou a esquecer-me de alguma coisa, só espero que não seja nada para ele, meu deus, se lhe falta alguma coisa não sei o que fará desta vez, sou tão cobarde, como posso estar nesta relação, como posso ainda gostar daquele cabrão, como?, só queria ter a coragem de ir à polícia e dizer tudo, e contar tudo, e toda a gente ficar a saber o cabrão que ele é, toda a gente a pensar que é uma boa pessoa e tal, uma besta é o que ele é, se eu andasse de saia um dia bastava para todos perceberem o que ele me faz, mas gosto tanto dele, ainda gosto tanto dele, se calhar amo-o por medo, quero-o por medo, sei que com ele estou protegida de tudo menos dele, agora vem aí a irmã dele, não gosto nada de me cruzar com ela, ainda descobre qualquer coisa, sei lá, tenho tanto medo de que alguém descubra como tenho vontade de que alguém um dia descubra, aí vem ela,

Sim, ficou em casa, está cansado, anda a trabalhar muito,

como se eu não soubesse que ele te bate, toda a gente na família sabe que ele te bate, todos sabemos o bicho que ele é, o animal que ele é, fazemos de conta que está tudo bem, que somos todas boas pessoas, é



assim, sempre foi assim, a nossa família é isto, não passa disto, uma vida de faz-de-conta, uma vida de fachada, só para os outros verem, só para todos pensarem que somos perfeitos, que somos um exemplo, exemplo o tanas, somos o contrário do exemplo, chixa que ele é mesmo o diabo, fala-se nele e aqui está ele a telefonar, deixa cá ver o que é que o menino de ouro que nós sabemos que é um menino de bosta quer desta vez,

Sim, mano, estou bem, e tu?,

ainda bem que estás no supermercado, maninha, tens a casa vazia e era isso o que eu queria, estás aí e a burra da minha mulher também está, aposto, se calhar até estão juntas, que se foda, isso não interessa nada, interessa que estás aí e pelos vistos vais demorar o tempo suficiente para fazer o que tem de ser feito, deixa cá verificar mais uma vez se tenho o preservativo na carteira, cá está, perfeito, não falta nada, ali está ela, melhor do que nunca, vai ser hoje, aí vai vai, essa boca, essa boca,

Sim, é de morango, gostas?

# ☞ COMO FODER UM CASAMENTO ☜

## · M A N U A L P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 5. DEIXAR DE RIR

Onde foi que nos esquecemos de nós?

Onde estamos quando não estamos juntos?

Pior ainda: onde estamos quando estamos juntos?

Quando estamos juntos temos de estar juntos. Um no outro. Podemos ter as nossas carreiras, as nossas preocupações individuais, claro, somos pessoas únicas e assim seremos sempre — mas nunca podemos ir para longe a fazer de conta que estamos perto, nunca podemos abrir a porta de casa e ir sem nunca sair do sofá ou da cama.

Quando me amas estás mesmo a amar-me?

Não sei o que pode magoar mais do que isto, do que sentir que já não sou a pessoa que te faz estar, sempre estar, a pessoa que te agarra por dentro, que te prende pelas entranhas e te traz até ao que és.

Desde quando deixaste de rir comigo?

Faço o que posso, digo as piadas idiotas de sempre, faço os trocadilhos patetas que sempre te fizeram desmanchar — e nada. Ficas estática, parada. Simulas um riso aqui, outro acolá. Mas não ris. Não estás.

Talvez o final do amor seja o final do humor.

Talvez já não sejamos um para o outro o que pensava que éramos. Talvez esteja enganado. Talvez estejamos os dois enganados. Mas por que raio não te ris? Por que raio não me dás esse riso? Por que raio não vens inteira como só inteira tens de vir?

Talvez o começo do fim esteja no final do riso.

Chego a casa, faço uma careta, invento uma piada qualquer. E o teu sorriso abre-se. Meio sorriso, no máximo, para dizer a verdade. A verdade é que me ouves como ouves um carro a buzinar lá fora, ou a água a correr: inevitabilidades da tua vida, algo que está lá mas que não apaixona, que não mexe, que não te tira de ti.

A verdade é que se já não te faço rir provavelmente já não te faço amar-me.

Nenhum amor resiste à ausência de humor, de ironia, de uma fuga ao sério. Levar um amor a sério é deixá-lo, regularmente, abrir a válvula do que é de brincar.

Um amor que não brinca é um amor que não existe.

O amor ou é um parque de diversões ou é um funeral.

Qual queres escolher?



*Vou ser despedida e só quero que não me despeças também,  
amas-me mesmo se eu for uma fracassada?,  
já sei há uns meses que vai ser assim,  
a empresa vai cortar postos de trabalho e tem de ser,  
tanto tempo a trabalhar, tantos anos a dar tudo por aquela casa, por  
aquele nome,  
e agora isto,  
valemos tão pouco quando nos pisam, não valemos?,  
somos carne para o canhão da ambição, para a voragem de quem não  
descansa enquanto não tem tudo,  
e nunca se tem tudo, e por isso nunca se descansa,  
nós que só queríamos o que tínhamos, só aquilo,  
um tudo completo,  
amar-te é um tudo completo,  
vou ser despedida,  
perdoas-me se te desiludo?,  
que desgraça a minha,  
não será a tua, eu sei,  
estás tão bem no teu trabalho, na tua vida,  
estávamos tão felizes mas isto dói, sabes?,  
até a vontade de rir perdi,  
não notaste, pois não?,  
gosto tanto de quando rimos juntos, de quando fazemos palhaçadas,  
a grande asneira é abdicar de fazer asneiras, não é?,  
mas isto dói,  
tenho medo de dizer que falhei, de dizer que perdi,  
como dói o que falhamos, como dói, meu Deus,  
sou tão pequena para tudo o que és, sou só uma pessoa normal e tu és  
esse gigante que salva vidas, que conquista, que arrebatava, de quem toda a  
gente gosta,  
por favor entende que te amo mais do que nunca mas não consigo rir  
como sempre,  
certamente vais compreender, vais dizer que não faz mal, que cá nos  
arranjaremos,  
e o teu olhar, o que farei quando o teu olhar baixar sobre mim e eu*

*sentir que te deixei ficar mal?,  
aguento tudo menos magoar-te,  
porque magoar-te é o começo de todas as mágoas,  
quando encontrar outro emprego conto-te tudo e vamos rir juntos,  
prometo,  
prometes que esperas por mim no final do riso?*

Quando chegar a casa talvez dê um tiro na cabeça. Tenho estudos para saber como se faz. Sempre soube que um dia o meu curso me iria ser útil. Para já vou chorar um pouco, sentar-me no banco de jardim. Ver os velhos a sofrer. A velhice foi inventada pelo diabo. Que filho da puta sádico criaria uma tragédia assim? Quando chegar a velho quero estar morto. O tempo passa devagar, o dia demora a correr, a noite nunca mais chega. Mas os anos desaparecem, os cabrões. Não tenho esperança desde que nasci. Em criança divertia-me a perceber os adultos. Que idiotas, meu Deus. Ficava horas a ouvi-los, sentado numa esquina qualquer. Uma velha feia vem com o marido velho e feio pelo braço. Há uma beleza cruel no horrível. Apetece-me tanto dar-lhe um abraço como coçar os tomates. Escolho a segunda opção.

[que Deus me perdoe, mas eu amo-te]

mulher minha que me dais o céu,  
santificado seja o vosso nome,  
venha a mim o vosso abraço,  
farei quase sempre a vossa vontade,  
assim na mesa como na cama.

o amor vosso de cada dia me dai hoje,  
perdoai-me as minhas ofensas,  
assim como eu perdoo  
só agora me terdes acedido,  
porque sois vós a minha tentação,  
a que me livra do mal.  
âmen.

[que a Virgem me perdoe, mas eu amo-te]

avé meu amor,  
mulher com graça,  
este senhor é convosco,  
bendita sois vós entre as mulheres  
e bendito é o fruto do vosso ventre,  
Benjamim.

tende paciência de santa, mãe de Deus!,  
cuidai de nós, vossos adoradores,  
agora e para sempre,  
porque nos dais a sorte.  
âmen.

ATÉ OS DIAS MAUS PODEM SER APROVEITADOS.

A frase, pintada numa letra sem jeito nenhum, estava na parede da faculdade. Até ao dia de hoje nunca soube que sentido tinha aquilo. Para que raios haveria alguém de aproveitar um dia mau? Mas hoje aconteceu.

Aconteceu que quando acordei percebi que tinha falhado a luz durante a noite e o despertador não tocou, o telemóvel sem bateria também não, já passava meia hora do horário do meu autocarro, resolvi pegar no carro, cheguei à garagem e não pegou, insisti e insisti e insisti e não pegou, pensei em chamar o mecânico mas só o tempo de ele chegar fez-me mudar de ideias, chamei um táxi, demorou mais de quinze minutos a aparecer, mais de quinze minutos a fazer dois ou três quilómetros, incrível, e quando chegou era mais antipático que uma porta, nem uma palavra, a cara fechada, não disse uma palavra e eu também não, que já estava atrasado e sem saber que calamidade teria o meu carro e quanto iria custar, estávamos a chegar e a má disposição dele ficou ainda pior, alguém fez uma manobra qualquer e ele passou-se, saiu do carro nos semáforos da rotunda e desatou a dar-lhe murros pelo vidro, eu fechado no carro sem saber o que fazer, deixei-me estar, que se matassem um ao outro a ver se eu me ralava, num instante estava lá a Polícia e uma multidão curiosa a ver o que se passava, o relógio a andar, percebi que estava a pouco mais de quinhentos metros ou coisa que o valesse do trabalho, é certo que aquilo era uma via em que não era permitida a circulação de peões mas mandei isso bugiar e pus-me a caminho, estava um sol abrasador quando acordei, estive sempre um sol abrasador, e de repente começou a chover, mas a chover a sério, quando estava quase a chegar molhado como se viesse do mar ainda veio um carro a alta velocidade e pisou uma poça e fiquei com lama até à ponta dos cabelos, entrei na empresa de fatinho como sempre e com lama como nunca, toda a gente a olhar, uns sorrisos aqui, umas palavras de incentivo acolá, eu por mim já estava por tudo e queria era trabalhar, sentei-me na secretária e comecei a despachar, *e-mails* a rodos e eu sempre a despachá-los, a hora do almoço chegou num instante e nem notei, queria lá eu saber de almoço, de maneira que fui só buscar uma sandes à máquina do segundo piso, quando voltei não havia luz, nada, luzes de emergência, os computadores todos apagados, uma quebra geral, era a segunda quebra de luz do dia a foder-me o dia, demoraram umas duas horas a resolver aquilo e quando voltaram a ligar tudo o que eu tinha feito de manhã tinha ido à vida, Teve de ser, Teve de ser, disseram os técnicos com aquele ar meio de pena meio de gozo, toda a manhã de trabalho tinha ido embora, comecei de novo, acho que chorei um pouco, não sei, se não chorei sentia-me a chorar

por dentro, mas continuei de novo, *e-mail a e-mail*, afinal nenhum tinha sido enviado, nada, nada, as horas passaram e quando dei conta já era de noite, o escritório quase vazio, um a um todos a despedirem-se de mim, e sim, também cada um deles com aquele ar meio de pena meio de gozo, eram já quase dez da noite quando despachei o que tinha de despachar, o dia estava fechado, respirei fundo, limpei as lágrimas, não sei se por fora mas pelo menos por dentro, saí do escritório, saí da empresa, chamei um táxi e rezei para que tudo corresse bem, parece que resultou, era um taxista bem-disposto, cheio de piadas e de histórias, ri-me muito e pensei que talvez o final do dia fosse o final das coisas más do dia, despedi-me com um adeus agradecido e uma gorjeta generosa, entrei no meu prédio e suspeito que tinha um sorriso nos lábios, não sei porquê mas provavelmente porque senti que estava curado daquele dia, que estava a salvo daquele dia, afinal não estava, o elevador chegou ao terceiro andar e parou, a cabra da luz tinha falhado outra vez, estava fechado num elevador iluminado apenas com a luz de emergência, à média luz, portanto, mas não estava sozinho, estavas tu também, estava tão cansado do dia que nem reparei que tinhas entrado, nunca te tinha visto no prédio, Sou nova aqui, mudei-me ontem, e fizemos a conversa de circunstância primeiro, depois a avaria nunca mais estava resolvida e tivemos de fazer outra conversa que não a de circunstância, e quando finalmente a avaria ficou resolvida já eu e tu nos amávamos para sempre e eu tinha a certeza absoluta, tenho a convicção total de que nunca deixarei de ter, de que foi este, este mesmo, o dia mais feliz de toda a minha vida.

ATÉ OS DIAS MAUS PODEM SER APROVEITADOS.

Continuaria a ler-se na entrada da faculdade. Mas agora com algo mais, escrito numa letra mais pequena mas ainda legível:

E AS FALHAS DE ELECTRICIDADE TAMBÉM.



# 👉 COMO FODER UM CASAMENTO 👈

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 6. ABDICAR DA PAIXÃO

Fala-se que a paixão acaba e o amor não,  
que estupidez,  
a paixão é um amor mais quente, a parte mais quente do amor, o amor  
que queima, que tumultua,  
e não deixa de ser amor,  
ama-me no intervalo entre o tumulto e a paz,  
amar é no buraco da agulha, no interior do caos,  
e da calma,  
não acredito num amor quieto, estático, incapaz de um laivo de  
insensatez, de um momento periódico de inconsequência,  
o fim da inconsequência tem consequências trágicas, ficas agora a  
saber,  
beija-me de língua antes que a paixão passe,  
não deixes que ela vá,  
com ela vou eu, completa,  
preciso de falta de respiração, de borboletas na barriga, de uma forma  
de realidade forjada,  
preciso que sejas a minha ilusão mesmo que sejas também a minha  
realidade,  
o desmoronar da ilusão é um veneno sem antídoto,  
preciso que me consumas sem moderação,  
o moderado que vá encher-se de moscas,  
nunca um moderado mudou o mundo, nem mesmo o seu mundo, muito  
menos o mundo de quem o ama,  
o moderado é uma tristeza,  
o beijo sem sal, sem língua, o beijo por obrigação,  
não me bejes como se estivesses a lavar a loiça,  
beija-me com amor,  
e com paixão, sempre com paixão,

como foi o teu dia hoje, meu amor?,  
e ficamos nisto, numa reunião pacata de companheiros, parceiros de  
uma vida sem lume,  
sem amor,  
o amor é um céu instável, de sol e de nuvens,  
nunca um azul sem mexer,  
que seca é um céu sempre azul, que porcaria é um casamento que se  
mantém sem nuvens,  
são as nuvens antes e depois que dão ao sol a beleza que tem,  
diz-me que me queres como um desgraçado, abraça-me com as mãos  
todas, aperta-me com o corpo todo,  
deixa-me ser a tua mulher e não apenas a tua esposa,  
entendes a diferença?,  
eu entendo,  
só não sei até quando te entenderei a ti.



*Desculpa.*

*Estou a deixar-me vencer pelo cansaço. Pela falta de sono. Pela falta de mim no espaço dos dias.*

*A vida vai acabando quando deixas de a iniciar todos os dias como se fosse o começo. Porque é. Todos os dias são o começo da tua vida. Acordas todos os dias para o começo de ti. Ou então acordas todos os dias para o final de ti. Agora escolhe.*

*Desculpa.*

*Não sou capaz de ser o sonho que dissemos que seríamos — e que fomos, felizmente fomos, durante muito tempo. Agora sou um resto do que sou. Uma ausência de mim. Uma espécie de sucedâneo do que acreditei ser.*

*O sonho é escorregadio, fácil de perder. Para o segurar temos de ter mãos fortes, um coração vivo — e sobretudo uma atenção extrema ao lugar onde o guardamos.*

*Desculpa.*

*Deixei que o sonho que nos prometemos caísse. Uma vez, e outra. E outra. E com tantas quedas fomo-nos esquecendo do quão frágil ele é — do quão frágeis nós somos. Fui-me entregando ao quanto baste. Que abominação é o quanto baste, que merda é o quanto baste.*

*Desculpa.*

*Já não sei a que sabe o teu beijo. Não sei quando raios deixei de o querer inteiro, absoluto. Matamo-nos quando deixamos de nos dar vida. Amar é dar vida. Amar é sempre dar vida.*

*Desculpa.*

*Mas vou corrigir — vou corrigir-me. Já marquei a data para o final deste emprego que me afasta de ti — e mais ainda de mim. É uma decisão inconsequente, eu sei. É uma criancice, talvez: onde é que já se viu abandonar um emprego de tanto tempo sem ter sequer outra saída à vista? Mas tem de ser. Temos de ser. Estou a ver-nos desaparecer.*

*Desculpa.*

*Depois vamos ser só nós. Depois hei-de encontrar outro caminho. Outra solução. Havemos de sobreviver desde que nos tenhamos juntos para viver. Tudo em nós passou. Menos nós.*

*Desculpa.*

*E até já.*

(a missão)

A maldade é uma prerrogativa humana: nascemos para magoar tanto como nascemos para amar. Não haverá uma sem a outra: só nos magoa aquilo que amamos. O amor é uma prisão a que nos condenamos, por absoluta incapacidade de sobreviver à sua ausência.

(o amor)

Os pais são seres singulares. Amam sem condições, que imbecilidade. Amam porque sim. O pai de um assassino ama tanto o seu filho, portanto, como o pai de um médico que todos os dias salva vidas. A Humanidade é feita, também, desse tipo de ligações, desse tipo de dependências ferozes, primitivas, capazes de transformar a mais inofensiva das lebres na mais temível das predadoras. É frequente – só quem nunca viu aqueles documentários sobre a vida selvagem não o saberá – animais outrora indefesos e temerosos enfrentarem, para defesa das suas crias, o que nunca haviam ousado enfrentar antes. É isso: o amor é a mais decisiva das formas de coragem. E é, pelo contrário, a mais decisiva das formas de medo. Agimos ou abdicamos de agir em nome dele, desde que isso nos possa trazê-lo. Amor traz amor, ou o seu contrário.

(a chave)

#omundointeirocabenumafórmula

Se

LUCRO = ESCASSEZ

e

DINHEIRO = DÍVIDA

então

MONETARISMO = MERDA.

(a conclusão)

É o dinheiro, e o que ele faz os humanos fazerem, que é um esterco.

A natureza humana é um logro. Ninguém nasce corrupto.

Se crescesses no meio da selva serias um selvagem.

Agora pensa: onde é que nasceste?

a rejeição é uma faca afiada. o cheiro a cigarro tapa os problemas. toca o telefone e a esperança. a novidade excita. às vezes é má mas excita. o meu pai excitado antes de receber o telefonema da morte da minha mãe. que bosta pensamos que pode ser para nos excitarmos tanto com o barulho do telefone? olá, boa tarde, o senhor será imortal. Ou: olá, boa tarde, o senhor nunca vai ficar doente ou envelhecer ou tornar-se no monte de merda que é um velho. que bosta pensamos que pode ser para nos excitarmos tanto com o barulho do telefone? uma cerveja enfiada pela goela para cercar o pecado. não sei para onde vou mas vou para o lado oposto da multidão. não sei para onde vai a multidão mas eu vou ao contrário. se tivesse dinheiro criava um campo de infelizes. um bairro de pessimistas. que nojo tenho de quem julga que vai correr tudo bem. são os optimistas que criam a infelicidade: convencem os incautos de que podemos ser todos felizes, sempre felizes. a alegria contínua é estúpida. a minha mãe fechada numa caixa debaixo da terra: perguntem aos optimistas como posso ficar feliz com isto. as tuas mãos com flores, talvez. teve de morrer a minha mãe para ver as tuas mãos com flores. a tua mão que não tem flores na minha. a felicidade de finalmente a tua mão na minha no funeral da minha mãe. a dor excita, transforma, reforma. serei o que fui desde sempre, lamento. a vida às vezes atrasa o encontro comigo. serei o que fui desde sempre, mais mentira menos mentira. a tua mão doce não sabe mas vou dar-te cabo da vida, meu amor. a vontade de um copo de *whisky* enquanto o padre prega. na primeira vez que fui a uma consulta a psicóloga acabou a chorar comigo. tanta gente com dor espalhada pelas ruas. só um burro é optimista no meio disto tudo. ou engulo o veneno ou escrevo um poema. temos de nos suicidar todos os dias. matar para viver: é isso. tu a dizeres-me que queres tentar a nossa vida. queria que fôssemos possíveis, amor. o belo está na cicatriz: na solidão do que dói. a psicóloga a dizer-me que tenho de rir mais segundos antes de chorar comigo. aprendi a sair do jogo quando estou a ganhar mas nunca estou. e se depois da minha faca em mim te sentires culpada, amor? não quero não morrer para não te ferir, sabes? a liberdade é saber que posso ir sem culpa. não me obrigues a fazer-te desesperançada. estamos de mãos dadas há poucos minutos e até agora só chorámos juntos. os olhos vermelhos vazios do meu pai. ninguém quer saber do que acaba connosco. todos querem um copo de cerveja enquanto o mundo continua. pensar no que somos na melhor das hipóteses mata. é um a um que se salva o mundo. a agonia não passa. a futilidade também não. sim, vamos tentar o que sabemos que não podemos, meu amor. resta-nos o sonho para sabermos quem somos.

[a explicação da mentira]

Mentimos desde sempre e vamos mentir para sempre. Adão e Eva, conta-se, disseram a primeira mentira da história da Humanidade. Todo o ser humano ludibria, mente e engana. Fá-lo de forma corriqueira, resoluto, refinada e calculista. Não acreditam? Então responde-me: consegues dizer, com todas as letras, à tua mãe que perdeste mesmo a tampa do *Tupperware* preferido dela?

«Já dizia o meu avô: conhecimento é saber que o tomate é uma fruta. Sabedoria é saber que um tomate não se coloca numa salada de fruta.»

Sentada no jardim, escrevia coisas assim, frases soltas, momentos despedaçados. Estava sozinha e não havia muito a fazer em relação a isso. Mas, já que estava sozinha, ao menos que aproveitasse a parte boa dessa realidade: olhar para si, conhecer-se as vísceras, ir até ao osso.

«A menina dança?»

Podia ser um maluco — o que mais poderia ser quem, a meio do dia e no meio de um jardim apinhado de pessoas, pede a mão de alguém para dançar? — mas ela aceitou. Era outra das vantagens de estar sozinha: poder fazer o que bem lhe apetecesse. Porque não? E dançou.

«Posso acompanhá-la até ao interior da solidão?»

Mas que raio de palavras eram aquelas, mas que raio de maluco era aquele, apeteceu-lhe largá-lo logo ali, dizer-lhe que não tinha que ver com isso, quem era ele, um perfeito estranho, para querer invadir um espaço tão sagrado como o da sua, e nua, intimidade? Mas o que disse não foi nada disso.

«Prometo cair.»

Ele sorriu, fez-lhe uma rasteira, deixou que a queda dela se fizesse contra os braços dele. Uma cena de filme antigo, daquelas que já não se usam.

«Usa-me para saíres do que te dói.»

Ela usou. O que não quer dizer que ele também não a tenha usado. Ainda ficaram ali mais uns quinze minutos, a dançarem com cada vez mais calor as canções que só eles, na cabeça, iam ouvindo — ainda hoje não sabem como foi possível estarem a escutar a mesma canção se nem um nem outro mostraram o que estavam a ouvir. Há quem lhe chame magia, acaso. Há ainda quem lhe chame cumplicidade, destino, partilha, telepatia ou fado. Mas era só amor — o que quer dizer que era tudo isso que lhe chamam. E mais alguma coisa.

«Quer ser nosso padrinho, senhor agente?»

Não tive tempo de perceber se o polícia que os deteve por atentado ao pudor aceitou ou não.

— Sou o que me permito ser, por mais que não faça apenas aquilo que quero fazer.

— Somos o que pensamos?

— Somos o que pensamos sentir.

— Somos então o que sentimos.

— Não.

— ...

— Somos o que fica do que sentimos. O que sobra do encontro do que passa por nós com o que somos nós.

— Somos o resto de nós.

— Isso: somos o resto de nós. Somos inteiramente nós quando deixamos que o que fica em nós seja precisamente o que nós somos.

— Os sonhadores.

— Não existem sonhadores. Existem pessoas. E as pessoas sonham. Quem sonha não é sonhador; é uma pessoa. Quem não sonha é o contrário de si mesmo. Quem abdica de sonhar abdica de ser.

— Às vezes rastejar é preciso.

— Rastejar é um acontecimento mental. Quem pensa pela sua cabeça e rasteja por causa disso não está a rastejar; está a voar junto ao chão.

— E o que fazemos quando não podemos concordar os nossos actos com os nossos pensamentos?

— Somos prisioneiros. Estamos presos naquilo que não conseguimos deixar de ser e que ainda assim não conseguimos ser.

— Somos não-pessoas.

— Somos pessoas. Mas presas.

— O que é uma não-pessoa?

— Uma não-pessoa é só aquela que nada deseja. O desejo é o que nos permite ter a certeza de que estamos vivos: de que existimos.

— Se desejo, sou.

— Se desejas, queres ser. É sempre esse o primeiro passo. Querer. Tudo o que interessa começa porque se quer.

— Às vezes é sem querer.

— E no entanto queremos-lo como loucos. A partir do instante em que passamos a querer, somos aquele querer, precisamos daquele querer, dependemos daquele querer. Queremos tanto que tudo o que não seja conseguir o que queremos inexistente.

— Só existe o que queremos.

— Só somos o que queremos.

— Quero-te.





«Mais vale ser feliz do que ser rei.»

Estamos sem um cêntimo na conta mas estamos felizes, o céu e o mar, uma pequena brisa, um gelado para cada um, as peles juntas, arrepiadas. O que o dinheiro não compra é o que não tem preço, tão simples de entender. Deixámos para trás a vida comum, as ambições pequenas, cargos de topo em empresas de topo. Há tantos que neste momento têm pena de nós, daquilo em que nos tornámos. Há sempre tantos que precisam de ter pena dos outros para esquecerem a pena que têm de si mesmos, das suas vidas.

«Dizem que já não sou o mesmo. Ainda bem.»

Por todo o lado há pessoas cristalizadas. Prefiro ser de cristal, estar quase sempre a partir, ser frágil, a exigir atenção permanente, cuidados intensivos, e intensos. Por todo o lado há quem tenha parado de mudar, e por isso de viver. Chamam maturidade ao tédio, idade à desistência, envelhecimento à anemia. Usamos tão mal as palavras. Colocamo-las ao serviço do eufemismo quando devíamos colocá-las ao serviço da euforia, da transformação. Todos os que mudaram precisaram de palavras. No começo estão elas: antes de ser é pensado. Pensámos tanto que nunca conseguiríamos e aqui estamos. Só os dois, distantes do que nos apagava, do instinto tóxico de quem só queria proteger-se da sua própria falibilidade. A tentação maior é a da continuidade.

«Somos estúpidos a vida toda. Chama-se maturidade ao momento em que conseguimos percebê-lo.»

A minha chegou cedo, ainda a tempo. Ainda a tempo de ti, da coragem. Ainda há tempo. Foi nisso que acreditámos, é nisso que temos de acreditar. Ainda há tempo quando estamos vivos, quando há uma possibilidade. Temos de esgotar todas as que temos, gastá-las pela usura, não pela falta de tentativa. Não sabemos se vamos aguentar assim, entregues a uma espécie de anarquia emocional. Mas sabemos, eu sei pelo menos, que enquanto tiver a possibilidade de experimentar a liberdade nada me fará desistir dela. Sou livre contigo. És a minha diversão favorita: a única maneira de querer mais do que acordar e dormir. Cuido da vida para te ter. Gosto do modo desesperado como nos queremos. Há no desespero uma humanidade real. Como se a derrota tivesse mais charme. Passamos o tempo triturados por insignificâncias, engolidos pela busca do que não temos.

«Queres correr perigo comigo?»

# 👉 COMO FODER UM CASAMENTO 👈

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 7. PERDER A CURIOSIDADE

Não sabes. Não queres saber. Faço mil e uma coisas e nada dizes. Penso mil e uma coisas e nada procuras perceber.

Amar é querer saber, ficas agora a saber.

A curiosidade não é algo que faça bem a uma relação; a curiosidade é aquilo que mantém um casamento inteiro.

Sem curiosidade, sem constante procura, sem constante busca pelo que o outro é, quer, sente, deseja ou deixa de desejar, sem isso não há uma união, nem sequer uma parceria, muito menos um amor; há um espaço que aos poucos vai ficando por preencher, um espaço que vai aumentando, um vazio cada vez maior, e cada vez mais frágil.

O que apaixonar é sempre a curiosidade, sempre, sempre.

O que apaixonar é o novo: é querer saber mais. E se não queres saber mais da mesma pessoa vais ter de ir buscar a novidade a outras pessoas: se não podes encontrar a novidade na pessoa de sempre vais procurar a novidade que é sempre uma pessoa nova.

Por favor tenta saber de mim.

Por favor volta a tentar saber de mim. Pergunta-me o que fiz, o que quero fazer. Pergunta-me o que sonho fazer, o que nunca pensei fazer mas acabei por fazer. Pergunta-me tudo, tudo, porque quero que tudo sirva para nos salvar da ausência.

Um amor sobrevive a muitas ausências; mas nenhum amor resiste à ausência de quem nele habita.

Quando te conheci eras isso: foi também isso o que me apaixonou em ti. Essa urgência em me saberes. Era a tua mulher e era a tua musa e era a tua fonte de saber, de informação. Consumias-me como se precisasses de mim para saberes de ti.

Amar é precisar de saber do outro para sabermos de nós.

Amar é o que nos localiza: estamos localizados no lugar que amamos. Sem ti, sem que queiras saber onde estou, fico sem entender o que me

segura a mim. E inexoravelmente a ti.

Onde estás quando quero dizer-te que estou triste? Onde estás quando quero dizer-te que estou cansada, ou amuada, ou desalentada, ou motivada? Onde estás? Onde estás? Onde estás?

Amar é querer saber onde está quem amamos. E ser lá o exacto sítio onde queremos estar.

Já não estou certa disso, sabes?

Não sabes, claro. Não queres saber.

Pode ser que em breve não consigas mesmo saber.



*Estou a perder-te,  
o que dói mais do que saber que estamos a perder quem nos faz não  
nos perdermos?,  
estou a perder-te, sei que estou, e não consigo mudar, não consigo  
acordar,  
o mais perigoso é o tédio, o não saber como sair dali, de um buraco  
que sabemos que fomos nós que cavámos, e que quando mais nos mexemos  
mais fundo vai ficando,  
o mais perigoso é o cabrão do tédio,  
a cabra da preguiça,  
deixei-me parar aqui, diante da incomparável felicidade de te ter, e  
adormeci ali, a contemplar sem proteger,  
um amor não se contempla,  
protege-se,  
com tudo o que temos, com tudo o que somos,  
porque é aquilo tudo o que somos,  
és tudo o que sou, é isso que te quero dizer,  
e nunca digo,  
mantenho-me abúlico, sitiado numa malha de incapacidade,  
sinto-me pouco para ti e quanto mais me sinto pouco para ti mais  
pouco para ti vou ficando, entendes-me?,  
apouco-me de cada vez que te vejo mais gigante,  
és tão grande,  
amo-te tanto, minha rainha,  
e sei que não querias que me ficasse por aqui, simples servo,  
queres fazer de mim o teu rei quando nem sobre o que sou consigo  
reinar,  
és a que nunca vou merecer,  
é essa a consciência que me impede de te merecer mesmo,  
quando me olhas e me pedes sem uma palavra para te procurar sou eu  
que não me encontro,  
ficarei sem ti porque não te quero perder,*

*que estupidez,  
é o meu medo de te perder que me fará perder-te,  
não sei o que faço para reagir,  
e sei que me bastava mesmo isso,  
reagir,  
se um dia voltar a casa e não estiveres sei que te perdi por ausência,  
pior do que a ausência é a falta de presença, penso agora, e percebo  
que são coisas bem diferentes,  
nunca me ausentei mas também raramente estive presente,  
estava a pensar na melhor maneira de te agradar,  
e isso fatalmente te desagradava,  
quando um dia te lembrares de mim recorda-me como o cobarde que  
nada fez porque temia as consequências de tudo o que fizesse,  
mas basta-me que me recordes seja como for para cada segundo nosso  
ter valido a pena,  
prometes, prometes?*

Ama-se quem queremos ter ao nosso lado quando choramos,  
ou aquele com quem queremos partilhar uma falha, uma perda, uma  
insuficiência,

ama-se quem queremos ter ao nosso lado quando formos quase  
velhotes,

ou velhotes mesmo,

a juventude passa e leva tudo,

menos o amor,

o tempo mede o que és, o que sentes, o que suportas,

quantos encontraram no outrora insuportável o agora insubstituível?,

somos o que o tempo não apaga,

se o amor acabou não foi amor coisa nenhuma,

ontem tive medo de não ser gente, fiz o que não queria,

magoei, erreí, fui incapaz,

e quando chegaste e to disse tudo passou,

ficou tudo na mesma e tudo passou,

o amor pode não mudar nada que tudo com ele se altera,

há quem viva sem amor,

não há nada,

estava a brincar,

e quem não o percebeu logo que se cuide,

Deus me livre,

e a ti também,

já agora,

pode ser, pode?

- Quero amor incondicional.
- Esse costuma matar o outro.
- O outro?
- O amor-próprio. Um amor sem condições é isso mesmo: um amor sem condições. O amor incondicional acaba com o amor-próprio.
- Se me irrita contigo é também porque te amo.
- Eu sei que foste um erro. Mas estou apaixonada pelo erro que fomos.
- Somos.
- Somos. Temos de ser. Temos de ter a coragem.
- Sim. A coragem é o que aparece quando nada mais pode aparecer.
- A compreensão. Se houver compreensão pode haver amor.
- Ter coragem para compreender, é isso?
- Fugir do grito. O grito é o ruído que usamos para tapar o amor.
- Desculpa quando te levanto a voz. Preciso de deixar de te ouvir em mim para me poder zangar contigo.
- Perdoas-me perdoar-te?
- Oh.
- Agradeço-te.
- Às vezes temos tendência a desconfiar da felicidade, como se não merecêssemos que o bom nos acontecesse.
- E isso limita-nos a felicidade: impede que se torne inteira, não é?
- Torna-a visível. Torna-a espaçosa. A felicidade não pode ser vista, só tocada. Só sentida. Como se não estivesse. É só assim que está.
- Ainda queres amor incondicional?
- Quero que me ames sem culpa, sem sentença. Não temos de ser criativos para justificar o que sentimos. Só temos de amar.
- Quero que quando estou triste fiques triste comigo. Serei egoísta?
- Claro que sim. Por favor continua a sê-lo.
- Há uma ponta de egoísmo no amor?
- Há uma ponta de amor no egoísmo. Amo-te para ser feliz: o que é isto senão um egoísmo bom?
- O que falta ao mundo é então egoísmo: amarmo-nos para nos sentirmos bem?
- O que falta ao mundo é o egoísmo certo. Não falta egoísmo no mundo.
- Mas é o egoísmo errado.
- É o egoísmo que odeia.
- Gosto de rir do que sofro.

- As boas pessoas riem do que sofrem: só assim evitam tornar-se más pessoas.
- O riso liberta.
- A liberdade liberta. Rir é uma expressão livre. Podemos rir de tudo, sobretudo do que magoa.
- Gosto de rir contigo.
- E de chorar.
- A estabilidade é coisa de quem não vive, não é? Sem altos e baixos não somos; vamos sendo.
- A estabilidade é um baixo. Mas é um baixo permanente.
- Uma mentira estável.
- Uma mentira confortável.
- Até a mentira tem de ser arrojada. Há mentiras que nos tiram do lugar. Há mentiras que nos elevam.
- Como a que te disse há pouco?
- Qual?
- A de que não queria ir outra vez para debaixo dos lençóis contigo.
- Sim, como essa.
- Ainda demoras?



[o evangelho dos filhos da puta]

O silêncio é  
a voz cega  
da solidão.

O ofício da vida é  
levantar da chuva como  
um louco se levanta  
da morte.

Já fui o amante, hoje sou  
o cão, o exemplo  
retumbante: até o pecado tem  
um lado sagrado.

E cravaram-se os dedos  
na beleza explícita, no  
pavor corrupto  
da matéria.

A alucinação é a  
viagem violenta, a  
alegria implosiva  
do desequilíbrio.  
A ordem é um caos  
encenado, um impulso permanente:  
nada assusta mais do que a  
insónia do medo.

Vejo em ti a  
treva exaltante, a biografia  
da carne: pelas cercanias  
de ti há uma adolescência  
transgressora, uma energia  
abusivamente física.

A nosso favor só a  
vertigem, o espectáculo

misterioso da impossibilidade.

Inventaste em mim um  
impulso, uma armadilha:  
somos em verdade  
a culpa  
branca: a metáfora  
das regras.

«Noventa por cento do mundo faz de conta que está vivo. Os outros dez por cento são malucos. Estamos fodidos de qualquer maneira.»

O modo como me disseste aquelas palavras fez-me acreditar que sim: eras a mulher da minha vida. A mulher da minha vida tinha de ser assim: com as palavras fortes quando a realidade era forte. Só não esperava era que um dia essas palavras fortes dessem cabo de mim. E com toda a força, claro.

«Um dia fizeste-me sonhar. Hoje só me trazes para a realidade. A realidade é uma seca. Que se foda a realidade.»

Não precisavas de usar tantos palavrões para te livrares de mim, apeteceu-me dizer-te, mas depois pensei que essa devia ser uma das coisas que me acusavas de ser: a realidade também é apontar o dedo a quem usa palavras fortes, eu que sempre amei a maneira como te exprimes, eu que me apaixonei por tudo o que eras, até pelo lado negro do que eras. Eu que nunca temi os teus fantasmas. Afinal não passava de um simples terráqueo mental: aquela criatura miserável que não sai da Terra. Um ser sem asas. Uma seca.

«Não quero magoar-te, desculpa. Eu e esta minha mania de não segurar as palavras que magoam. Desculpa.»

Sim. Isso não se faz. Confunde-se franqueza com barbaridade. Dar cabo de mim assim foi crueldade, não sinceridade. Foi um atentado. Não te perdoaria jamais. Nunca. Nunca mais voltaria para ti, a não ser que quisesse voltar para mim.

«Há uma coragem em mim que vem de ti. E eu tenho de aprender a ir buscar essa coragem a mim. Não posso ter-te na minha vida para me encontrar em pleno contigo. Fazes-me forte em ti e eu tenho de ser forte em mim.»

Eram tretas. Tu sabias, eu sabia. Qualquer pessoa que o ouvisse saberia. Se fosse como tu mandava-te para aquele lugar e seguia em frente. Estavas a tentar, agora, depois de me teres atirado uma bomba para a mão, libertar-te da culpa do que me doía, do que já me doía tanto e ainda muito mais iria doer. Podias ter demonstrado mais respeito por mim e não vires com tretas. Não sabes ter falinhas mansas. És tão mazinha a ser boazinha.

«Sem mim vais ficar melhor, vais ver.»

Nisso tiveste razão. Só escusava era de ter demorado tanto. Tive de esperar uns anos até encontrar alguém que te desmantelasse de mim. Passei pelo fim do mundo e sobrevivi. Aqui estou, mais feliz do que nunca, mais apaixonado do que nunca, a escrever-te apenas para me expurgar definitivamente. Estou livre de ti, garanto-te.

«Logo no nosso café de sempre: ainda sabes onde é?»  
E é aqui que estou, sabe-se lá para quê.

# 🌿 COMO FODER UM CASAMENTO 🌿

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 8. VER O OUTRO À NOSSA IMAGEM

Queria tanto não saber tudo de ti.

Pode parecer estranho, mas é assim.

Queria tanto não saber tudo de ti.

Preferia que fosses, que continuasses a ser, aquele ser encoberto, aqui e ali, por algum nevoeiro.

O nevoeiro às vezes faz falta a uma relação: no meio do nevoeiro todos somos capazes de ver o que queremos ver.

Queria tanto não saber tudo de ti.

Queria passar pelos dias à procura de te conhecer. Mas temo já saber tudo o que podes ser — o que quer dizer que se calhar já sei tudo sobre o que podemos ser.

Uma relação em que ambos sabem tudo sobre o que o outro pode ser dificilmente pode ser.

O amor precisa de espaços em branco. E é assim que vai avançando: à procura de os preencher — e fatalmente nunca os preenchendo.

O que é fatal para o amor não é a presença de espaços vazios; é a sua ausência. Porque o amor para caminhar precisa de espaço: precisa de sentir que está a conquistar, que está a avançar.

Um amor sem mistério é um amor parado: a caminho da podridão.

Viver é movimento, como amar é movimento. E a magia de estar vivo, como a magia de amar, é a magia de não saber o que escondem as portas, e as janelas, e os buracos das fechaduras, e não saber o que será amanhã, e depois, e depois.

E depois?

Se soubesse tudo o que vai acontecer-me até ao final da vida, a minha vida estava acabada.

Preciso de zonas cinzentas, de talvez, de será que?, de não saber todas as respostas e muito menos todas as perguntas.

A felicidade não é ter tudo; a felicidade é sentir tudo.

Sinto muito, mas não te sinto já como te sentia. Não é que não te ame. Nada disso. Continuas a ser o homem da minha vida mas já não sei se és tu o homem de todas as minhas vidas.

Porque precisava de menos de ti. Isso: precisava de menos de ti.

Às vezes o amor ganha tanto em dar-se menos um pouco, em deixar encantos por mostrar, esquinas por pisar, sabores por provar.

A vida, e o amor, é feita da capacidade de equilibrar os sabores que se provam e os sabores que se quer provar.

Amo profundamente todos os sabores que provo em ti. Mas gostaria de amar também todos os sabores que gostava de conhecer em ti.

O amor só é real quando tem em si, sempre, fantasias por conhecer. O amor só é real quando tem em si, sempre, realidades por descodificar.

Por que raio tiveste de estragar todas as minhas?



*Por que raio te escondes tanto quando te preciso toda?*

*Por onde andas? Quem és?*

*Não suporto não saber tudo o que pensas, tudo o que sentes. E eu que me dou todo, todo, a ti. Eu que te digo tudo, que te procuro para tudo, que te entrego tudo.*

*Porque insistes em ser esse mistério constante? Porque te cobres e não me deixas ver-te como és?*

*Preciso de entender o que estamos a fazer, de que matéria é feito este nosso amor.*

*Preciso de um amor que consiga tocar, de um amor que por mais que voe esteja com os pés no chão.*

*Preciso de um amor com todas as dimensões, com todas as arestas à vista.*

*Um amor com arestas escondidas pode cortar, pode ferir.*

*Há arestas escondidas que matam pessoas: porque não hão-de matar amores também?*

*Não te protejas: ao protegeres-te assim estás a desproteger o amor. Estás a expor o amor.*

*Estamos juntos há tantos anos e ainda há tanto que tenho por saber de ti. E não sei se aguento. Não sei se consigo aguentar.*

*E tu foges. Continuas a fugir. Continuas a ser a mulher-enigma, a mulher-névoa. Estás constantemente atrás de uma nuvem que nunca consegui limpar.*

*O amor dificilmente resiste a uma nuvem que nunca se consegue limpar.*

*Não deixes o nosso ir assim, por ausência de tentativa.*

*O amor dificilmente resiste à ausência de tentativa.*

*Vem. Não te escondas de mim. Não procures escapar-te de ti ao não*

*quereres mostrar-te a mim. Só assim o que nos une conseguirá escapar.  
Pensa nisso, sim?*

Certo dia uma criança resolveu ser feliz,  
hoje vou ser feliz,  
só assim, sem mais nem menos,  
hoje vou ser feliz,  
e foi mesmo,  
perlimpimpim,  
hoje vou feliz,  
e já está,  
foi mesmo,  
o problema é que depois essa criança cresceu,  
que é como quem diz que diminuiu,  
crescer é quase sempre diminuir o que interessa,  
a capacidade de sonhar, acima de tudo, a capacidade de acreditar no  
impossível, de fazer de conta,  
a vida quando não tem uma parte de faz-de-conta não existe e não é  
vida nenhuma,  
temos de acreditar no que não existe para a vida existir mesmo,  
mas contava eu que essa criança cresceu e por mais que decidisse ser  
feliz,  
e decidiu muitas vezes,  
hoje vou ser feliz,  
disse uma vez,  
hoje vou ser feliz,  
disse outra vez, e outra,  
hoje vou ser feliz,  
mas não, não conseguiu, tentava e não conseguia,  
ora havia uma conta para pagar, ou um objetivo por alcançar, ou uma  
casa para desejar, ou um carro para almejar, ou uma promoção para  
perseguir,  
hoje vou ser feliz,  
e nada,  
nada,  
nada, niente,  
a menina que cresceu e deixou de ser menina decidia muitas vezes ser  
feliz e raramente conseguia mesmo ser feliz,  
não se pode ter tudo,  
dizia-lhe a mãe, o pai, a amiga, os primos, a irmã,  
não se pode ter tudo,  
e aos poucos a menina acreditou que sim,



que não, na verdade,  
que não se pode ter tudo,  
que a felicidade não se decide,  
hoje vou ser feliz,  
não, não basta desejar e ela aparece,  
até que certo dia a menina decidiu hoje vou ser feliz e nesse instante  
passava ao lado um homem que decidira nesse mesmo dia, poucos  
segundos antes, exactamente o mesmo,  
hoje vou ser feliz,  
olharam-se felizes e ficaram felizes,  
a felicidade é como um vírus, passa entre quem se ama,  
hoje vou ser feliz,  
disse ela,  
hoje vou ser feliz,  
disse ele,  
e o pior é que foram mesmo,  
enfim,  
que vergonha,  
acham mesmo que têm tudo,  
e têm mesmo,  
que criancice,  
enfim,  
haja paciência.

é tão triste o conflito, aperta-me tanto, não o suporte,  
é como ter uma corda à volta da garganta, a esticar, a esticar,  
quando discutimos nem sei quem sou, para onde vou, o que estou aqui  
a fazer,

quem somos senão criaturas apaixonadas por quem amam?,  
amo-te como à vida, meu amor,  
não sabemos como começa, e dói, leva-nos para palavras que não  
queríamos dizer, para ataques que não queríamos fazer, para esquinas  
pútridas do que temos em nós,

há um bicho qualquer nos humanos que os leva à guerra tola, não há?,  
tem de haver, tem de haver,  
sabemos exactamente o que temos de fazer, sabemos exactamente o  
que temos de evitar, o que nos magoa, o que magoa o outro,  
e ainda assim magoamos, e ainda assim somos magoados,  
tudo é um problema de execução, de fazermos o que sabemos que  
devemos fazer,

porque não o fazemos?, porquê?,  
somos todos boas pessoas até conflito em contrário,  
não sei o que nos leva, mas vamos, talvez seja essa a nossa maior  
fraqueza, a melhor maneira de cairmos no erro,  
será pela cabra da razão?,

o mais feliz nunca é o que tem sempre razão,  
esse é o que mais conhece o enfado, na melhor das hipóteses,  
sou tão débil quando me magoo contigo, tudo me parece insolúvel,  
descubro problemas onde antes estava o que fazia parte de mim, o que nem  
um arranhão me fazia,

sou indestrutível quando te amo,  
e amo-te sempre, que isso fique escrito,  
sou indestrutível quando estamos bem, quando rimos, quando  
brincamos, quando falamos da vida que somos, da vida que seremos,  
serei sempre aquele que te quer na sua vida, sempre, sempre,  
sou indestrutível debaixo da tua protecção, no centro dos teus braços,  
ancorado na certeza de que nada nos fará tremer,

a não ser de prazer claro, como quando nos abraçamos e a tua pele  
descobre a minha,

quero-te mais do que no primeiro dia,  
o apartamento e a noite inacabável, lembras-te?,  
inacabável porque ainda dura, ainda é nela que vivemos, somos aqueles  
dois doidos a descobrirem os corpos para salvarem as almas,

e salvámos, salvámos de tantas maneiras,  
tenho no teu orgasmo em mim uma segunda casa,  
a primeira és tu toda, claro, a tua existência,  
a minha salvação,  
que crueldade foi ter vivido tanto tempo sem ti, se pudesse escolher  
tinha nascido logo nos teus braços,  
para aproveitar, para aproveitar,  
olho-te depois da ferida e tudo passa,  
nem uma cicatriz fica, deve ser isto amar, não deve?,  
continuas a ser a minha cura,  
quando dizemos o que não queremos dizer ouvimos o que não  
queremos ouvir,  
sentimos o que não queremos sentir,  
peço-te desculpa pelo que disse, pedes desculpa pelo que disseste,  
se não custasse tanto o antes e o durante queria esta sensação de  
estarmos bem outra vez todos os dias, a toda a hora,  
é o retorno da paz, a respiração a normalizar,  
a vida toda a acalmar,  
só tu me tiras o sossego e só tu mo dás assim,  
dependo de ti para pouca coisa, na verdade,  
só para respirar, só para estar vivo,  
de resto passo bem sem ti, ficas a saber,  
e a sentir,  
fixa bem essa só para saberes como sou forte,  
desde que tu em mim também o sejas.

Quando se quer, faz-se.

A frase estava na cabeça e não me saía da cabeça. Quando se quer, faz-se, porra. Porque é que ela não está aqui? Porquê? Se me quer porque não vem? Disse que vinha e não veio. E eu aqui, à espera, neste café cheio de gente e ninguém é ela.

O pior do amor é ninguém mais ser o amor senão aquela que amamos, não é? E é tão bom.

— Desculpa o atraso.

— Não tem problema.

— Não?

— Não. Se vieres vens a tempo. Seja a que horas for. Se vieres vens a tempo.

O pior do amor é vir sempre a tempo mesmo quando chega tarde de mais e mesmo assim consegue estar perfeitamente a tempo de corrigir tudo o que houver para corrigir, para alterar tudo o que houver para alterar, para levar à frente tudo o que porventura pensar que possa impedi-lo, não é? E é tão bom.

— Pensei que sabia quem era. Mas depois chegaste tu.

— Eu sempre soube quem era. Era aquele que te ama. Ainda sou, aliás.

As palavras bonitas são bonitas quando mexem com o que está à volta. Sempre que uma palavra altera para melhor a realidade é uma palavra bonita. Pode ser a pior palavra do mundo e continua a ser uma palavra bonita. As palavras não valem pelo que são. Valem pelo que, naquele momento, valem.

— Foda-se.

— O que foi?

— Amar assim não tem solução. E eu não consigo lidar bem com o que não tem solução. Sinto-me presa, fechada dentro duma caixa.

— Deixa. Eu ajudo-te.

— Vais tirar-me da caixa, é?

— Não: vou contigo para lá.

E foi.

E foram.

As tuas palavras: vem que te quero agora. O medo de seres para sempre e o medo de não seres para sempre. O que comove é o que não se diz, o que fica como uma crosta entre o que sentimos e o que dizemos. O teu corpo nu debaixo do meu. Todas as peles levantam suspeitas. As tuas palavras: quero ser vítima de um longo sequestro. O incerto asfixia, como se estivéssemos a chegar ao recomeço da morte. As tuas palavras: a tua boca apazigua o que temo. O modo perfeito como te abres para mim. Viver é encontrar a forma menos dolorosa de destruímos o corpo. Gosto de ser o alvo da tua língua, o rapaz que te conduz pelo parque. A felicidade está nas coisas vulgares, a meio caminho entre o milagre e a decomposição. As tuas palavras: o prazer é uma armadilha. O teu corpo sentado no meu, olhos nos olhos, como se fosses uma frágil escultura, um destroço sem nome. O barulho do mar a entrar pela janela. Somos todos animais apressados à procura de regredir até ao início da esperança. Os teus olhos fechados, longe. O orgasmo é uma ave solitária. As tuas palavras: quando me fazes vir afasto-me da morte. Que sabemos nós de nós? É íngreme o vazio da despedida, um remorso ferido. As minhas palavras: quero consumir a nossa ficção. A coragem faz golpes na garganta, um caos sem aprendizagem possível. O teu corpo já vestido a afastar-se do meu, o mundo de repente a deixar de ser total. As tuas palavras: obrigado pelo suor, pelo assombro, mas tenho de retornar ao periférico, à normalidade obsessiva, à vida exacta. O barulho insuportável das tuas mãos na porta. As minhas palavras: queria anular-te, colocar um muro nos meus subúrbios, para que não faças de mim o teu pântano. O fosso da porta fechada, da tua ausência corrompida. O meu grito para o lado de fora do quarto: a última palavra será sempre tua. Deito-me no lugar do prazer, no sítio da execução. Penso: todo o prazer é um equívoco. Ouço: só não querer o prazer é um equívoco. O inverno morre quando a primavera chega, remete-se a um exílio de espinhos, estendido no seu nojento campo de lama. Penso: só precisamos de uma frincha para ver a luz. A tua última palavra: voltei para o meio da labareda. Vamos juntos para o intervalo entre o fogo e a queda. Chamam-lhe amor.

Havia uma mulher que abria as pernas como se abre a porta do  
escritório,  
que pobreza,  
àquela hora, à hora marcada, no dia marcado, na posição de sempre,  
com o homem de sempre,  
as mesmas palavras, as mesmas sensações,  
tão boas mas tão as mesmas,  
o amor pode ser tão bom mas não pode ser tão o mesmo, sempre tão o  
mesmo,  
amar como se fosse aspirar a casa, ou lavar a loiça,  
amar quando passa a ser obrigação é obrigatoriamente uma merda,  
e deixa de ser amar,  
a mulher um dia decidiu que ia ser diferente,  
tentou uma roupa interior nova, uma abordagem nova, algumas  
palavras novas até,  
atirou-se inteira para o marido,  
ou nos atiramos inteiros para o amor ou estamos a atirar-nos inteiros  
para um precipício,  
o amor é no limite um abismo que nos salva do precipício,  
e é ao mesmo tempo o precipício sem retorno,  
nunca se volta do amor,  
pelo menos com vida, com a vida que interessa viver,  
mas a mulher fez aquilo ao homem, o homem gostou, foi diferente  
aquela noite, as pernas abriram, a vida abriu, só porque alguém se lembrou  
de fazer diferente, de fazer novo, de tentar outra vez a primeira vez,  
o amor é sempre como se fosse a primeira vez, mas melhor do que ser  
como a primeira vez é mesmo ser a primeira vez,  
amaram-se o tempo suficiente para ser inesquecível,  
o que quer dizer que se amaram para sempre, digamos desde já para  
economizar palavras,  
como ela, que agora aprendeu a economizar em tudo,  
mas não em gemidos,  
eu que sou o vizinho de baixo que o diga,  
que não se dorme neste prédio há uns dias,  
chiça.

# 👉 COMO FODER UM CASAMENTO 👈

## · M A N U A L P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 9. LEMBRAR TUDO

Tenho a sensação de que o mundo é um pássaro de barro, sabes? Uma ironia cruel: para quê ter asas se não podemos mexê-las?

Estou deitado no quarto fechado. À minha volta as lembranças.

À nossa volta estão sempre as lembranças, uma espécie de barro que nos impede o movimento.

Magoa-me o que já fomos, muito mais do que aquilo que ainda somos.

A insuficiência não é o motivo para a infelicidade, somente a felicidade recordada.

Somos o que conhecemos.

Nunca ninguém que nunca foi verdadeiramente feliz é verdadeiramente infeliz.

A ausência é constantemente o que dói: o que de repente, ou não tão de repente assim, deixamos de ter. Melhor ainda: o que de repente, ou não tão de repente assim, deixamos de sentir.

Qual é mais infeliz: o que nunca amou ou o que deixou de amar?

Eu estou algures entre os dois. Magoa sentir algum espaço vazio no que outrora ocupava tudo.

O que fere não é o espaço vazio: é o espaço desocupado, o espaço que outrora nos fazia plenos e agora nos faz incompletos.

Fomos o irrespirável, o arfar, o gemido, a ansiedade, a ânsia, até a angústia, e a saudade, e o medo, a aventura, o arrojo, o risco, o suor, a roupa espalhada, os lençóis amarrotados. É nisso que penso quando nos olho agora.

A infelicidade é pensar no que já não é, no que jamais voltará a ser.

O que somos é bom, muito bom. Somos a respiração calma, a paz, as palavras doces, o abraço protector, o beijo envolvente, o cuidado, a ternura, a segurança, o refúgio, a amizade maior, a intimidade serena, a cumplicidade, o afago, a gentileza, a preocupação. Tudo tão bom. E no

entanto.

A puta da recordação.

A puta da recordação deixa-me triste, a comparação deixa-me triste. Talvez porque já não volta o que já fui, talvez porque é a prova de que o tempo passou — e com ele nós, o que fomos nós, passou.

O tempo só passa quando não tem volta.

Não temos. Não temos volta. Tudo o que lembro de nós é melhor do que tudo o que sinto de nós.

A morte é apenas o momento em que tudo o que te deixa feliz já aconteceu.

E nós, lamento, somos cada vez mais o que fomos.



*Estamos tão crescidos, meu amor,  
lembras-te do quão inconsequentes éramos quando nos metemos por  
aquela estrada de madrugada e fomos sem destino só à procura de nós?,  
o amor é irmos à procura de nós, eu sei,  
mas é isso o que também agora fazemos, não é?,  
temos um espaço partilhado,  
temos um templo de amor, não achas?,  
sabemo-nos tão bem,  
o amor é sabermo-nos bem, eu sei,  
quando um está triste o outro sabe e aproxima-se, sem querer salvar  
mas apenas para querer estar, cuidar, ouvir,  
amar,  
o amor é estar, cuidar, ouvir, eu sei,  
sou a tua mulher e tu és o meu homem, que silêncio haverá maior do  
que este?,  
a felicidade tem tantas faces, há tantas maneiras de sermos felizes,  
graças a deus,  
e a nós, sobretudo,  
que soubemos andar juntos, ficar mais fortes juntos, entender que é  
muito mais o que se ganha do que aquilo que se perde quando se ganha  
idade,  
envelhecer só acontece aos velhos,  
aos que se deixam derrotar com a idade, como se mais um ano fosse  
menos uma possibilidade,  
cada dia é mais um dia de nós, já viste que sorte?,  
estás no quarto, dormes e eu penso em ti,  
amo-te, eu sei,  
quando penso em ti amo-te ainda mais,  
por vezes apetece-me abraçar-te só por me teres dado a oportunidade  
de viver contigo tudo o que passámos a ser,*



*somos tão grandes quando amamos, não somos?,  
a idade leva-nos tudo menos o amor,  
obrigado,  
amo-te,  
nunca te esqueças.*

Não sei o que sinto mais pelos outros: se repulsa se tesão. Gosto desta mulher de saia curta que se senta à minha frente. Olha-me como se estivesse a tirar-me as calças. É mulher de um amigo meu há mais de duas décadas. Admiro todos os corajosos que se soltam da sociedade. Somos pássaros de loiça: só somos felizes a voar mas sempre que voamos partimos todos. Estou infeliz, abre-se ela. Não sei o que fazer comigo. A mão direita a tremer, pousada na perna. Olho-a com o olhar vazio de quem só está a pensar na melhor maneira de não dar a entender que está a cagar-se para o que está a ouvir. Vamos resolver isso nas nossas sessões, descanso-a. Não há cerveja em casa, aponto, com ar solene, no meu caderno de consulta. Dou por terminada a sessão.

Despedi-me da empresa porque deixaste de trabalhar lá,  
talvez tenha sido um palerma, eu sei,  
talvez amanhã ou depois,  
ou antes, sei lá,  
apareça o arrependimento,  
as palavras dos meus pais,  
o que foste tu fazer à tua vida, meu filho?, nunca mais aprendes, filho,  
quando é que cresces, filho?,  
mas a verdade é que crescer é aprender a amar,  
nada mais do que isso,  
não li num livro mas se calhar alguém já o escreveu,  
toda a gente que ama escreve da mesma maneira, com as mesmas  
palavras,  
e no entanto amar é sempre diferente, que estranho,  
e assustador,  
e fascinante,  
amo-te como se ama o que não conseguimos deixar de amar,  
amar é quando não conseguimos deixar de amar, amar é quando tudo o  
que fazemos é por amor, mesmo o que não tem nada que ver com amor,  
há bocado lavei o carro a amar-te,  
quando se ama todos os gestos são por amor,  
e eu despedi-me porque já não trabalhas lá,  
ou se trabalha por amor e então não se trabalha nada e só se ama, ou  
então mais vale não trabalhar,  
só quem não faz ideia do que é a vida é que trabalha para ganhar a  
vida,  
a velhice ensina-nos que só se trabalha para ganhar amor,  
e se não houver amor envolvido mais vale estar quieto,  
e mesmo estar quieto deve ser por amor, percebo, agora que penso  
nisso,  
chega de palavras e vamos aos actos,  
daqui a nada saís de casa e vais à pastelaria,  
eu vou lá estar e fazer-me de desentendido,  
olá, como estás?, bem, e tu?, bem, obrigado,  
vamos fazer conversa de circunstância até que um dia,  
até que um dia, meu Deus, que até me falta o ar,  
até que um dia a coragem,  
um dia digo que te quero mais do que a sei lá bem o quê,  
só é amor quando se ama mais do que sei lá bem o quê,

e já estás na pastelaria, já falámos, já foste,  
agora vais para a padaria,  
é lá que trabalhas agora,  
e eu também, vais ficar agora a saber,  
e o mais estranho é que eu nunca soube também que o meu grande  
sonho era ser padeiro,  
viva o pão,  
e tu, e tu,  
e tu,  
depois de sair a última fornada da noite falamos, prometes?

«O amor é quando eu faço tudo o que posso por outra pessoa e a outra pessoa tem de fazer tudo o que pode por mim senão ele acaba.»

Ao ouvir aquelas palavras, convictas e seguras, do seu filho, percebeu enfim porque estava sem ela, porque o casamento tinha acabado, porque a vida, tal qual ele a queria, tinha terminado. Esquecera-se, no fundo, do que era o amor. Esquecera-se de dar tudo. Esquecera-se de que quando não se dá tudo pelo amor ele deixa de ser tudo.

«Desculpa. Só fiz o possível»

Ela ouviu-o. Percebeu na hora o que ele quis dizer com aquilo. Percebeu na hora que ele sabia, agora sabia, que muitas vezes para manter um amor não basta fazer o possível: há que fazer o impossível. Há que ultrapassar o que sem amor não se ultrapassa, há que conseguir chegar onde sem amor não se chega, aguentar o que sem amor não se aguenta, inventar soluções que sem o amor não se encontram, resistir, perseverar, não desistir mesmo quando só a desistência parece possível. Quem faz o possível pelo amor não está a fazer o suficiente pelo amor. O amor é, de entre todas as coisas impossíveis, a mais real. Ela pensou mesmo: a única real.

«O amor é como ficar na praia até tarde.»

O danado do miúdo tinha outra vez razão. E desta vez tinha também uma intenção. Sabia que a mãe estava na praia naquele dia, sabia que ficaria até a noite estar quase a cair, sabia que nessa altura já estaria sozinha, como tanto gostava, a ver o Sol a ir-se e a pensar no que a vida lhe trouxe, no que a vida poderia trazer-lhe. Sabia ainda que o pai poderia, e deveria, saber de tudo isso e que aquela definição de amor iria trazer-lhe imediatamente duas coisas à cabeça: o quanto gostava de praia; o quanto gostava dela. A junção das duas só poderia dar no que deu.

«Anda. Vamos buscar o amor.»

Quando chegaram, estava tudo como previsto. Aconteceu tudo como previsto. A praia linda como só ela, a mãe linda como só ela, os cabelos longos agarrados pelo vento, os olhos lindos como só os dela a verem o mar, o Sol a baixar lentamente, uma luz perfeita para que o amor acontecesse. Mas faltava ainda um pormenor importante.

«O amor é dar chocolates, flores e beijos.»

Em poucos minutos, para que o Sol não fosse embora, já estava tudo pronto: roubou uma flor no jardim em frente à praia, comprou um chocolate no café da rotunda e tinha a boca pronta para os beijos que aí haveriam de chegar.

«O amor sou eu, a minha mãe e o meu pai juntos a vermos os desenhos animados.»

Beijaram-se e ficaram a ver o *Bob, O Construtor* para sempre.

[o evangelho dos filhos da puta]

O homem senta-se,  
cigarro na mão,  
e procura o fim da faca, o centímetro onde  
a dor deixa de doer e passa a matar.

Somos todos viciados na morte,  
no fogo que aquece as veias:  
tragam-me um erro e faço  
dele um deus.  
Palavra do senhor.

A ferida está dentro da pele,  
dói-nos o interior do sangue,  
a parte de trás da cicatriz:  
cura-se a carne mas não o sonho.

Somos todos viciados nas lágrimas,  
no medo que fica nos ossos:  
tragam-me um culpado e faço  
dele um deus.  
Palavra do senhor.

Então o homem apaga o cigarro  
com o muro,  
lembra-se do que nunca mais poderá ser,  
e que nunca foi,  
e encontra o abismo da lâmina,  
a alienação da cicuta,  
o milímetro onde o fim deixa de  
acabar e passa a esmagar.

Somos todos viciados na infância,  
no futuro que ficou no passado:  
tragam-me uma decepção e faço  
dela um deus.  
Palavra do senhor.

Finalmente o homem  
soube o caminho,  
atrás dos passos vieram  
as lembranças,  
nada ficou,  
nem ele,  
no metro quadrado exacto onde  
a esperança deixa de expiar e passa  
a humanizar.

Somos todos viciados no vício,  
na dependência que humaniza o pecado:  
tragam-me um filho da puta e faço  
dele um deus.  
Palavra da salvação.



# ☞ COMO FODER UM CASAMENTO ☜

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

para Mulheres e para Homens

### 10. MENTIR

Podias ter feito tudo menos mentir.

A mentira não existe: quando se mente não se está a mentir; está-se a trair.

Quando se ama não se mente.

Quando se ama cada verdade é uma necessidade: uma prova de amor.

Nada certifica mais o amor do que a verdade: a verdade absoluta, a verdade em absoluto.

Quando se ama não se mente.

Não faço ideia do que fizeste, não quero sequer fazer ideia de porque o fizeste. Fizeste o que bem entendeste, és livre para o fazer. Só te pedi, desde sempre, para mo dizeres. Seja o que for, seja com quem for, seja por que razão for. Diz-me. Diz-me sempre. Diz-me tudo.

Dizer tudo é a única maneira de estarmos sempre prontos a ultrapassar tudo.

Amar é cavar. Amar é ir até ao final do que somos, ao começo do que vamos ser.

Amar tanto pode ser o final do que somos como o começo do que vamos ser.

Porque quando amamos somos sempre, e seremos sempre, aquilo que vamos ser: amor.

Quando se ama é-se amor.

Quando se ama não se mente.

Podias ter dado cabo de tudo menos da confiança.

Mentir é faltar ao respeito.

Nada é mais desrespeitoso do que a mentira.

Quem mente ofende aquele a quem mente. Quem mente fere sem misericórdia aquele a quem mente, e quando se mente a quem se ama está-se a ofender tudo o que foi construído sobre aquela relação: todas as fundações de uma relação se sustentam na verdade.

Pode bastar uma mentira para que todas as verdades deixem de fazer sentido.

Agora pedes perdão. Humilhas-te. Dizes que foi um erro. Dizes ainda que queres proteger-me.

Que parvoíce.

Nada é mais idiota do que querer mentir para proteger aquele a quem mentes. Que sentido faz querer cobrir um erro com outro erro ainda maior?

Quando se ama não se mente.

Proteger quem amas é entregares-te todo a quem amas. Todo. Ires inteiro, ires sem que nada fique por dizer, sem que nada fique por dar.

Amar é dar. E quando se ama tudo o que se dá é também tudo o que se está a receber.

Dei-me toda a ti. Não ficou nada para trás. Levei a minha bagagem completa e fui. E fomos.

E tu.

Tu vieste mas deixaste um «mas».

Nenhuma relação resiste a um «mas» perdido. Nenhuma relação resiste a um «mas» parado no passado, escondido, sempre à espera de vir para magoar.

A mentira vem sempre para magoar, nunca para salvar.

Quando se ama não se mente.



*Menti-te porque te amo.*

*Perdoas-me amar-te?*

*Sei que não vais acreditar, sei que nunca vais entender. Mas menti-te porque te amo.*

*Mentir também pode ser amar.*

*Menti para que não te doa.*

*Sabes que nada me dói mais do que a tua dor, sabes?*

*Só quis deixar-te em paz, deixar-te descansada. Só quis que vivesses em nós sem pensares no que não foi mais do que uma preparação até ti.*

*Tudo o que vivi até ti foi uma preparação para ti, nada mais.*

*Perdoas-me amar-te?*

*Peço-te que me deixes explicar-te que sim: que me arrependo. Arrependo-me de não ter chegado e contado. Logo. Tudo. De uma vez. Iria ser difícil. Iria custar. Iríamos chorar. Mas iríamos acabar mais juntos do que nunca, mais fortes do que nunca.*

*Amar é superar: a dificuldade surge para separar o amor do resto. Quando se ama a dificuldade martiriza mas não desvincula; só une.*

*Amar é superar.*

*Perdoas-me amar-te?*

O amor é uma cabra falsa. A insânia permitida. Os loucos abrem os caminhos que os normais depois aproveitam. A sapiência mete nojo; o que muda o mundo é a coragem. Não entendo a passividade perante a morte: tudo deveria parar até que se encontrasse a cura. Inventa-se um telemóvel e não se inventa a imortalidade. Para mim que se foda. Há-de haver quem queira permanecer. A felicidade é uma forma de burrice. Só invejo os infelizes: que estarão eles a ver que eu ainda não fui capaz de encontrar? Faço tudo o que quem me ama me pede. Para me salvar de uma dor que me impeça a minha. Quero que só o que me dói me faça doer. Não consigo amar sem mim mesmo. Somos entrevados emocionais. Chega a idade para nos levar a esperança. Todos os velhos sabem que antigamente o futuro era muito melhor.

«O pior de tudo é eu estar a ficar careca»,  
dizia-lhe ele, ao olhar para o espelho para ver a idade a passar,  
«Sem espelhos nunca envelheceríamos»,  
respondeu ela,  
o olhar perdido pela janela perdida,  
«Mas se não envelhecêssemos como envelheceríamos juntos»,  
perguntou ele,  
o mundo inteiro naquela pergunta, se o amor não for o mundo inteiro  
não é nada de nada, na verdade,

«A beleza de ficarmos velhos é a beleza de um amor mais velho, de um  
amor com mais vida dentro, nos amores é ao contrário, quanto mais  
envelhece mais vida tem, mais forte fica, deveríamos todos ser amor, seria  
a única maneira de sermos imortais»,

ela e as suas teorias mirabolantes,

«Não sei se te amo mais na realidade se na teoria»,

não sabia ele nem sabia ela, sabiam que era a hora de as palavras  
começarem a escassear naquele diálogo, os diálogos melhores são os que  
menos palavras têm, que ninguém coloque isso em dúvida,

«Preciso dos teus lábios»,

ela,

«Preciso dos teus braços»,

ele,

as novas correntes de pseudo-amor iriam criticar estas palavras, ai que  
horror esta dependência, ai que horror este apego, ai que horror esta falta de  
amor-próprio,

«Egoístas do caralho»,

diria ela,

«Sabem lá eles o que é amar»,

acrescentaria ele,

e acabariam embrulhados no chão da sala, o do quarto,

em qualquer chão, na verdade, desde que fosse um chão com espaço  
para os dois corpos,

«Vem»,

uma só palavra,

está fácil de perceber que o diálogo está a acabar,

«Mmm»,

ou a começar, como é bom de ver,

e mais ainda de sentir.

A ferida começa por matar  
a pele, à traição.

— Gosto de te dizer o que sinto, e depois sentir.

Depois vem o interior do sangue, o momento  
em que a dor se cruza  
com a veia.

— Quando te magoo dói-me o antes de mim, o que fica entre o que sou  
e o que poderia ser.

Aos poucos a ferida transforma-se em nós, ou  
nós na ferida, e acabámos por ser o que  
a ferida é em nós, ou que somos nós  
no espaço que ela ocupa.

— O que falta em mim é sempre o que me impede de te salvar do que  
dói. Fosse eu capaz de te tirar as lágrimas e jamais choraria.

A ferida maior não é a mais funda, só  
a mais fina, a mais cirúrgica, a que quanto  
mais pequena maior se sente.

— Dói-me a tua presença apenas por saber o que vai doer-me a tua  
ausência.

A ferida não é um espaço  
magoado; é um órgão.  
Funcionamos, quando ela aparece, em função  
do que ela é: do que ela pode não ser, do que  
poderemos fazer para ela deixar de ser.

— Gasto-me todo para te poupar.

A ferida faz mover o mundo pela maneira  
como faz parar: somos muito mais  
a ferida do que a sua cura, e nada nos cura mais  
do que uma ferida curada.

— Tenho nojo de quem ama quando pode. Só se ama quando não se pode, quando tudo o desaconselha, quando tudo o abomina. Um amor recomendado não é recomendável.

A ferida é uma felicidade  
que deu errado. Como nós, sempre  
que me dizes que não me queres,  
e depois nos queremos a vida toda.

[a explicação dos adultos]

As crianças adoram tramar os adultos, mas não tanto como os adultos adoram tramar-se uns aos outros.

O pecado mata,  
e quem não peca é um animal morto.

A pior parte de querer mais é haver sempre mais. Somos gastadores desorganizados de sensações: o orgasmo existe para nos parar a ambição, e é ele a ambição absoluta. Quantos infelizes cabem numa impotência?

És o que me faz rir de mim,  
mas nunca deixes de ser sobretudo o que me faz vir de mim.

A carne não precisa de palavras, só de insegurança. O sangue é o oposto da paz, e a paz genuína. Gosto de poemas miseráveis, da linguagem das tuas mãos extremas: quero que sejas a minha mulher secreta, profunda, que me implode nas veias e me despedaça os ossos artificiais da moral. Quantos filhos da puta cabem numa bondade?

Destruo todos os dias o que em mim procuras,  
para que nunca acordes sem nada para descobrir.

Nada na juventude me fascina, senão a beleza sem nome: as convenções servem para apressar a consciência, para culpar os loucos. Em ti o terreno é agudo, impensado. Nenhum impudor magoa: quantos mortos silenciosos cabem numa vida admissível?

Não quero menos do que um incêndio quando te quero,  
ou a alegria súbita da morte se não puder incendiar-te.



Se não te tira  
do tédio  
Se não te mata  
a fome  
Se não te salva  
do medo  
Se não te dá  
o medo  
Se não é por vezes  
uma bala  
Se não é por vezes  
sem fôlego  
Se não te esqueces  
do tempo  
Se não te dói como  
a morte  
Se não te torna  
imortal  
Se não é  
inesquecível  
Se nunca te faz  
gritar  
Se nunca te faz  
chorar  
Se nunca te faz  
dançar  
Se não é toda a  
tua sorte  
Se não é o ruído  
e o silêncio  
Se não é a paz  
e o caos  
Se não te perdes  
sem norte  
Se não dizes caralho  
nem foda-se  
então, foda-se,  
não é vida,  
é um mito,  
uma mentira,

poema amputado, contrafeito,  
Se não és tu  
por inteiro,  
és um embuste foleiro,  
se não és tu por inteiro.

E quando me tirares a faca do dorso  
verás que tudo o que escorre de mim é  
a noite inteira do teu vestido sobre o lençol suado:  
o veneno é uma fruta encantatória, ou o teu beijo.

Ao meio da insónia estás tu, alta, fria, imóvel:  
quando me aproximo do medo é a ti que chamo, e tu vens,  
e és o medo. A manhã é violenta, junto aos ossos: acordo sem ti  
fechado numa urna, ligeiro, alegre: antes de ti era uma primavera frívola,  
uma pequena dor tolerável.

E quando envelheceres pacientemente  
verás que nada do que não doeu terá acontecido e  
que a brutalidade é a mera ausência:  
arrepende-te apenas de mais não teres para arrependeres.

Ao meio da inocência está a treva, grande, milagrosa, oculta:  
quando falo de ti chega a aceitação de mim, o princípio da Terra,  
e até o maldito me salva da dor. O teu beijo é metade maçã e metade  
pecado,  
porque nunca veio da lei o pior dos castigos: porque o grande inferno é  
quando já nada arde.

E quando apertares a tua mão contra a minha paixão íngreme  
verás que tivemos talvez tempo a mais, e que por culpa disso  
tantos perdem o tempo todo, todo o tempo:  
hei-de morrer por excesso de ti,  
por só tu me faltares.

Estranhamente, sentia-se capaz de mudar o mundo naquele dia. Ele, o rapaz tímido sentado na última fila da aula de Português, haveria de ser o inventor de algo que fizesse uma revolução: «a revolução é uma questão de perspectiva, na verdade. Muitos já fizeram uma revolução e pensaram apenas ter cometido um erro. Toda a revolução é um erro que deu certo», pensou, e sem perceber disse também, para espanto de toda a gente naquela sala, a começar pela professora Deolinda, coisa pouco importante, e a acabar na Júlia, a rapariga mais esperta da turma e que não estava habituada a ver o cromo com quem ninguém falava a falar — e muito menos a pensar.

Quando pensas pela tua cabeça o mundo muda — mas esquece o que eu acabei de dizer. Pensa pela tua cabeça.

No recreio, continuava sozinho como sempre — mas era passageiro.

— Olá.

— Olá.

— Gostei do que disseste.

— O que disse?

— Sim.

— ...

— Na aula.

— Qual aula?

— Aquilo da revolução.

— Ah.

— Gostei.

— ...

— Podias agradecer.

— E agradei. O silêncio é o maior dos agradecimentos. Quando alguém nos ouve está a agradecer-nos a nossa presença. Ouvir é respeitar.

Júlia ouviu mas não respeitou. Pelo menos a boca dele — que, sem ela compreender como, já estava colada à sua.

«Ama-se o que nos tira de nós e nos leva ao encontro de nós. Somos mais nós quando amamos. Vemos mais longe, vemos com amor dentro — e o amor, apesar de cegar, faz ver com amor dentro. Tudo é mais bonito com amor. Só existe beleza com amor. Quando se ama, a beleza acontece. Aconteceu-me, um certo dia, acreditar que estava nas minhas mãos a revolução, que ingenuidade. A revolução estava, isso sim, nas tuas mãos. Desde que estivessem entrelaçadas com as minhas, claro. Queres fazer uma

revolução comigo?»

Foram os votos de casamento mais aplaudidos da história daquela igreja, até porque era o primeiro casamento alguma vez ali celebrado. Mas que direito tem um facto de impedir um beijo?

Antes fugir um pouco da verdade do que fugir um pouco do amor. Até porque quando se foge um pouco do amor foge-se todo do amor. E quando se foge todo do amor foge-se por inteiro da vida. E quando — bem, já chega.

E viveram revolucionários para sempre.

# 🔮 COMO FODER UM CASAMENTO 🔮

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

para Mulheres e para Homens

### 11. MAGOAR

Somos do tamanho do que impedimos em nós para magoar quem amamos.

Em mim impeço tudo. Se sei que pode magoar-te, paro. Se sei que pode magoar-te, respiro, acalmo. E não faço.

Amo-te contra mim, se necessário. Contra os meus impulsos, as minhas tentações, as minhas necessidades, até.

O amor é maior do que tudo, até do que eu.

Tu não.

Tu magoas.

Tu atacas.

Tu feres.

Tu vais em frente mesmo quando sabes que vai doer, e doer muito, em mim se fores em frente. E tu vais.

Como pode ser amor magoar porque sim?

Perdoo. Tenho perdoado este tempo todo. Tenho fingido que sim, que faz parte. Mas não faz.

Magoar nunca pode fazer parte de amar.

Só sem querer, só por acidente. Só porque aconteceu sem que nada pudesse ser feito para o impedir. Só assim pode ser, talvez, perdoável. Digerível. Suportável.

Não aguento o que não suporto, lamento.

Sou só uma pessoa. Melhor: sou uma pessoa e isso em si é tão grande, tão intocável. Sou uma pessoa e mereço isso: ser uma pessoa. Uma pessoa não magoa outra pessoa. Uma pessoa não magoa, nunca nunca nunca, uma pessoa. Muito menos uma pessoa que ama, ou que diz amar.

Quando se ama não se magoa.

Parece simples e custa tanto, não é? Porque ser pessoa também é isso: também é raiva, também é maldade, uma pitada de monstro no meio do anjo. E é quando chega esse monstro que todas as pessoas têm em si que

tem de chegar o amor, sabes o que é?, para se colocar à frente dele e dizer-lhe: parou. Acabou. Volta para trás. Aqui não entras. Aqui não atacas. Aqui não feres. Desanda, meu grande cabrão.

Amar tem de ser aquilo que afasta os monstros do meio de nós.

Eu consigo, já to disse. Consigo. Às vezes custa. Às vezes apetece mesmo dizer que se foda e ir em frente. E magoar. Mas aguento. Seguro o que sei que pode deixar-te lascas pelo caminho.

Amar é limpar, lasca a lasca, o nosso caminho.

Provavelmente estou a desistir. Provavelmente vou deixar de tentar. Vou deixar de tentar entender porque me fazes isto. Porque me dizes palavras que sabes que vão doer-me. E dizes. E redizes. E voltas a dizer. Como se quisesse ter a certeza de que chegaram fundo, de que remexeram fundo, de que me deixaram pedaços cortados, em carne viva, no interior do que te sinto.

Nunca se desiste de um amor que magoa propositadamente — porque se é um amor que magoa propositadamente não é amor nenhum.

Amo-te. Não sei se algum dia deixarei de amar. Se me perguntarem quem quero para sempre ainda digo que és tu. Pode acontecer que nunca diga outra coisa. Mas não te quero.

Tenho o direito de querer quem não amo se quem amo só me fizer mal, não tenho?

Tenho. Tenho de ter. E se não tiver passo a ter. Os direitos não existem; conquistam-se. Eu conquistei, em nós, o direito a ser feliz — mesmo que isso seja fora de nós.

O amor é o que tira de ti e te entrega a ti mais forte do que nunca.

O nosso não. O teu não. O teu tira-me de mim e nem sempre me entrega de volta. E quando me entrega de volta eu estou fraquinha, pequena, mirrada. Um resto do que fui antes de ti.

O amor é o que nos torna maiores, o que nos dá volume, densidade, espessura. O amor faz-nos pessoas porque uma pessoa é o que ama, pouco mais. Nada mais.

Podes não fazer por mal. Acredito mesmo que não o faças por mal. Acredito que saibas que é mau o que fazes, que é mau magoares-me assim. Mas fazes.

És o que fazes, não o que sentes — por mais que para ti sejas muito mais o que sentes do que aquilo que fazes.

Que nunca um amor justifique uma maldade.

É tão fácil dizer que é por amor. É tão fácil dizer que tinha de ser, que o fazes porque amas. Que treta.

Amor não é motivo para magoar pessoa nenhuma.

Magoar nunca é solução, só problema. Só causa de mais mágoa. E mágoa traz mágoa, e dor traz dor. E isso mata.

A dor mata mais do que a morte.

Quando voltares não sei se estarei. Estou aqui, perdida, a pensar no que

vou fazer sem ti. Tal como tenho andado aqui, perdida, a pensar no que poderia fazer sem mim. É assim que tenho andado: sem mim. É isso o que me fazes: tiras-me de mim.

Quando voltares não estarei mesmo.

A única dúvida é se não estará o meu corpo também.



A rejeição é uma lâmina partida no interior do que sentes. Está lá. Não mata. Mas está.

O amor, quando é mesmo amor e não acontece, não mata mas continua a estar.

Disseste que me querias mas que não podias querer-me. Que havia a vida a separar-nos. Um catálogo de impossibilidades.

Quando amas, todas as impossibilidades são imaginárias. Ou então é possível que não ames.

Disse-te que queria lutar pelo tempo que temos. Agarrar pelos colarinhos o que não pode ser. Disse-te ainda que eras a pessoa que mais me fez ser pessoa. A pessoa que mais me fez perceber o que sou e o que tenho de ser. A melhor pessoa de mim.

Amar é sermos a melhor pessoa que temos em nós: a melhor pessoa que somos nós.

Não ficarei acabado se me rejeitares, apenas passarei a perceber que a luz fica mais pequena a cada dia sem ti. Continuarei a ser a pessoa de sempre, à espera de que haja algo que me devolva o que tu me mostraste que existia.

O amor existe para nos mostrar que há coisas que só com amor existem.

Até que por fim apareceste e disseste que não dava, que não conseguias deixar de ser a minha mulher porque era eu que tinha de ser o teu homem. Acrescentaste que pensaste que para um amor resultar era necessário que duas personalidades soubessem encaixar uma na outra, que imbecilidade.

A razão está tão sobrevalorizada, meu Deus. Quase aposto que foi inventada por quem não ama nem é amado para não custar tanto a tristeza e o vazio que é a sua vida.

Para um amor resultar basta que aquele que é amado ame também, tão simples. O resto são questões científicas, matemáticas até: tu cedes um bocado aqui, eu cedo outro bocado ali, e às tantas a equação impossível está resolvida.

O amor é uma equação que mesmo toda errada dá certo.

Agora continuamos por vezes a não saber lidar com o que o outro é, continuamos a ser amiúde incapazes de entender algumas das palavras que dizemos, mas continuamos, acima de tudo, a ser duas pessoas que se amam.

É o que basta para um amor resultar.

[a contagem que interessa]

Deitaste-te ao meu lado e pediste-me desculpa. Por querer foder-te agora mesmo, explicaste. Depois despiste-me e fomos felizes outra vez.

A felicidade é uma puta fácil, nunca uma filha da puta traiçoeira, expuseste, cigarro na mão, enquanto passeavas a mão pelo meu peito. Não é, perguntaste: insististe.

Tenho um lado negro que tu trazes e apagas: és criador e exterminador do que me domina, explanei, sem saber ao certo o que quis dizer.

Respiraste fundo.

Olhaste para o céu, escondido atrás da noite. Atiraste o fumo, lento, misterioso, para o ar.

Poderia escrever uma tese inteira sobre a importância de pensar sobre o que nos impede de pensar, começaste por expor. Mas prefiro um orgasmo, concluíste.

Eu aceitei a tua preferência, como sempre, até porque era também a minha.

Por cada reflexão profunda deveria haver pelo menos dois ou três orgasmos profundos, pensei, e iniciei a contagem.

[a lembrança que interessa]

Ontem vi o nosso álbum de casamento e chorei. Éramos tão felizes, caralho. Tínhamos os mesmos sonhos que temos hoje e todo o tempo do mundo para os cumprir. Envelhecer é perceber que todo o tempo do mundo acaba rápido. Fizemos o que tínhamos para fazer. A casa, os filhos, a carreira. Falhámos quando não conseguimos acertar, magoámos quando não conseguimos evitar. As pessoas falham e magoam, e depois sabem que falham e magoam e isso magoa. Tivemos todas as oportunidades individuais e aceitámos as que pudemos aceitar juntos. Eu podia ser o chefe mais infeliz da cidade, tu podias ser a actriz de sucesso mais triste da história do teatro. Preferimos a segurança de tu e eu no meio de nós, e

talvez por vezes a segurança seja a coragem possível. Há que erguer a heroísmo todos os actos de amor, mesmo os cobardes. Perdemos muitas ocasiões para o êxtase volátil, para a tentação sem consequências. Poderíamos hoje ter mais orgasmos no currículo, mais gemidos para recordar. Temos apenas um ao outro, todos os dias, e às vezes um ao outro também traz um orgasmo que fica. Não quisemos mais do que a nossa certeza, mais do que uma permanência parada. Ontem vi o nosso álbum de casamento e chorei, já te tinha dito. Faria tudo outra vez, se queres que te diga, e já disse.

[a ameaça que interessa]

Choro para te magoar, perdoa-me a infantilidade. Não quero que passes ileso pelo sofrimento que me causas; mas o pior é que as minhas lágrimas te fazem sofrer e então choro de verdade por te ver ferido. Sou tão egoísta quando te amo, e nunca paro de te amar. Se não fores meu quero bem é que sejas infeliz, deixa-me que te diga, que eu não sou de palavras vãs ou de hipocrisias ocas, como tantos que ouço por aí. Dizem que quando se ama se quer o bem dessa pessoa, mesmo que longe de nós. O caralho é que te desejo feliz com outra pessoa. Ai de ti se fores feliz com outra pessoa. Vais ficar comigo até à morte, nem que tenha de te matar e de ir para a choldra por isso. Descansa: estava a brincar. Se te matasse iria fazê-lo tão bem feito que nunca na vida iria para a choldra. Pensa bem nisso.

A forma como a derrota nos impacta define o que somos.

A forma como a falha nos impacta define o que somos.

Aquilo que fazemos com o que nos acontece define o que somos.

Raramente é aquilo que nos acontece que nos define. Isso é incontrolável, quase sempre. Mas na nossa mão está o que dominamos: decidir entre baixar os braços ou arregaçar as mangas, decidir entre chorar o que foi ou construir o que vai ser.

Escolher.

A escolha é sempre um acto invisível: a escolha não se vê senão nas suas consequências. Por vezes as consequências tardam, a derrota estende-se por fora e por dentro, e há aqueles que desistem de a procurar — sem saberem que ela, sorrateira, estava mesmo ali, à porta, à espera de continuidade, de resistência, de capacidade de subsistir. De resiliência, de adaptabilidade, de jogo de cintura.

Vencer é resistir: é subsistir.

No limite: vencer é sobreviver a todas as derrotas que vêm acopladas a cada momento de sucesso.

Ninguém ganha sempre mas é possível nunca perder.

Basta chorar quando chorar tem de ser, no instante em que a pancada acontece, no segundo e nos minutos em que percebemos que colocámos tudo no que fizemos e mesmo assim perdemos; basta construir sobre as lágrimas, sustentar cada novo passo na capacidade de entender o que fez com que cada passo anterior tenha sido em falso; mas basta, mais do que tudo isso, continuar a sonhar. Continuar a sonhar por mais que doa, e dói tanto, um sonho distante que parecia próximo; continuar a sonhar apesar das lágrimas, apesar da pancada (e é tanta a pancada que se leva quando se cria, quando se tenta, quando se arrisca, quando se faz o que não se sabe se alguém entenderá ou quererá sequer entender). Continuar a sonhar apesar dos anti-sonhadores, dos anti-diferença, dos anti-qualquer coisa.

Por cada sonho que alguém quer voar há sempre um ou dois estúpidos que querem fazê-lo pousar.

Regressando ao princípio: o que fazemos com o que corre mal, ou muito mal, ou pessimamente, mesmo quando fizemos tudo o que devíamos fazer para que corresse bem, ou optimamente, ou maravilhosamente, é o que define grande parte daquilo que somos — e grande parte daquilo que conquistamos.

O vencedor não é, nunca é, o que ganha mais vezes; o vencedor é o que ganha da melhor maneira.

Agora olha: já pensaste desta maneira?

Cresço no peso do teu colo  
como Novembro faz crescer as folhas que se acabam no chão como  
coluna partida.

Acordo sufocado debaixo de um sonho  
contra a noite negra, contra o suor grandioso. Nunca te lembras das  
lágrimas, que parecem chuva que parece morte.

De todos os males prefiro o teu corpo  
que me lembra do abismo que é ter o meu  
ou do frio que é medo, ou do medo que é espanto de um prego que  
espeta, e ainda assim liberta.

Vou para perto de ti, para dentro do espanto, desentranhar o momento,  
procurar a primavera: há um inferno lento, um sorriso envelhecido porque  
até o pavor tem um lado belo.

Era inteiramente poesia o crime obscuro que não admite pergunta:  
nunca te lembres das lágrimas, do caos maternal.

Sê o adolescente sem nome, o momento convulso,  
o soneto indecifrável de uma serpente pecadora.

Esqueça-se a ortografia, até a sintaxe,  
exalte-se a catástrofe da geografia, o mapa perdido:  
a morte não faz cerimónia, porque fazes tu?

Que se ame a vida irregular, os pulmões inocentes: a culpa só morre  
Solteira.

O sol transformou-se em tombo.

A tua nitidez sempre me fascinou, não há como o negar. Encontras formas, e fórmulas, únicas de dizer a vida, e é assim, com a maneira como a recriamos, que a vida se torna comestível. A vida mata quando não é devidamente mastigada.

O afecto é um objecto devorador, um animal maníaco.

Agora não entendi o que quiseste dizer. Levantas-te do sofá onde estavas no meu colo e explicas-me: somos consumidos pelo que nos consome, precisamos de uma mão para nos acalmar, ficamos alienados em busca dela. Por falar nisso, onde está a tua que lhe sinto a falta?

Precisamos da desordem feliz da infância.

Pouso-te a mão que querias, respiro fundo. Precisamos. Precisamos de alguma perdição, será isso?, a entrar-nos na modorra, na previsibilidade morna. Há algo de violento na ausência de temor: é também o medo que nos faz levantar da cama todos os dias. Somos sem tormenta o oposto de nós: somos mais o vulto do que a carne.

O teu corpo é um encontro comigo.

Quando me amas sou um gesto antigo, uma paragem, as amarras despregam-se, retorno à porta da casa como uma pedra retorna ao chão. Só se vê claramente ao centro do orgasmo, parece-me evidente. A cegueira é o estado normal; só quando nos vimos vemos.

As pessoas são uma soma de pequenas ruínas.

Foi delas que viemos, tu sabes. Eras uma mulher linda mas estavas apagada. Eu era um homem normal mas podia ser teu. Nada é especial em duas pessoas que se amam até se encontrarem com o que as liga e as transforma em seres apaixonados, e então apaixonantes: quando te vi encontrei a mulher linda e não a mulher apagada, quando me viste encontrei o homem admirável e não o homenzinho normalzinho. Deus pode estar simplesmente na berma da estrada.

Até numa gota de veneno há algo de divino, já pensaste bem?

Aqui. Estamos aqui e é aqui que nos mataremos lentamente (não é isso o amor?, não?), fissura a fissura, infundáveis. Vamos consumir os dias, as possibilidades, fazer do tempo a nossa víbora, vou magoar-te sem querer, vou ser magoado sem querer, talvez haja mentiras sinuosas para evitar dores íngremes, vamos fazer promessas pequenas que não vamos cumprir, vamos às vezes querer que a toalha caia ao chão, vamos às vezes acreditar que nada mais há a fazer por nós, tentaremos depois dar um passo e veremos que as pernas não andam, que o mundo perdeu o centro, que somos miúdos perdidos na rua, regressaremos sofregamente aos braços da

paz, endiabrados, e continuaremos a preferir o calor à água podre, parada, do que não precisa de sirene, continuaremos a preferir a cidade em escombros, porque é lá que se fala a nossa língua, porque tudo o resto seria o simples exercício da maldade.

Porque desmornar é apenas o instante em que nada tens para demolir.

Sentou-se com o gato ao colo, afagou-lhe levemente o pêlo.

Sorriu.

À frente, o céu nublado a entrar pela janela, toda a vida a passar pelos corredores de mágoas que são as ruas.

Teve o sonho ali, à mão, e deixou-o escorregar como o tempo nos faz escorregar a vida. Fora o melhor homem para o lugar dois meses antes e agora era escorraçado como um cão que ninguém quer.

Sorriu.

Só podia sorrir perante o fim de tudo o que julgara ser o seu futuro.

(o que se pode fazer perante um futuro que se perde senão sorrir?)

O gato olhava-o de soslaio, desconfiado. Até os gatos reconhecem um falhado, pensou. A tristeza deve ter um cheiro, uma textura.

O fim também.

Não sabe como, mas aconteceu. À frente já não havia o céu nublado a entrar pela janela, apenas um tubo a entrar pelo nariz.

— Para a próxima tem de ter cuidado.

Um homem de bata azul dizia-lhe, quase de dedo em riste, como que lhe explicando como se vive para sobreviver.

(quão triste será uma vida que se limita a sobreviver?)

— Para a próxima tem de ter cuidado.

A frase, como sentença final, entrava-lhe pela corrente sanguínea como cicuta.

Para a próxima tenho de deixar de ter cuidado, corrigiu, sem falar. Fosse mais audaz e ainda seria o futuro que teve tudo para ser. Ainda teria o emprego de sonho, sim; mas o que mais lhe interessava, nesse futuro, era ainda ter a mulher que o faria superar tudo, até a ausência de outro futuro.

(o que é o amor senão aquilo que seja qual for o nosso futuro nos garante a existência de um futuro em nós?)

Teve alta poucas horas depois e sentiu-se capaz de mudar tudo. Pensou em ir buscá-la ao fim do mundo, pensou em resgatar o emprego com base numa argumentação que pelo caminho ia congeminando. Sentia-se indestrutível: imortal. Mas o condutor do carro que se aproximava dele na passadeira também.

(o que é mais irónico do que tudo estar a nosso favor menos a vida?)



# ☞ COMO FODER UM CASAMENTO ☜

## · M A N U A L P R Á T I C O ·

para Mulheres e para Homens

### 12. DEIXAR ANDAR

— O que tens?

— Nada.

— ...

— Porquê?

— Por nada.

— E tu?

— Estou bem.

— Mesmo?

— Mesmo.

— ...

— Porquê?

— Por nada.

Ele e ela. Fechados numa espécie de mundo a dois. Uma anulação da solidão. Ou: uma solidão a dobrar?

— Correu tudo bem no escritório?

— Sim, normal.

— OK.

— E lá na empresa?

— Também.

— Ótimo.

— ...

— ...

O tamanho de uma relação é o tamanho dos silêncios que consegue suportar: quando o silêncio começa a doer é toda a relação que começa a ceder.

— Este arroz daqui é bom, não é?

— Sim.

— ...

— Amanhã não te esqueças de levar o Henrique à escola mais cedo.

- Sim, eu sei.
- Como está ele?
- Bem. A professora diz que tem andado mais atento.
- Ótimo, ótimo.

— ...

— ...

- Já pensaste como vai ser o Natal este ano?

- Como o costume, não?

- OK.

— ...

— ...

- Já pagaste o condomínio?

- Acho que sim.

— ...

- Porquê?

— O senhor Gouveia passou por mim na entrada do prédio e eu lembrei-me.

- Mas já paguei, sim.

- OK.

— ...

— ...

À volta há mais pessoas, mais relações assim, espalhadas pelas mesas de um restaurante em hora de ponta. Por todo o lado há pessoas sozinhas espalhadas pelas mesas que partilham com outras pessoas sozinhas em restaurantes em hora de ponta.

- E esta chuva não pára.

- É.

— ...

- Também é a altura dela, não é?

- Pois.

— ...

- Há coisas piores.

- Pois há.

— ...

— ...

- Queres sobremesa?

- Acho que não.

- OK.

— ...

- Café?

- É melhor não. Não tenho dormido muito bem.

- Pois. É melhor não, então.

- Pois.

— ...

— ...

O casal levanta-se e todo um peso se liberta. Cada um sabe que está a poucos minutos de fugir para um espaço em que não tem de suportar o que nenhum dos dois parece aguentar. Por todo o lado há pessoas que já não suportam o que têm de aguentar. E aguentam.

— Vamos?

— Vamos.

E vão. E aguentam.

«Fui criada para ser a princesa e agora sou a gorda de quem ninguém gosta.»

T., vinte e dois anos de idade, 1,63 metros de altura, trinta e cinco quilos de peso.

«Tenho nojo do meu corpo. Nojo de olhar para mim. E sinto que todos me olham, que todos me chamam feia. Tenho nojo do meu corpo.»

Há dez anos, era tudo um sonho. Melhor aluna da turma, um futuro inteiro pela frente.

«Querida ser médica. Querida ajudar as pessoas a fugirem da morte. Mas de repente comecei a perceber que não há nada de mal na morte. É apenas um encontro com algo novo, algo misterioso. E hoje já não temo morrer. Pelo menos libertava-me deste corpo que tenho de carregar. Hoje temo mais viver. Viver magoa, viver fere, não é?»

A pergunta também magoa. Como magoa a doença. Chamam-lhe anorexia mas é mais uma depressão com corpo dentro. Se a depressão tivesse corpo seria isto, só isto: uma malha de ossos sem dono, um mapa de insuficiências, de fragilidades. Um corpo perdido.

«A comida assusta. Mete-me medo. É dela que vem este corpo. Sou o que como, pouco mais do que isso. Sinto-me suja quando como, como se nas veias me corresse visco, algo gorduroso, obscuro. Comer é uma fraqueza. A comida suja.»

No quarto não há um único espelho à vista, não vá o pior acontecer.

«Os espelhos são perigosos. A verdade é perigosa. Todos falam nela mas ninguém quer realmente vê-la. Somos todos uns mentirosos, disso não tenho dúvidas há muito. Passamos a vida a defender o que não existe. Um espelho traz-nos o que somos e ninguém gosta do que é. Eu não acredito que alguém goste do que é. Os espelhos são perigosos. Odeio-os e sou viciada neles. Preciso deles para acreditar que estou a conseguir. Mas só quero olhá-los quando estou preparada para eles, quando estou preparada para sofrer com eles. Não admito que um me apareça de repente, Deus me livre.»

Pede-me, por favor, para levantar devagar («dê-me tempo de fechar os olhos») as duas toalhas que cobrem os dois espelhos ocultos por trás de dois móveis. É o que faço. E de repente o meu corpo aparece ali e já não sei o que ver nele, o que pensar dele.

«Somos tão incapazes de saber o que somos. Andamos perdidos em ambições, em objectivos, em sonhos. Não sabemos nada do que somos. Nada. Já soube ser a princesa mais linda do mundo e agora sei que sou só uma gorda feiosa de quem ninguém gosta. Não os critico. Como haveriam

de gostar de algo assim?»

Aponta para si mesma e talvez já nem chore mas não é por isso que deixa de chorar. Chora um choro triste, um choro incapaz, um choro vencido: um choro acabado. Aquele choro que chora quem já desistiu. E tem apenas vinte e dois anos de idade. Vinte e dois anos, porra. Como se é tão velho com vinte e dois anos?

«Fui feliz cedo de mais. Senti tudo o que havia para sentir e fiquei agarrada àquilo, como se fosse aquilo a vida. Mas não é. A vida não é aquilo, a vida nunca é aquilo. Aos poucos fui percebendo que tudo não passava de um embuste. Profundo, sim, mas um embuste. Podia, como todas as minhas amigas, aceitar viver nessa fábula de crianças. Mas não tive estômago para continuar.»

E não se sabe se falava literalmente ou se metaforicamente, sabe-se apenas que falava a verdade: falta-lhe estômago para aguentar a vida.

«Tenho perfeita noção de que não faço o certo, mas não tenho a certeza de que faço o errado. Andamos sempre todos obcecados com conceitos abstractos que queremos perseguir concretamente, como se isso fosse possível: a justiça, a salvação, a felicidade, a paixão. No outro dia a minha mãe perguntou-me o que me faria feliz e eu disse-lhe que um abraço bastava e não engordava.»

Pois basta. Deixas-me dar-te um também para esconder a consciência?

Continuar.

Simplesmente continuar.

Custa continuar. Continuar está subvalorizado: como se fosse uma obrigação, uma continuidade simples. Mas continuar é a maior prova de heroísmo.

Continuar.

Simplesmente continuar.

Continuar vivo, continuar com vontade de desejar, de correr, de saltar. Continuar com vontade de amar, acima de tudo o resto.

Quando se perde a vontade de amar nada continua na mesma por mais que tudo pareça continuar igual.

Quem não tem vontade de amar desistiu de viver.

Continuar.

Simplesmente continuar.

A vida acaba quando pensamos que continuar é uma obrigação, um dever: algo que tem de ser feito, custe o que custar, doa como doer. Mas continuar não é uma obrigação — é uma paixão; continuar não é um dever — é um querer. Querer com tudo, acima de tudo, apesar de tudo, antes e depois e durante tudo.

Continuar.

Simplesmente continuar.

Que nunca abduques de continuar, que nunca abduques de sentir. Mesmo que pareça banal, mesmo que pareça pueril, mesmo que seja o que tem de ser: faz com que seja o que tens de sentir, o que precisas de sentir.

Continuar.

Simplesmente continuar.

Continuar com sentimento dentro, com coração dentro, com emoção dentro, com todo tu dentro. Manda bugiar quem te pede contenção na continuidade — como se a continuidade fosse um meio e não o fim. Mas é: a continuidade é o fim. Continuar é o fim, por mais que seja o começo e o meio. Continuar é tudo. Continuares é tudo. Continuares inteiro, a sentir inteiro, não é caminho — é destino. O teu.

Todos os dias.

Continuar.

A toda a hora.

Continuar.

Simplesmente continuar.

Vai.

Continua.

Já.

«Quando morreres vais continuar a vir passear comigo, avô?»

A criança e o avô, de braço dado pelo jardim. Vejo-os todos os dias, invejo-os todos os dias. O avô nunca diz que não. Se a criança quer saltar numa poça ele deixa: só o protege com as galochas que traz no seu saco que parece que tem tudo. Se ele quer descer no escorrega ele deixa, só vai limpar, com um paninho que traz no bolso, cada centímetro da rampa. Depois diz: sim. Os avós dizem sempre sim. Um avô que não diz sempre sim está com uma avaria temporária. Muito temporária.

«Conta aquela história de como salvaste o menino, avô.»

Tens sempre histórias para contar. Gostava de ser corajoso como tu. Quando for grande quero ser avô. Quero ter sempre histórias para contar. Histórias de salvamentos, de missões, até de conquistas. Quando for grande quero ser avô. As criaturas mais próximas de um super-herói que existem são os avós.

«Porque é que não vens passear hoje, avô?»

Isto já sou eu a ouvir. Fiquei grande e fiquei herói, que é como quem diz que fiquei avô. E agora não posso, dói-me tudo, não sei o que tenho, e os pais do meu neto trouxeram-me aqui a este lugar aonde normalmente se vem ou para morrer de uma vez ou para começar a morrer em várias vezes.

«O branco fica-te bem, avô.»

Sorrio como posso e digo o que como avô sou obrigado a dizer, não é? Sim, meu querido. Sim, o branco fica-me bem. Podia era não ser este branco de hospital. Doem-me tanto as costas mas levanto-me. Quero que me vejas assim, sempre assim, a conseguir ser capaz de me levantar sozinho, de andar sozinho. Estás tão grande, meu querido. Deixa-me cá ver se ainda consigo pegar em ti e fazer como os carros. Vrrum.

«Quando morreres vou deixar de te ver, avô?»

Só se quiseres, meu querido. Só se quiseres. Já perdi tantas pessoas e ainda as vejo sempre que quero. Fecho os olhos e vejo-as. Devíamos aprender a desprezar um pouco mais o corpo. Vemos a vida como algo feito de carne mas isso é ver à superfície. A vida é feita de memórias. Enquanto as tivermos estamos vivos. Mas deixa-te dessas perguntas tristes e vamos mas é passear. Nem acredito que estou de volta ao parque e aos nossos passeios. As saudades que eu tinha disto. Dá cá a mão e vamos subir ao escorrega. Hoje vou descer contigo. Na vida e no parque, um avô tanto está ao lado do seu neto quando ele está a subir como quando ele está em queda. Um avô diz sim. Sempre sim.

«Quando quiseres volta: vou ter lá em casa uma cama e um cadeirão



para ti, avô.»

Fechei o livro, limpei as lágrimas. Lembrei-me de tudo o que me contaste. Vi aquele neto e aquele avô de mãos dadas, no parque. Quis um dia ser parte daquilo. Quando for grande quero ser avô, avô.

[preenche os espaços em branco, lê o poema pela ordem que bem entenderes: baralha os versos e descobre(-te). Que poema serás tu?]

Quando a vida te doer  
Olha o que aperta e sorri  
Pensa em quem amas com força  
Quando o sonho se perder  
Há sempre um sonho para querer  
Há sempre um beijo para mudar  
Quando a mágoa apertar  
Nada se pode sem a lágrima  
Os passos são uma esperança  
Só quem não ama é indiferente  
A sobrevivência mata  
Que não fujas nunca do que temes  
Que nunca o peso dos dias te faça \_\_\_\_\_  
Que não desistas pelo medo  
Que nada te pare o abraço  
Porque o feliz é o que tenta  
O pobre é o que abdica  
O pobre é o que mente  
Nunca quem não ama foi gente  
Quando a vida te doer  
Lembra-te do que te faz viver  
Agarra-te a ti e a quem puder  
Quando a vida te doer  
És \_\_\_\_\_ para sempre.

# ☞ COMO FODER UM CASAMENTO ☜

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 13. ESQUECER

Quando te conheci,  
os teus olhos nos meus, tão grandes, tudo em mim a mudar,  
quando te conheci, dizia eu, havia uma pessoa em mim que não era eu,  
era um espécie de mim, talvez, um sub-mim, um quase-mim,  
ou até muitas vezes um anti-mim, um sabotador,  
já me perdi, desculpa,  
em ti perco-me muitas vezes,  
todas as vezes, na verdade, ai de mim quando deixar de me perder,  
quando te conheci não sabia que estava era a conhecer-me,  
as tuas mãos tinham um toque de nuvem,  
que pirosize,  
mas é verdade,  
as tuas mãos tinham um toque de nuvem, estava a conhecer o céu e  
ainda nem tinha tirado os pés do chão,  
depois tirámos, tirámos muitas vezes,  
primeiro na cama,  
éramos felizes, é isso?,  
e porque não é ainda?, porque não é?, sabes?,  
eu não,  
mas vou saber,  
amar é saber, e quando não se sabe procura-se saber,  
porque se ama,  
amar é saber que se procura o que tiver de se procurar,  
porque se ama,  
quando te conheci tinhas o sorriso mais arrepiante que um dia sorriu  
para mim,  
quase chorei quando o vi,  
eras tão grande em mim, sabes?,  
abriste o sorriso e apeteceu-me casar contigo logo ali,

sabia o teu nome e pouco mais,  
queres casar comigo todos os dias?,  
não disse mas pensei,  
segurei-me,  
que imbecilidade é segurar a felicidade em nós, escondê-la do mundo,  
quantas felicidades maiores se perderam porque houve um ou mais  
idiotas que esconderam a felicidade que tinham para mostrar?,  
o que é bom é para se ver,  
ainda sou feliz quando és feliz, ainda fico triste quando te apagas, ainda  
me aperto todo quando te sinto apertada em ti, fechada no que te magoa,  
magoa-me tanto não poder salvar-te do que te magoa, tanto tanto,  
quando te conheci soube imediatamente que nunca mais iria querer  
mais do que tu,  
são já mais de dez mil dias a ver-te adormecer,  
quero estar acordado para te ver dormir,  
apetece-me encostar a minha cara na tua, ao de leve e inteiro,  
quando te conheci soube que seria para sempre e quando algo corre  
mal, quando nos zangamos, quando nos magoamos,  
que burrice é magoar quem amamos, que burrice, como somos capazes,  
como?,  
como?,  
quando nos ferimos é nisso que penso, penso no que fomos, no que  
nunca deixaremos de ser,  
penso no teu sorriso aberto, na tua mão na minha, penso nas noites sem  
dormir,  
de prazer, claro,  
mas também de carinho, de afecto, de ternura,  
de vida,  
eu a contar-te o meu dia, tu a contares-me o teu, os risos, as piadas que  
só eu e tu conhecemos porque só eu e tu nos sabemos assim,  
sei de ti como sei de mim,  
sou de ti como sou de mim,  
e agora que saíste daqui magoada porque eu fui parvo e disse o que não  
devia,  
ou porque tu foste parva e disseste o que não devias,  
agora que estamos magoados um com o outro eu podia pensar que está  
tudo perdido, que estamos perdidos,  
não penso assim,  
agora que nos magoámos eu sei que não foi por querer,  
foi por querer, por ainda te querer, por tu ainda me queres,  
agora que nos ferimos eu escolho lembrar,  
a ti, a mim, a todas as vezes em que sonhámos juntos,  
e de repente estou curado,  
perdoe-te, volta,

perdoas-me também?,  
e de repente estou pronto a amar-te como se ainda fosses o sonho que  
acreditei que eras,  
porque o és,  
amo-te.

Faz com a minha carne o que o vento faz  
às papoilas: sou a precisão que vai do beijo  
à mágoa, a palavra aberta  
que levanta a poeira.

Faz com a minha carne o que as janelas  
fazem ao vento: até um cego merece ver, porque  
não hei-de eu merecer  
tocar-te?

Não fiz mais nada na vida senão viver,  
escrevo num caderno que vou dar ao meu filho quando sentir que é a hora, agora não, agora está deitado no chão, barriga para baixo, agarrado a um ou dois carros, a fazer barulhos de velocidades e de sonhos, a contar histórias a si mesmo,

Somos o que contamos a nós mesmos,  
mais uma linha para ele ler quando lhe apetecer, se lhe apetecer, agora não, agora está a colocar um *Ferrari* no circuito oval, ao lado da pista de comboio, daqui a pouco pede um abraço e já o dia está mais do que ganho,

Viver não é aquilo extraordinário, não é aquilo que não nos acontece todos os dias, viver é exactamente o que nos acontece todos os dias, e não é por acontecer todos os dias que passa a ser banal,

acrescento, olho-o e aí está ele, aqueles olhos gigantes, aquele sorriso, digo-lhe baixinho para não julgar que por acontecer muitas vezes não é especial, que por ser a toda a hora não é espantoso, conto-lhe da mãe dele, a minha mulher, a minha tudo, explico-lhe que tenho a mãe dele desde o primeiro dia todos os dias a toda a hora e continua a ser espantoso tê-la, continua a ser especial amá-la, pergunto-lhe se concorda que é bem provável que o amor seja a capacidade tão rara de manter a surpresa,

Amo-te antes de mim, meu filho,

daqui a nada chegam os gurus do amor-próprio a dizerem que primeiro temos de nos amar e depois ao outro, depois vão dar o exemplo da máscara de oxigénio dos aviões, aí que temos de a colocar a nós primeiro para depois estarmos prontos a salvar o outro, e eu vou olhá-los e não vou dizer nada, não vou responder nada, vou continuar a olhar-te e a saber que sou de ti como sou da tua mãe, que preciso de te amar, que preciso de a amar, para me amar como o amor é, com pessoas dentro, com partilha dentro, é claro que gosto de mim, como não havia de gostar de mim se fui capaz de fazer com que a melhor mulher do planeta me amasse?, como não havia de gostar de mim se fiz com que a melhor pessoa do planeta me amasse assim?,

Amas-me tanto, não amas?,

quando me olhas sei que me amas, que não há fingimentos, amas-me como amas o teu carro favorito, o que não largas, aquele vermelho que acelera nos desenhos animados, mas dizia-te que não ia ligar aos sermões dos padres da felicidade, dos senhores da auto-estima, estimo bem que se encham de moscas, porque se me amo é também porque te amo, se me amo é também porque amo a tua mãe, se me amo é porque sou amado por ti e por ela, se me amo é porque sou dependente do vosso amor, e o amor a

mim é o amor a ti, e antes de mim estás tu, tens de estar tu, alguma vez na vida seria eu feliz se não estivesses feliz?, alguma vez na vida me sentiria eu completo se não te tiver em mim?, vou estar contigo a vida toda, vou amar-te a vida toda, vou querer-te a vida toda, vou sofrer contigo, rir contigo, tentar contigo, lutar contigo, também vou não concordar contigo, dizer-te o que não vais gostar de ouvir, mas serei teu, serei de quem amo, serei sempre de quem amo, quando me perguntarem se me amo direi que sim, que me amo,

porque te amo, porque me amas,  
pode não ser amor-próprio,  
mas é felicidade.

Acho que por agora me chega.



ao meio-dia em ponto chegas para almoçar, é por ti que estou aqui, de uniforme, a servir à mesa, chamo-lhe *part-time* só espero que não liguem da clínica com alguma operação urgente,

o doutor está só a servir umas refeições no restaurante e já vai, sim?,

seria estranho mas o amor é estranho, estou apaixonado por ti desde que te tratei do molar, eu estava de máscara e tu tinhas a boca mais linda de sempre e cárie,

que grande lição de vida é essa, não é?, saber que não há cárie nenhuma que impeça uma boca de ser a mais linda de sempre,

hoje pediste o prato do dia, deves estar com pressa, que nojo, queria que demorasses, queria que escolhesses da lista, queria ter margem para te ver mais tempo, inventaria um problema qualquer, depois iria esquecer-me de fazer o teu pedido, o chefe iria ficar chateado, tu também, irias fazer esse ar quase irritado mas nunca irritante,

até irritada ficas tu, e basta isso para seres linda,

isto deve estar a ficar lamechas mas quando te escrevo ou sou lamechas ou não digo nada, fico parado a ver-te acontecer,

ama-se quando desejamos ter a possibilidade de passar o resto da vida a ver alguém acontecer,

a cozinha hoje está rápida de mais, porcaria,

onde é que está a incompetência quando mais se precisa dela?,

já tenho de te levar o prato, nem quiseste entradas nem nada, espero que não estejas apressada para ires ter com alguém,

o meu telefone a tocar, espero que não seja da clínica, vou para atender mas tu olhas-me,

obrigada,

esqueci-me de atender o telefonema porque me dissteste obrigada e me olhaste,

nem preciso de salário, olhaste-me e está tudo pago, vou dizer isso ao patrão e ele vai aceitar, o sovina,

deseja mais alguma coisa,

pergunto, e espero ouvir o que não vais dizer, queria que dissesse queria saber se quer sair comigo hoje à noite, ou queria dizer-lhe que venho aqui todos os dias apenas para ser servida por si, sei que é um sonho, sei que isso não vai acontecer, mas no fundo até me bastava que dissesse queria apenas dar-lhe um abraço, sem mais nada, só um abraço, pode ser?,

queria saber se quer sair comigo hoje à noite,

ai,

queria dizer-lhe que venho aqui todos os dias apenas para ser servida

por si,

não pode ser, não pode, estou a ficar louco, não,

queria apenas dar-lhe um abraço, sem mais nada, só um abraço, pode ser?,

e sem eu poder mexer a boca, ou nada, na verdade, estou parado com um tabuleiro vazio na mão, estou a ser abraçado por ti como podes,

nem uma palavra, nem um movimento,

posso?,

e limpas-me com um dedo as lágrimas que não sei porquê me caem com força,

afinal havia algo em mim que se mexia,

posso vir aqui buscá-lo às seis ou a essa hora já vai estar na clínica, doutor?

# 👉 COMO FODER UM CASAMENTO 👈

## · M A N U A L P R Á T I C O ·

para Mulheres e para Homens

### 14. CEDER À PREGUIÇA

CARTA AO PREGUIÇOSO ARREPENDIDO:

Meu grandessíssimo burro,

como querias tu que a paixão resistisse, que a nossa vida, tal qual a sonhámos resistisse, se simplesmente te deixaste cair na preguiça? Como? Diz-me: acreditas mesmo que algo resiste ao mais-ou-menos, ao deixa-ver-se-chega-assim, ao cada-vez-mais-a-mesma-coisa?

O amor precisa de muita coisa, mas precisa mais do que tudo de trabalho.

Trabalho de sapa. Construir. Incansavelmente. Construir. Todos os dias. Sem parar. Tijolo a tijolo. E depois de estar construído tem de ser solidificado. Até nenhuma tempestade poder derrubá-lo — ou sequer abaná-lo.

Só é amor quando resiste a todas as tempestades: só é amor quando nenhuma tempestade consegue sequer abaná-lo.

O nosso abanou. E abana. Abana a cada desilusão, abana a cada momento menos bom. Porquê? Porque deixaste de trabalhar, meu preguiçoso. Deixaste de te entregar todo, deixaste de dar tudo. Pensaste que não era preciso. Que só era necessário continuar. Manter o amor em velocidade de cruzeiro.

O amor ou é de prego-a-fundo ou está parado.

E um amor parado começa a cheirar mal, a apodrecer. E morre. Morre por falta de tentativa, por falta de arrojo, por falta de criatividade, até. O amor morre quando um dos dois que amam não ama activamente: quando simplesmente se deixa amar: se deixa andar.

Um amor que se deixa andar é um amor que não vai a lado nenhum.

Não sei, não sei mesmo, para onde vamos. Não sei mesmo se vamos para qualquer lado. Sei que estamos dentro de um labirinto para o qual só encontra saída quem trabalha em conjunto. Um tem de se colocar ao colo

do outro, às cavalitas do outro, para tentar saltar os muros que nos rodeiam. Mas tu não estiveste disponível para a salvação. E agora provavelmente estaremos perdidos.

Um amor perde-se quando um dos que amam se deixa perder na preguiça.

Agora queres. Agora queres fazer tudo, mudar o mundo todo, dar a volta ao que houver para dar a volta. Agora que te disse que me sinto a caminho de fora de nós queres vir inteiro para o meio de nós. Queres arregaçar as mangas. Queres colocar mãos à obra.

Não adianta deitar mãos à obra quando o edifício já caiu.

Estamos a cair. E eu ainda te amo. Ainda te quero. Ainda és o meu amor. Mas ainda és tu. Também ainda és tu. Também ainda és o homem que não quis construir comigo. Também ainda és o homem que não se deu ao trabalho.

Amar é dar-mo-nos ao trabalho.

Porque amar é maravilhoso mas dá trabalho. Tem de dar trabalho. O compromisso dá trabalho, a fidelidade dá trabalho, a paciência dá trabalho, a tolerância dá trabalho, o passar dos dias todos os dias dá trabalho. Um trabalho danado, um trabalho pesado. Um trabalho ao qual só os apaixonados resistem.

Amar é um desporto de alta competição.

Para atletas a sério. Que treinam. Que se entregam. Que ultrapassam limites. Que batem recordes — ou que pelo menos fazem tudo, tudo mesmo, para bater recordes.

Amar é a vitória suficiente para quem ama.

Não é preciso mais do que isso para todo esse trabalho valer a pena. Basta simplesmente a possibilidade de amar. A maravilha de amar. A benção de amar.

Amar é a recompensa de amar.

Simples, não é? E não o quiseste. Preferiste abdicar. Porque era mais fácil. E era. Ó se era. Era. Ainda é. É sempre mais fácil não amar. É sempre mais fácil culpar a vida, o mundo, o que nos acontece. Mas o que nos acontece às vezes é apenas o que fizemos com que nos acontecesse.

Amar é o que acontece a quem faz com que amar aconteça.

O amor pode até aparecer do nada, sem trabalho nenhum. Mas um amor que fica é um amor que foi trabalhado, burilado, até adaptado.

O amor só fica quando se adapta.

E a adaptação dá trabalho. Exige coragem. E responsabilidade. E força. E vontade. E sacrifício. Amar só é um sacrifício quando alguém que ama não está disposto a sacrificar-se por amor.

Quando se ama todos os sacrifícios não são sacrifícios nenhuns.

Por isso, meu grandessíssimo preguiçoso arrependido, de nada vale esse arrependimento se não vier acompanhado de trabalho. De trabalho a sério. De nada serve esse arrependimento se não quiseses carregar calhaus

gigantes para levares o nosso amor para onde ele merece ir. Para onde ele tem de ir. Só aí deixarás de ser um burro e passarás a ser um apaixonado. Agora escolhe. Mas rápido, que isto de estar a carregar a nossa relação sozinha está a dar-me cabo das costas.

Com desilusão mas ainda tua,

Eu

Estava proibido de a ver, e no entanto passava os dias a vê-la.

Via-a quando acordava, de lágrimas ainda nos olhos, e encontrava-lhe aquele olhar quando a meio da noite o procurava com frio.

«Vem que quero apertar-te de amor»,  
e ele ia, mesmo que já lá estivesse.

Amar é também ir quando nunca afinal deixamos de estar.

Via-a quando chegava ao trabalho e não tinha a quem dizer o que acontecia de mau, e de bom, e de mais ou menos, e quando passava o dia todo a imaginar como teria sido o dia se tivesse tido a oportunidade de lhe ligar, de o viver com ela mesmo por trás de um telefone qualquer, com as palavras dela quando ele ligava sempre lá, sempre iguais e sempre únicas.

«Estou sim, mas só porque és tu»,  
e era mesmo ele, e agora já não é.

Amar é também continuar a ser quando afinal já não é.

Via-a sobretudo quando chegava à casa, noite fechada, e não havia o que ela era quando ele chegava: o abraço, ai, o abraço; o beijo, ai, o beijo; o jantar, ai, o jantar — e muitos mais ai pela noite fora e às vezes até pela manhã fora, e pelo dia todo fora, que não há corpos que impeçam um amor que os ultrapassa, e na verdade só há amor quando não há corpos que lhe resistam, verdade seja dita, e mais ainda feita.

«Gosto de quando já não queres mais e ainda não estás farto de querer»,

e ele queria-a mais uma vez, o chefe que o perdoasse, que empregos há muitos.

Amar é também faltar ao emprego mas nunca ao amor.

Via-a mas agora já não a vê.

E já não a vê há tanto tempo, Deus o ajude a suportar esta tradição idiota de a noiva chegar sempre atrasada, que estupidez, que não se aguenta de saudade.

(ela)

Anda descalça junto à praia e pede perdão por ser gente.

«Um dia canso-me disto e começo a respeitar as regras, mas até lá divirto-me, que se foda.»

Lá vai ela, os pés na areia molhada, o mar revoltado a bater-lhe forte, como se lhe dissesse que está ali para a ver, só para a ver andar assim, como só ela consegue andar.

O amor é a capacidade de, por mais que queiram calçar-nos sapatos que não são nossos, preferirmos andar descalços do que com calçado que não nos serve.

(ele)

Assinou o divórcio uma hora antes, talvez menos, e resolveu caminhar pelo passadiço.

Só para pensar na vida que já não tem e que já não voltará a ter, na vida que sonhou viver e que nunca viverá, na mulher que quis que fosse para sempre e que será para sempre — mas longe de si.

O amor é a capacidade de sermos para sempre de alguém mesmo que nunca sejamos mesmo de alguém.

(o mar)

Chegou uma onda que os uniu.

Para quem viu não foi nada disso que aconteceu: foi apenas uma onda terrível, gigante, que a puxou para o mar e que a quis levar para longe, para o mais longe que alguém pode chegar, naquilo a que muitos chamam morte.

Quis o destino — e o divórcio dele, e a tristeza dele, juntamente com a loucura tão especial dela, claro — que ele estivesse a passar ali naquele momento, tão triste que pensou nada ter a perder ao atirar-se como um maluco à água para salvar uma estranha que andava ali como se fosse Verão.

A sorte levou-os na maré para um canto da praia, junto a uma rocha, onde ninguém podia vê-los. O resto não se pode contar, porque parecendo que não pode haver crianças a ler isto.

O amor é a capacidade de nos atirarmos como loucos para tudo o que possa fazer-nos um bem maluco.

E só o amor nos deixa malucos da cabeça, haja saúde.



# 👉 COMO FODER UM CASAMENTO 👈

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 15. SER RACIONAL

Eu sei: a culpa é minha. A culpa é minha e desta minha cabeça que não pára de pensar. Que não pára de questionar. Que não pára de querer entender tudo e mais alguma coisa. E depois entra em espiral. E depois fica à beira da falência.

Um amor que tem de ser explicado é um amor falido.

Mas sou assim. Não consigo deixar de ser assim. De ser esta pessoa. Este homem inseguro. Incapaz de entender que é assim. Que o amor é assim. Que nós somos assim. Que por vezes a razão nos foge, e com toda a razão.

Não há qualquer razão para quem ama não perder por vezes a razão.

Porque quando se ama tudo é aquilo: tudo aquilo nos consome. E não há que travar, não há que moderar.

Nunca o moderado foi inesquecível.

Nunca o moderado mudou o mundo, ou uma parte do mundo. Ou uma vida que fosse. Nunca o moderado foi mais do que moderadamente feliz, ou moderadamente eufórico, ou moderadamente apaixonado.

Quem está moderadamente apaixonado está completamente morto.

Nunca aquilo que faz com que a vida aconteça é moderado. Nunca o orgasmo é moderado, nunca o abraço é moderado, nunca o beijo é moderado. Porque quando estamos temos de estar: não simplesmente permanecer.

Amar é estar — e estar é muito mais do que permanecer.

É estar com tudo. É estar sem pensar em nada senão no que é melhor para o amor. Quem ama ama. E pensa muito pouco.

Quem ama está demasiado entretido a sentir para ter tempo para pensar.

Amar é sentir. Apenas sentir. Deixar ir. Deixares-te ir. E eu não vou. Não consigo. Continuo a querer explicar tudo, entender tudinho. Que estupidez. Que estupidez. Quando aprendo a amar? Quando? Será que só

vou aprender a amar quando já não estiveres? Será que só vou amar-te como queres ser amada quando já não quiseses ser amada?

Há tantos amores que se perdem não por falta de amor, mas por maneiras diferentes de amar.

E um ama com tudo, sem amarras. E o outro contém-se, equilibra-se. E depois um não é feliz e o outro não é feliz. E amam-se tanto, tanto. E perdem-se tanto, tanto, assim, nesta forma absurda de pensar sobre o que não tem de ser pensado.

O amor não se pensa; faz-se.

Faz-se. E faz-se com todo o material de que tem de ser feito: com paixão, com resiliência, com paciência, com tolerância, com tesão, com entrega, com admiração, com frustração aqui e ali, e falhas aqui e ali, e insuficiências aqui e ali, e no fim de tudo isto ele sobrevém, ele resiste, ele impera, ele governa, ele reina: o amor reina por mais que queiram dividi-lo.

O amor não é tudo: o amor é mais do que tudo.

O amor pega no nosso tudo e faz-nos mais do que isso: quando amamos não somos apenas tudo o que somos; somos muito mais do que aquilo que somos. Do que aquilo que algum dia fomos. Porque a nós se somam os outros, os que amamos, e assim o nosso tudo amplia: vai-se ampliando, ficando maior.

O amor torna-nos maiores a cada vez que amamos.

E o meu é racional: a razão encolhe o amor. Torna-o previsível, como se amar fosse um tratado, como se fosse possível ensaiar o amor, torná-lo perfeito, arrumadinho, apumadinho. Os amores perfeitos que vão encher-se de moscas. Amar é o cabelo despenteado, a cabeça despenteada, as ideias despenteadas.

Nunca algo perfeito foi apaixonante.

O que apaixona é o que foge do controlo, o que derrota as teorias, o que humilha as explicações. Perdoa-me ser assim, sempre a querer mais um porquê, mais um como, mais um de que modo. Perdoa-me chatear-te com perguntas, com birras de quem não entende e por isso recusa viver.

O amor é o que por mais que não entendas não consegues recusar viver.

Deixa-me ser capaz de não entender. Dá-me tempo. Deixa-me perceber que nada há em nós para ser entendido. Apenas que te amo como um louco e me amas como uma louca. Que tem isto de tão difícil de perceber?

O amor é tão simples quando ninguém o complica, não é?

— Não te vanglories muito. Quero ter prazer contigo, sim, mas quero acima de tudo ter prazer comigo.

— Desejo-te por mais que seja errado.

— Eu sei. O desejo não é o oposto da moral. Nem sequer é o oposto da ética.

— O desejo contém moral, contém ética. Quem deseja deseja com tudo isso dentro. Não há anulação mútua.

— Nem pode haver. Somos viciados nisso. A História da Humanidade está cheia de exemplos disso: da tentativa constante e infinita de colonizar o outro, de anular o outro.

— E no entanto somos nós o outro. Eu sou o outro do outro.

— O mais importante é chorar.

— A emoção. Temos de instaurar o primado da emoção.

— Temos de agir com essa emoção. É ela que nos faz quem somos.

— Quando ela acabar estamos acabados.

— Quando ela acabar estamos desamparados.

— O desamparo é o fim. Quando nada nos ampara, a Natureza vence. E no final somos o que éramos no começo: nada.

— A Natureza é arbitrária, imprevisível.

— Esmagadora.

— Tem de ser o outro a juntar-se a nós.

— É isso o que nos mantém.

— O outro.

— Acreditar que há alguém a cuidar-nos. Precisamos disso para escaparmos da solidão.

— Ficamos sozinhos quando não acreditamos que há alguém que, se necessário, vai amparar-nos.

— É daí que vem a nossa força.

— Tem de vir daí a nossa honestidade. Somos gente quando assumimos que somos capazes, muitas vezes, de fazer coisas más.

— Ser humano é também fazer o mal.

— Por pior que seja, é isso. Temos de ser gente. E a gente às vezes faz asneiras, magoa.

— Somos ridículos.

— É o ridículo que muda o mundo. O esquisito.

— Temos de nos deixar de esquisitices.

— E ao mesmo tempo alimentarmo-nos delas. As esquisitices são importantes: fazem-nos pensar de um outro ângulo. Olhar para o lado de trás da verdade.

- Nada é tão pouco absoluto como a verdade.
- A verdade é sempre alegada.
- Só a dúvida é absoluta.
- Temos medo da dúvida. Como temos medo de quem é semelhante a nós. Muito mais medo do que de quem é completamente diferente de nós.
- É uma espécie de narcisismo.
- É a grande espécie de narcisismo. É como se a nossa identidade estivesse a ser colocada em causa. Tudo fica em jogo.
- E trememos.
- Temos de duvidar. Temos de ter medo. É isso que os bons têm: sabem perfeitamente das suas falhas. Os maus, os medíocres, não sabem de nada.
- Felizardos.
- Cabrões.
- A realidade é perigosa. Ninguém deveria ver a realidade a olho nu.
- Mais vale ver uma roupa nova no *shopping*.
- O consumo distrai-nos. É para isso que serve.
- Como o prazer.
- O prazer é a ocupação de um território que queremos recalcar: é tentar fazer de amor o que é desejo. O amor não tem de ser romântico. O amor é o que vamos aprendendo dele. Não nascemos com amor. Aprendemos amor. Vamos construindo amor: a nossa forma de amor.
- Não há um conceito único para o que é o amor.
- O amor não é um conceito. É uma construção social.
- Amar no meio da paixão é fácil. Difícil é amar entre paixões: no intervalo entre a paixão e a desilusão.
- Temos de amar também aí. Diria que temos de amar sobretudo aí. Quando o amor se despe do desejo.
- Que doce penúria é o amor. Está sempre em excesso, sobretudo quando nos falta.
- Que doce equívoco é o amor. Sabemos que pode muito bem vir a ser uma decepção. E amamos.
- Pior: queremos repetir. O amor é a única decepção que queremos repetir.
- O amor pode ser a penitência suprema. A supra-penitência.
- Decidimos morrer para podermos viver.
- Morte ao amor.
- Viva o amor.

# ☞ COMO FODER UM CASAMENTO ☞

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 16. PERDER O RESPEITO

CARTA AO ASNO ARREPENDIDO:

Minha besta,

Como foste capaz de nos tirar isso? Como? Como foste capaz de não perceber algo tão simples, algo tão básico? Como?

Podia ter-nos faltado tudo, menos respeito.

Desculpa, mas não.

Não consigo perdoar-te algo assim. Não consigo perdoar que não me vejas como uma pessoa. Só isso. E uma pessoa não se trata assim. Uma pessoa respeita-se. Uma pessoa tem de se respeitar.

Amar é respeitar.

És uma merda de uma pessoa quando tratas as pessoas como merda.

És uma merda de uma pessoa quando tratas as pessoas que amas como merda.

Amar é respeitar.

Respeitar sempre. Respeitar acima de tudo. Respeitar em pleno, com tudo o que cada pessoa é. Com as suas impossibilidades, as suas fragilidades, as suas insuficiências, as suas falhas, as suas emoções, as suas sensações, os seus sentimentos, a sua perspectiva, a sua maneira de ser pessoa.

Cada pessoa tem uma forma de ser — e por isso mesmo cada pessoa tem uma forma de ser amada.

Não há receitas, claro. Mas há pontos que não podem ser tocados, que não podem ser feridos.

Nenhum amor fica quando o respeito vai.

Nenhum amor sobrevive à falta do que o sustenta, à ausência do que amar tem de ser.

Amar é também um acto de inteligência.

Que cavalgadura é aquele que ama e não respeita quem ama. Que

cavalgadura é aquele que pensa que para amar basta amor.

Não: para amar é preciso amor, sim; mas é preciso também respeito. Do mais profundo, do mais intenso, do mais intocável: daquele que tem de se colocar num altar, protegido por seguranças vinte e quatro horas por dia, dentro de uma redoma, sem que ninguém possa sequer tocar-lhe.

No amor toca-se em tudo menos no respeito.

Porque quando um falta ao respeito o outro perde o respeito por quem lhe faltou ao respeito. E a espiral continua, e vai subindo. E ambos vão trepando. E se tu me faltas ao respeito eu tenho de te faltar ao respeito também. Porque sou humana.

Que montes de bosta são os humanos que não respeitam quem amam.

Somos assim. Lamentavelmente somos assim: malhas de pechas, de egos. E tu deixaste que o teu falasse mais alto, deixaste que o teu ego fosse maior do que o nosso amor.

Que besta: que besta que és.

Só tinhas de respirar quando fosses desrespeitar.

Todas as guerras se evitariam se alguém respirasse antes de desrespeitar.

Desrespeitar é o mais fácil. Qualquer um consegue desrespeitar. Basta ceder ao impulso, ceder ao animal que mora em nós. E atacar. Atacar sem pensar, disparar sem reflectir. E magoar, e deixar marcas.

Um amor que deixa marcas não é um amor marcante; é um amor a prazo.

Um amor com o prazo de validade a terminar. Um amor que não pode continuar a ser amor. Sim, tu sabes, agora sabes mas agora é tarde de mais: amar é respeitar.

Não te respeito. Não posso respeitar-te. Não posso respeitar quem não me respeita. Quem não fez tudo o que podia para me respeitar: para saber o que eu sou e amar o que eu sou. Não posso. Não te respeito.

De um grande amor que acaba nada fica, porque um grande amor nunca acaba.

O nosso poderia ser um desses, talvez. Mas aconteceu o imperdoável.

Tudo se perdoa menos o imperdoável. E só não respeitar quem amamos é imperdoável num amor.

Por mais que queira não consigo voltar atrás. Não consigo voltar a nós.

Não se volta do que nos acabou.

Poderíamos tentar recomeçar, fazer de conta que nos conhecemos hoje, que nos descobrimos hoje. Mas sei que não deixarei de ter em mim o que ficou de nós.

Ficou de nós o que nos matou.

Minha besta, minha besta: como deixaste que acabasse o que parecia inacabável?

Tudo é inacabável até que se acaba o respeito.

Agora vou. Não digas nada. Não adiantam essas palavras, não adianta pedires desculpa, não adiantam as promessas. Não adianta. Agora vou porque não quero ser mais a pessoa que se deixa pisar. Agora vou. De vez. De uma vez.

Respeita ao menos isso, minha besta.

Faz de conta que és meu durante dois segundos.

Ele fez.

Já lá vão trinta anos.

Vive-se cada vez mais do que não acontece, antes do que se julga ter acontecido. A realidade é, assim, uma espécie de concurso literário: as criações mais talentosas são as que ganham o prémio de serem vistas como efectivamente verdadeiras. A realidade é a ficção mais competente, digamos. E sintamos, já agora.

Ontem sonhei que eras meu até à morte.

Já lá vão trinta anos.

É certo que ainda não morreste, mas já é um começo.

A ligação entre duas pessoas acontece quase sempre por quase nada. Um olhar distraído, uma folha caída, uma coragem inesperada. A melhor maneira de preparar uma atracção é não a preparar de maneira nenhuma, deixar que seja o imprevisto a ensinar o beijo. Ligamo-nos ao outro por intermédio de um mecanismo estranho, uma tecnologia de ponta dominada na perfeição por muito poucos, habitualmente designada amor. As novas tecnologias podem até dominar o mundo, mas é o amor que domina as pessoas. Agora decidam lá no que querem investir.

Foi a única vez que a minha mãe se atrasou.

Já lá vão vinte e seis anos.

Completo-os hoje.

O tempo é uma construção concretamente abstracta, passe a expressão. Somos controlados por algo que nos contabiliza o inútil: o trabalho, as refeições, os compromissos. O que sobra do tempo é o que vale a pena. Melhor: o que nos retira do tempo é o que vale a pena: um abraço, uma euforia, uma paixão. E, claro, um orgasmo. O tempo é o burocrata da vida, o chato de calculadora na mão sempre à espera de fiscalizar a diversão. Todos poderíamos, teríamos poder para isso, mandar bugiar o tempo, agarrar os momentos sem peso na consciência. Mas não temos tempo.

Decidiram, por mais que fosse doloroso, separar-se.

Foram os dez minutos mais longos da vida deles.



nunca sabemos quem somos. gênio e louco, borboleta e felino. mas que caos somos quando somos só uma coisa? o desequilíbrio é perigoso mas o equilíbrio mata. é o abismo que nos impede do abismo. a sede mantém-nos vivos. tragam-me alguém saciado e verei alguém acabado. a palavra forte, o prazer agudo, a queda profunda. sou pelos que sofrem. não porque querem, mas porque sentem. sou pelos que sentem. sou enfim pelos que vivem. a felicidade é oca se for a toda a hora. que infelizes são os que não olham. antes o desvio, a mancha na parede, do que o tédio do imaculado. e o poeta é sempre o que cai melhor.

# COMO FODER UM CASAMENTO

## · M A N U A L P R Á T I C O ·

para Mulheres e para Homens

### 17. ENCOLHER OS OMBROS

— O que queres fazer hoje?

— ...

— Vamos ao cinema? Já não vamos há muito.

— (ombros encolhidos)

Não. Isso não.

Pelo menos reage. Pelo menos existe: mostra que estás vivo, que queres ou que não queres. Pelo menos, reage.

— Não te sinto aqui.

— Mas estou.

— Mas porque será que não te sinto aqui?

— (ombros encolhidos)

Não. Isso não.

Um amor que não reage é um amor parado. E o que está parado fica deteriorado, decomposto. A cair aos pedaços. Já todos o sabem. Menos tu.

— Não te sinto aqui.

— ...

— Tenho saudades de nós.

— (ombros encolhidos)

Não. Isso não.

Só tu parecees não saber que parar, até num amor, é mesmo morrer. Parecees continuar nesse deixa-andar, nesse mais-ou-menos que não consegues deixar de viver.

— Gostava de quando ansiavas por mim: de quando me procuravas a toda a hora.

— ...

— Preciso desse tu para voltar a ser eu. Preciso de nós em mim.

— (ombros encolhidos)

Não. Isso não.

Há uma pessoa a menos a cada mais-ou-menos que vivemos. Viver é acrescentar: sempre acrescentar. Uma vida que não acrescenta todos os dias é uma vida que se subtrai todos os dias.

— Não sei quem és. Já não sei quem és.

— Sou a mesma pessoa de sempre. A tua pessoa.

— Não és. E nem eu sei quem sou quando te vejo assim.

— (ombros encolhidos)

Não. Isso não.

Um amor sem nervo não. Um amor sem tesão não. Um amor só porque precisas de um colo não. Não quero ser só o teu colo; quero ser também o que te tira do colo e te obriga a arfar, a atrever, a pisar o risco. Um amor que não arrisca é um amor riscado: eliminado.

— Quando chegares posso muito bem não estar.

— Deixa-te de brincadeiras.

— Sim. Estava a brincar. Na verdade vou sair mesmo quando estiveres aqui. Nem preciso que vás para eu ir.

— (ombros encolhidos)

Não. Isso não.

Vou tomar as rédeas da minha vida e deixar de a agregar à tua. Amar é também, muitas vezes, desistir de um amor. Desistir é muitas vezes o maior acto de coragem que podes empreender.

— ...

— Onde estás?

— ...

— Foste mesmo?

Sim. Isto sim.

Agora apanha-me se quiseres. E sobretudo se eu quiser.

Quero.

Quero dizer-te que és a pessoa que mais amo no mundo, mesmo que sejas tão grande em mim que nem sequer és apenas uma pessoa e sim todo um mundo.

Quero confessar que se estou aqui, ainda viva, é porque me mantiveste viva pela existência de ti em mim, pela possibilidade que só a vida me dá de te ver existir.

Quero admitir que muitas vezes estive longe de ser o que merecias que eu fosse, e que mesmo assim fui sempre aquilo que consegui ser.

Preciso.

De te abraçar periodicamente, de te cobrir os lábios com os meus, de te pedir para seres meu e eu tua, de te ordenar a totalidade do que sentes para a totalidade do que sinto.

Preciso do som da tua voz ao ouvido quando acordo, da tua pele na minha quando regresso, dos teus olhos fechados nos meus quando te amo.

Preciso ainda de precisar de ti, de abominar os paladinos de um amor equilibrado, não dependente, de lhes dizer que sou tua tão escrava como tua dona, e é assim que eu e tu somos donos de nós e desprezadores orgulhosos de quem nos ajuíza.

Ordeno.

Ordeno à dor que não venha, mas que se vier chegue quando estás, quando posso contar contigo para a levar para ti, para a aconchegar entre a minha resistência e a tua, entre a minha fraqueza e a tua, e é assim, aconchegada entre a resistência e a fraqueza de quem se ama, que a dor passa, que a dor se dilui, aos poucos, depois de perceber que por mais que exista jamais aparta (é só o amor que faz com que dor nenhuma aparte quem dói).

Ordeno enfim aos obstáculos que venham, que venham com tudo, coitados, porque de coitados não passarão, porque quando mais vierem mais fortes estaremos, porque é depois de um obstáculo que um caminho ganha sentido, ganha forma, ganha consistência (nenhum destino que valha a pena é livre de obstáculos), porque somos muito mais amados e amantes do que antes da primeira dor, do que antes do primeiro obstáculo, do que antes do primeiro depois de uma batalha ganha a dois (é o que corre mal que aproxima quem se quer bem).

Amo.

t.

e.

# ☞ COMO FODER UM CASAMENTO ☜

## · M A N U A L P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 18. PASSAR UM DIA SEM UM BEIJO

Saíste. E nem um beijo. Simplesmente foste. Tinhas certamente muito em que pensar, a empresa, as preocupações, as contas para pagar, os desafios que te esperam, mas foste sem um beijo. Deixaste um até logo distante, que quando foi falado já não estava aqui.

Todas as relações acabam quando as palavras ficam sozinhas.

E ficaram. Quando saíste hoje de manhã as palavras ficaram sozinhas. Tu não estavas lá. Não eras a minha mulher. Eras tu. Na tua vida. Nas tuas emoções. E eu estava fora delas. E por isso fora de mim.

Nada nos deixa mais fora de nós do que de repente sentirmos que estamos na parte de fora de um amor que ainda vivemos por dentro.

Ao longo do dia, falámos. Falámos duas vezes. Conversas curtas, práticas, prosaicas. Decisões para tomar, horas para marcar, compromissos para agendar. E no final o mesmo. No final o mesmo vazio, o mesmo vácuo para onde me atiraste. Nem um beijo. Aquele até logo que me mata. Aquele até logo que me consome. Um até logo que nem sequer é uma despedida porque já é dito por quem já não está.

Onde ficou o que um dia fomos?

Onde estás quando estás comigo?

Depois chegaste. Ao fim do dia chegaste e eu já estava e tu vieste e deste um abraço à tua filha e a mim nada. Ficaste logo ali, com ela. A perguntar-lhe da vida. A perguntar-lhe do dia. E eu gosto tanto que a ames assim mas também gostava que depois tivesses vindo e me tivesses olhado e me tivesses dado um olhar, bastava um olhar, e um beijo, bastava um beijo. Podia ser um beijo simples, sem mais do que presença.

Um beijo tem de ser no mínimo um sinal de presença.

Mas não. Não houve beijo nem olhar. Ficaste uns minutos na sala e depois foste tratar de ti. E eu ali, a olhar-te, a tentar disfarçar a cratera que me crescia no peito.

É tão grande o espaço que um vazio ocupa, não é?

Acabou a tarde, começou a noite. Trocámos palavras como se trocássemos obrigações, como se fôssemos obrigados a partilhar o que só é partilhado quando não é uma obrigação.

Amar acabou quando se ama por obrigação.

Ali continuámos, os três. Jantámos, dissemos banalidades sobre assuntos banais, demos conselhos à nossa menina como se não fôssemos nós que precisássemos desesperadamente de aconselhamento. Depois ela foi dormir (é tão bonita a nossa menina, não é? Podíamos ter sido as criaturas mais infelizes do mundo juntas, e não fomos, que ainda assim teria valido a pena tudo o que vivemos para ela poder existir e ser assim; obrigado por ela, sim? Vou agradecer-te sempre por ela, prometo) e ficamos nós. O problema é quando ficamos só nós. Quando estamos só nós eu percebo que nós não estamos: estou eu, estás tu. Mas nós não estamos.

Um amor acabou quando no momento em que quando estamos os dois não estamos nós.

E acabou a noite. Tu disseste vou-me deitar e foste. Eu disse já vou lá ter e fui. Antes fiquei a ver algumas fotografias nossas. Fotografias do que nunca voltaria. Nunca voltaria aquela sensação de tudo, de estarmos tão inteiros um no outro que nem um milímetro ficava por preencher. Nunca voltariam aqueles beijos a toda a hora, aquela precisão a toda a hora, aquela urgência de teres a minha presença na tua a toda a hora. E eu continuo assim, garanto-te: continuo a ser o mesmo homem dependente da tua pele de sempre, e o mesmo desgraçado viciado em ti de sempre, continuo a sonhar com o dia em que voltes a ser a mulher que quis para sempre desde que continuasse a ser essa mulher para sempre.

Quando deixaste de ver em mim o que eu ainda continuo a ver em ti?

Quando cheguei à cama já dormias. E agora aqui estou, a pensar em tudo isto e a dar conta, pela primeira vez, de que pela primeira vez desde que nos conhecemos passámos um dia inteiro, vinte e quatro horas, vinte e quatro miseráveis horas da nossa vida, sem um beijo. Pela primeira vez na nossa vida desde que a vida é nossa não te senti os lábios que ainda são os donos dos meus. Pela primeira vez na nossa vida desde que a vida é nossa conseguimos aguentar sem o outro como o outro teria de ser em nós. Pela primeira vez na nossa vida desde que a vida é nossa deixámos que a vida deixasse de ser nossa.

Esqueceste-te de mim e ficaste sem mim.

Finalmente estaremos a sentir o mesmo.

«Loucos não são os que vivem na Lua; são os que não conseguem olhá-la.»

J. sentou-se, puxou de mais um cigarro e prosseguiu, semblante carregado, a vida ao fundo do fumo.

«Somos sobretudo aquilo que não olhamos. Já alguém aqui viu o vento?»

Na sala de aula nem uma resposta, a sensação de que o tempo parara para deixar as palavras passar.

«E no entanto vêmo-lo como real. O mundo faz-se do que, não sendo visível, se vê em nós.»

Ao fundo, dois adolescentes, ela e ele, olham-se com vontades e desejos, sem sequer perceberem que acabaram de passar pela maior declaração de amor que poderiam usar para colocar no Instagram.

J. apagou o cigarro, levantou-se, caminhou até junto deles.

«O que vêes nele?»

A jovem ficou vermelha, trémula, os olhos esticados, com medo do que dizer, com medo do que não dizer perante o grande professor catedrático, o tal que enche as salas e as turmas todas, mais de trezentas pessoas no grande auditório à espera da resposta dela.

«O que quero.»

Disse-o mesmo, ela que sempre foi tímida, ela que nunca conseguiu dizer-lhe o que sentia, disse-o agora, com toda a gente a ouvir, o amor é uma coragem por ser.

«E no entanto nada é tão impalpável como tudo o que a menina vê nele. O que queremos não se vê. No limite vê-se o que nós vemos no que queremos. Amamos o que não existe, e é isso que o torna existente. Faça-me entender?»

Fez, claro, há uma sucessão de palavras baixas entre as centenas de alunos imberbes, a certeza de que ninguém sairá dali igual, quanto mais não seja haverá mais pessoas a saírem dali do que aquelas que ali entraram.

«Estamos vivos para sermos capazes de sabermos o que é viver, e quando o sabemos normalmente morremos.»

J. acendeu mais um cigarro e pensou no que perdeu, e no que ganhou com o que perdeu, nunca por ter tentado.

«Agora saíam e vejam o que perderam.»

Todos saíram, menos o caszinho ao fundo, que ainda lá está debaixo de um banco, e já lá vão três horas desde o final da aula, viva a juventude e os seus corpos infalíveis.



— Contigo vou até ao fim do mundo.

Foi o que ele disse quando a encontrou, mais de dois anos passados desde aquela noite e menos de dois segundos antes de encostar os seus lábios nos dela.

— Já lá cheguei.

Acrescentou, no final do beijo.

O amor é o fim do mundo e não deixa de ser o começo do mundo, por nenhum motivo em especial, apenas porque o amor, quando é amor, é todo o mundo, desde o começo até ao final.

— Deixa-me em paz.

Começou por dizer ela, fazendo com que ele, de imediato, se afastasse um metro.

— O que estás a fazer?

Perguntou-lhe depois, ao mesmo tempo que o puxava para si e o abraçava com toda a força do mundo (desde o começo até ao final).

— Deixa-me em paz.

Repetiu ela.

E desta vez ele entendeu que aquilo — ele nela e ela nele, os braços dele ao redor da cintura dela, os corpos colados — é que era, enfim, a paz em que ela queria que ele a deixasse.

Ele deixou.

O amor é a paz e não deixa de ser o sobressalto, por nenhum motivo em especial, apenas porque o amor, quando é amor, é tudo o que se sente, desde a paz até ao sobressalto.

— Estou farto de ti.

Ela teve vontade de chorar: ainda nem um ano de casamento tinham e ele já lhe dizia aquilo, tão seco, tão sem meias-medidas, tão a doer. Ela teve vontade de chorar e chorou mesmo.

— De nada mais necessito na vida porque estou farto de ti: completo de ti.

Explicou finalmente ele, em mais uma prova de que as palavras são apenas e só o que queremos que elas sejam, que ninguém duvide disso.

Eles não duvidaram.

O amor é o que nos esvazia de nós e não deixa de ser o que nos enche, por nenhum motivo em especial, apenas porque o amor, quando é amor, é

tudo o que nos ocupa, desde o vazio até à abundância.

— Se morres morro.

Disse-lhe ela, junto ao final dele.

E cumpriu.

# 👉 COMO FODER UM CASAMENTO 👈

## · M A N U A L P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 19. SER INDIFERENTE.

A puta da indiferença.

É isso o que mata um casamento, ficas desde já a saber. Aprende de uma vez: a puta da indiferença. Em letra capital — porque é este o pecado capital: a indiferença. a puta da indiferença.

Passar pelos problemas do outro como se não fossem teus problemas também. E é assim, sempre assim, facilmente assim, que se percebe que os meus problemas não são teus problemas também.

E são.

Quando amas o outro os problemas do outro são os teus problemas. E são teus porque os sentes como teus. Porque amas. E quando amas queres quem amas feliz. E se quem amas estiver feliz tu também estarás feliz. Ou pelo menos mais próximo de estares feliz.

Querer saber é sinónimo de querer amar.

Só queria que tu quisesse saber de mim. Que quando eu estou feliz tu me perguntasses porquê. Vezes sem conta. E quisesse saber tudo sobre a minha felicidade. Saber de onde vem, para onde vai. Partilhá-la comigo.

Quando estamos felizes com quem amamos a felicidade duplica.

Assim dobra-se. Fica mirrada. Fraquinha. Não partilhar contigo a felicidade acaba por apagar a felicidade, sabes? E acaba por apagar também tudo o resto.

Cumplicidade é um interesse partilhado, nada mais.

Eu interesse-me por ti. Faça da tua vida a minha, dos teus objectivos os meus, das tuas vitórias as minhas. E dos teus fracassos os meus, das tuas lágrimas as que eu choro também — por mais que por vezes queira não chorar as minhas para te ajudar a salvars-te das tuas.

Amar é salvar das lágrimas, por mais que amar também tenha de ser, às vezes, chorar.

E tu: o que fazes com a minha vida? Integra-la na tua. Está lá: integrada. Mas nem olhas para ela. É invisível. Intangível. Uma parte sem

importância, sem interesse. Nem sequer te esforças para a entender, para a trazer para a tona. Não. Fica sempre ali, afundada, afogada. Pisada pela tua.

Não consigo ser apenas o que sobra de ti.

Quero ser uma parte decisiva de ti. Da tua vida. Do que sentes. Até do que és. Quero que olhes para mim. Isso: olhar. Olha para mim. Não faças de conta. Não digas está bem quando nem ouviste bem o que eu disse. Não abanes a cabeça e digas sim só para a conversa acabar ali e eu ficar satisfeita. Não fico.

Nunca ficarei satisfeita com uma relação satisfatória.

Satisfação é para os fracos. Eu sou boa. E sou grande. E sou eu. Eu mesma. Não quero deixar de ser eu, não quero apagar-me. Não quero que me apagues para que possas sobressair.

O amor não apaga; o amor acende, aquece, ilumina. O amor nunca apaga.

Por isso vou. Por isso tenho de ir. De ti. De nós.

Vou para longe de ti para poder ir para perto de mim.

Estás fechado no teu canto, a olhar para um espelho. És tu. Mas eu não. Eu estou fechada numa cave, sem espelho, sem mim, sem nada. Só a servir-te. E tu nada me dás senão um espaço em branco: um vazio que não te dás ao trabalho de preencher. Estás certo de que chega; mas estás errado.

Não se ama com indiferença; é essa a diferença.

É essa a diferença entre amor e precisão; ou entre amor e muleta. Não quero ser a tua muleta, não quero estar aqui para te apoiar quando nem sequer te dignas saber quem sou. Não sabes. Sou apenas a tua mulher. Tua. Só isso. Não sou a pessoa que sempre fui antes de ti e que sempre serei depois de ti.

Não te sobreviverei, isso é certo; mas nascerei de novo ainda melhor, isso é ainda mais certo.

O melhor de um amor perdido é a certeza de uma vida inteira para ganhar pela frente.

Olho-te agora nos olhos e digo-te: vou. Sorris, não acreditas. Nem comentas. Até que me vês pegar nas malas que já tinha preparado e dirigir-me para a porta. O que fazes, perguntas. Vou, repito. E continuo a aproximar-me da porta. Vens ter comigo, olhas-me nos olhos. Nem pestanejas. Se fores ficas a saber que não voltas mais, dizes — intimidas, com esse desespero medroso que tentas transformar em ameaça. Eu sei, explico. É mesmo essa a ideia, concluo. E bato a porta.

Poucas coisas na vida doem mais do que o momento em que fechas a porta de um amor.

Para trás deixo-te a chorar, como o menino que és. Talvez um dia cresças. Talvez um dia aprendas que estive aqui para ti até ao limite das minhas forças. E que o amor consegue resistir a quase tudo, mas raramente resiste à indiferença.

Foi no dia em que deixaste de me ver que passaste a olhar-me.

que filhadaputice é ser viciado em julgar. julgamos tudo. somos pessoas e julgamos: eis tudo. por todo o mundo há humanos a apontar o dedo. que filhadaputice é ser viciado em apontar. se está vento incomoda, se não está é incomodativo; se está sol está calor, se não está está frio; se as pessoas falam são umas chatas, se não falam umas antipáticas; se vestem bem são vaidosas, se não vestem desleixadas; se amam muito são umas vadias, se não amam umas tristes; se triunfam venderam-se, se não triunfam acomodaram-se. nada está perfeito e tudo é passível de um estalo de cada um de nós. que filhadaputice é ver o mundo só com os nossos olhos. as férias deveriam ser pela pele dos outros. um mês a viver a vida dos outros. a escolha seria estatística: cada um ficaria com a vida que mais criticava, aquela a quem mais apontou o dedo. ao fim de um mês veríamos se as férias tinham sido aulas. aposto que sim. mas isso sou eu, que estou a julgar. que merda.

Contigo.  
Com vontade.  
Sem roupa interior.  
Com urgência.  
Consegues?

Aquelas palavras, escritas a tinta negra sobre a parede branca da sua casa, deixaram-no perdido. Se por um lado era horrível alguém ter tido a coragem de lhe estragar a pintura de uma forma que, se não era irremediável, estava muito próxima disso, por outro lado não deixava de se sentir honrado, privilegiado até, por haver alguém, no mundo, que o venerava assim tanto — ao ponto de arriscar, às escondidas e correndo o risco de ser apanhado e detido, pintar tal coisa numa parede de uma rua movimentada da cidade.

Consigo.  
Contas-me onde?

Acordou a meio da noite e deu por si a escrever aquilo ali, na parede que ainda, sabe lá ele porquê, não decidira mandar lavar ou pintar de novo. Estava curioso: agarrado àquela pessoa que desconhecia. Voltou para casa e ficou a noite toda à janela, a ver se algo acontecia. Adormeceu já o dia tinha nascido, meia hora antes de o despertador tocar para se levantar e voltar para o trabalho.

Confusão.  
Com cultura.  
Comigo.  
Com coragem?

Leu ele ao sair de casa: como foi possível? Naquela meia hora, não mais, alguém tinha respondido. E em plena luz do dia. Telefonou de imediato para o trabalho, disse que estava doente, pediu o dia de folga e passou o resto da manhã a tentar decifrar aquela resposta.

Sou a mulher que  
Procuras  
Sem nunca me teres procurado  
Amar é isso

Só isso  
Encontrar sem procurar  
E andar ainda assim à procura  
Com coragem  
Com coragem  
Com coragem

Não estava numa parede mas estava num palco: na voz de uma mulher. Ele conseguiu. Decifrou o enigma. Com coragem, chegou lá e retirou-a do ensaio para o espectáculo desse dia, já esgotado como todos os dela.

— Conseguiu.

Em poucos minutos, estava tudo explicado e confirmado. Bem, quase tudo. Faltava ainda a parte da ausência de roupa interior.



# ☞ COMO FODER UM CASAMENTO ☜

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 20. QUERER TER SEMPRE A RAZÃO

«O que mais me dói não é não ter a razão. Dói-me o que fazemos em nome dela, o que não conseguimos deixar de fazer em nome dela. Para a termos, sabes? É uma adição. Somos adictos na razão: no eu bem te disse, no vês como eu estava certo?, e depois perdemo-nos no meio dela, somos afogados nela, na lama dela, no lodo dela. A razão é uma corrupção, uma ratoeira. A necessidade absurda, e desesperada, de ter a razão tira-nos toda a razão.»

Ele estava sentado no sofá, cabeça pousada sobre uma das mãos. Estavam a discutir há mais de uma hora sobre algo que ele, com honestidade, já não conseguia recordar o que era.

Amar é também ter a capacidade, tantas vezes tão difícil, de esquecer aquilo que não merece ser recordado.

«Quando discutimos por questões que valem nada, o mais normal é termos discussões que valem nada. E depois o que somos, nós, acabamos por passar a valer nada. Um casal começa a valer muito pouco quando começa a discutir por nada.»

Ela andava de um lado para o outro. Sofria de um lado para o outro. Não sabia de onde viera esta discussão. Não sabia como haviam chegado a este ponto, por causa de algo que ambos certamente já nem saberiam, agora, compreender porque era assim tão importante. Talvez por isso: porque não o era. Acontecia isto vezes de mais, sempre que um procurava ficar com a razão, com a puta da razão, essa vaca insaciável. A busca insaciável pela razão acaba por consumir tudo o que tem à frente — nem que seja um casamento.

Amar é também ter a capacidade, tantas vezes tão difícil, de colocar o nós à frente do ego.

«A intimidade também tem de ser eu saber quando parar, quando estou a ir longe de mais por algo que não merecia sequer que eu me mexesse. Desculpa. Vou aprender a parar. Vou aprender até a calar, se necessário.»

Ele estava por tudo. E fazia tudo para acalmar o que lhe doía. Tentava aproximar-se dela, abraçá-la. Ela fugia, às vezes; depois aproximava-se. Nenhum dos dois parecia saber de onde tinham vindo até ali, até àquele lugar em que ambos se feriam: em que ambos só se feriam. E ambos pareciam, mais do que isso, temer que aquele caminho só pudesse ter um final. Esse mesmo: o final. Quando se escava solo minado explodir-nos uma bomba na cara é uma questão de tempo.

Amar é também ter a capacidade, tantas vezes tão difícil, de saber que escavar uma dor só pode trazer mais dor — e mais profunda, claro.

«Não sei o que aconteceu connosco. Não sei como estamos aqui. Mas estamos. Somos isto. Eu sou isto e tu és isto. Eu magoei-te porque queria ter a razão numa merda qualquer, tu magoaste-me de volta porque querias ter tu a razão nessa mesma merda qualquer. E agora o que tu me magoaste é mesmo uma merda, uma merda que foi fundo, que foi muito para além da merda que começou esta merda toda. E provavelmente também tu estás assim: magoado com o que fiz, com o que disse, para poder ganhar algo que nem sabemos para que serve ganhar. Ficamos prisioneiros do que magoamos, muito mais do que daquilo que sentimos. Entendes? Entendes que começamos de uma desimportância e conseguimos gerar este castelo importante que ameaça cair sobre nós? Entendes?»

Ela fazia a pergunta e já sabia a resposta. Sabia que talvez tivessem ido longe de mais, vezes de mais. Sabia que aos poucos, com tantas discussões sem sentido, era toda a relação que ia perdendo o sentido. Que sentido teria algo que só servia para magoar? Que sentido faz algo que só serve para magoar? Olhava pela janela, cigarro na boca, indagava, entre uma passa e outra, se o fim seria uma solução — a única, a definitiva. Ou se seria ainda possível lutar. E mudar, sobretudo mudar.

Amar é também ter a capacidade, tantas vezes tão difícil, de preferir mudar de vida para evitar perder a vida.

«Se o castelo cair eu estarei aqui para o erguer de novo. E mais forte do que nunca. Mais indestrutível do que nunca. Espero bem que estejas lá ao meu lado, ouviste bem?»

Ele lançou o repto sem saber que estava era a lançar o isco. Ela mordeu. O isco. E a cicuta.

Amar é também ter a capacidade, tantas vezes tão difícil, de evitar morder iscos que só trazem veneno dentro.

«Não. Não vejo porque haveria de querer reconstruir um castelo que ajudei a destruir. É algo esquizofrénico, não achas?».

«Não. Não acho. Porque haveria de ser? Às vezes só das ruínas se ergue uma obra.»

E pronto. Já estão os dois a bater-se de razões quando deveriam estar a bater-se de amores, de tesões, de paixões, de emoções, de pulsões.

Amar é também ter a capacidade, tantas vezes tão difícil, de perceber que há alturas em que ganhar um apalvão é muito mais inteligente do que

ganhar uma discussão.

tenho um vício em mim,

se soubesse o teu nome chamava-te, dizia-te que quando estou em silêncio te procuro,

a beleza rude das tuas palavras quando chegas, sou inocente de tudo menos de ti,

tenho uma culpa em mim,

se soubesse que me querias chamava-te, dizia-te que és o sol que me entra pela janela, a coisa intacta,

quando chegaste eras uma vizinha e quando te olhei já era o instrumento de ti, anónimo, preso numa estepe sobre a desolação,

depois de ti todos os dias foram seguintes, procuro-te compulsivamente, com a lentidão curvada de quem regressa a si mesmo,

tenho um inverno em mim,

se soubesse o teu nome chamava-te, dizia-te mais do que o bom dia que passo o dia à espera de te dizer,

quando chegas a tarde cai, abandonei o turno que tinha na fábrica para estar aqui, para ver a maneira como saís do autocarro,

as rainhas andam de autocarro, não de charrete, que pirose,

vejo pelo verniz nas tuas unhas se estás triste ou nervosa, noto pelo teu passo se o cansaço de hoje te deu cabo da esperança, marcas-me a vida sem saberes,

faria tudo para afastar-te da morte, para te desviar da lágrima sombria, do charco primário da ferida,

tenho um presságio em mim,

se soubesse o teu nome chamava-te, dizia-te se precisares de amor vem que eu amo-te, dizia-te o vocabulário inteiro de todas as línguas que sei dizer, dizia-te que o passado acabou quando te conheci, que me desencontro do sonho quando não te encontro,

quando às vezes tenho medo sei que é quando não estás em casa, olho pela janela, nada de luz, temo que tenha sido de vez, que tenhas encontrado uma morada distante deste inútil cobarde que só se apazigua quando te olha,

e de repente batem à porta,

e se fosses tu?,

e és,

Desculpe mas a minha mãe,

O que tem?,

Sentiu-se mal,

E agora?,

Não tenho carro e não consigo chamar um táxi, nem nada,

E agora?,

Pode ajudar-me?

Vamos,  
as chaves na minha mão, tu ao meu lado, já não sei nada, sei que vens  
comigo,  
vou salvar a mãe de quem amo, e já a amo tanto,  
um dia digo-te mesmo que é isso que sinto, que é isso que quero, quero  
que a tua mãe seja a minha sogra, a senhora minha sogra, a minha amada  
sogra,  
É aqui, é aqui,  
e cá está ela, a senhora tua mãe, a minha sogra, deixa-me dizer assim,  
só para mim, a senhora minha sogra,  
Já estou melhor, filha,  
Tem a certeza, minha senhora?, não quer que a leve ao hospital?,  
Estou bem, senhor, estou bem,  
É o meu vizinho, não sabia o que fazer e vi que tinha a luz acesa e  
estava à janela e pedi-lhe ajuda, espero que não tenha levado a mal,  
Que ideia, claro que não,  
Muito obrigado, meu caro senhor,  
digo o meu nome,  
a tua mãe estende-me a mão, eu estendo a minha, depois beijo ao de  
leve a dela, não sei o que me deu mas dei-lhe um beijo nas costas da mão,  
nas costas da mão da senhora minha sogra,  
que se dane, ninguém me ouve, também já amo a minha sogra,  
O mínimo que posso fazer é oferecer qualquer coisa para beber ao  
senhor, entre, entre por favor,  
estamos os três na cozinha pequena da casa da tua mãe e a forma como  
bebes o chá é apaixonante,

tenho uma calamidade em mim,  
se soubesse o teu nome chamava-te,  
Bárbara, obrigada mais uma vez, não sei o que seria de mim esta noite  
sem si, obrigada mais uma vez,  
agora já sei,  
já não tenho desculpa,  
deus queira que ainda tenha coragem.

fode-me como se tivesses acabado de me conhecer. os teus lábios e a tua língua. a maneira como a tua morte se junta a mim. no meio das tuas pernas sou o herói que sempre sonhei ser. quem inventou o medo nunca se veio. quando fizermos amor estaremos desfeitos. o amor está em todo o lado menos em quem se fode. foder com amor não existe. ainda bem. o que me dá prazer é o limite, a ausência dele. a faca apontada ao coração. sou viciado em não saber o que me vicia. montas-me como se estivesses quase a morrer. a minha mão aberta na tua nádega suada. cheiras tanto a luxúria como a salvação. que vácuo vivem os que não arriscam tudo. preciso do teu gemido mais do que de pão. invado-te como napoleão quis invadir o mundo. é o teu corpo o meu império. conhece-se uma pessoa pelo orgasmo. as tuas mãos abertas contra a parede. fode-se tanto pelos olhos, não fode? és tão casta e tão obscena quando me olhas assim. toma lá mais uma oportunidade de me conheceres melhor.

[a explicação da celebração]

Celebra-se tudo, até a desgraça alheia.

Correcção: celebra-se tudo, sobretudo a desgraça alheia.

[na praia em hora de ponta]

O adolescente ao lado dos pais, com acne e sem namorada, a ver passar os biquínis como quem vê passar o sonho.

Não somos o que encontramos; somos o que procuramos.

A menina com uma boneca morena e vestida como se fosse uma princesa, sentada junto ao mar e com a certeza de que um dia será ela a princesa e será dela e de um qualquer príncipe encantado aquele mar inteiro.

Não somos o que não conseguimos ser; somos o que acreditamos que podemos ser.

O velhote sentado numa cadeira velhota, a ler um livro velhote, ao lado da sua mulher velhota — e de repente tudo fica jovem quando aparece o filho com o neto ao colo, o neto tão jovem que oferece juventude ao velhote e à velhota.

Não somos da idade do que vivemos; somos da idade do que sentimos.

O casal de jovens namorados escondido junto ao paredão, a tentar namorar com o corpo mas a só conseguir namorar com os olhos, o suor que não para e a vida sempre a não parar.

Não somos controlados pelo que queremos ter; somos controlados pelo que temos de ter.

O nadador-salvador que acredita ser como um qualquer galã de telenovela, a olhar em redor à procura de trabalho ou então de se meter em trabalhos, os óculos de sol estilosos, a pose estilosa, o sabor efêmero de uma glória efêmera.

Não somos viciados na eternidade; somos eternamente viciados no que acaba.

O bebé debaixo do guarda-sol, ainda sem poder andar, ainda sem poder brincar, simplesmente deitado a ver o mundo a passar, um sorriso aqui, um



choro acolá, uma papa aqui e uma sopa acolá, os minutos e ele num passo lento, tranquilo, sem pressa de chegar e sempre, a toda a hora, a chegar.

Não precisamos de fazer mais com o tempo que temos; precisamos de sentir mais o que fazemos com o tempo que temos.

E eu. Não sei o que sou nem como sou. Não entendo o que me move e o que me deixa de mover. Não sei se sou mais o adolescente, se a criança, se o casal de namorados, se o velhote, se o bebé. Quero tudo o que posso com tudo o que tenho. Sou tudo o que acredito ser e até aquilo que nunca acreditei ser. Já consegui tanto do que não queria conseguir e um pouco do que sempre quis conseguir. Sou um pedaço de cada pedaço que ali anda, neste areal a perder de vista e que serve para nos fazer, nem que por momentos, fazer perder de vista o que dói, o que nos envolve e nos puxa para longe do que podemos ser.

Não sou nada do que penso ser; e não deixo de ser exactamente o que penso ser.

# 🔞 COMO FODER UM CASAMENTO 🔞

## · M A N U A L P R Á T I C O ·

para Mulheres e para Homens

### 21. DEIXAR A GARAGEM DO MOTEL ABERTA

CARTA AO TRAIADOR INCOMPETENTE:

Meu estimado jumento,

Passo 1: Alugar um carro.

Passo 2. Fechar a porta do motel.

Passo 3: Pagar em dinheiro.

Como é que nem estes três simples passos foste capaz de dar? Bastava teres-me perguntado e eu ter-te-ia explicado, serenamente, que era assim, só assim, que poderias ter feito para saíres ileso de uma traição. Simples, não era?

Mas não: quiseste esconder-me a traição que me davas, seu traidor, e eu sei que és um incompetente em tudo — como haverias de não o ser a trair?

Amei-te sem saber quem eras por mais que estivesse farta de saber quem és.

Pior do que um simples traidor só mesmo um mau traidor. E sim: és um mau traidor. Não há traidores bons, claro; mas há traidores hábeis, que deixam que a traição fique por ali: pelo esconderijo de um desejo saciado, pela fuga momentânea a uma qualquer prisão. Nada disso tem justificação.

Todos os que traem são traidores. Sempre.

Mas eu gosto de competência, gosto de inteligência, gosto que me respeitem. Já que não me respeitaste não me traindo pelo menos poderias respeitar-me traindo-me como deve ser: com requinte. Eu merecia que, já que ias fazê-lo e ias ser esse javardo que nunca pensei que fosses, o fizesses com classe, com estilo, com alguma genialidade, até.

Amar é genial, aprende de uma vez por todas.

Amar é encontrar a cura para tudo, é construir um poema, um quadro, uma escultura. Isso: amar é uma escultura de emoções. Amar é aquilo que tu, meu idiota, jamais soubeste o que é, jamais poderias saber o que era — porque só quem não ama faz algo assim, só quem não ama consegue fazer algo assim, queimar o laboratório onde todas as curas são testadas, atirar fogo às folhas do poema, estilhaçar o quadro com a parede, atirar ao mar a escultura de emoções que, anos a fio, todos os dias, com tudo o que tinha, te entreguei. Toda eu em todo tu, pensei eu. E afinal era apenas toda eu num dissimulado, e pequeno, pequenino, pequeníssimo, tu.

Trair é uma burrice, aprende de uma vez por todas.

Só os burros é que traem. Porque os inteligentes, quando querem, quando sentem que podem vir a querer trair, não traem — simplesmente saem daquilo que porventura vão trair. Porque percebem que é tempo de sair. Não só para não trair — mas sobretudo porque se se sentem porventura capazes de trair é porque porventura já não amam tanto assim. Ou se calhar já não amam mesmo de todo.

Amar é de todo, por todo, em todo.

Se naquele dia tivesses sido pelo menos um pouco mais inteligente tudo estaria na mesma, já viste? Bastava teres cumprido aqueles três passos que te apresentei no começo. Estaríamos os dois na nossa casa, tu ao meu lado no sofá a ler um jornal qualquer, eu a ver um filme qualquer, os nossos rapazes metidos nos seus quartos a fazerem uma coisa qualquer. Um vazio com duas pessoas dentro: era isso o que éramos.

Uma casa sem amor é pior do que um espaço vazio: é um espaço com pessoas vazias dentro.

Por isso no fundo esta não é uma carta de despedida — muito menos uma carta de revolta. Estou revoltada, claro: como poderia não estar revoltada com aquilo que fizeste, com aquilo que tiveste a distinta coragem de me fazer? Mas esta não é uma carta de revolta nem de despedida. É, isso sim, uma carta de agradecimento. Uma carta do mais profundo, e sincero, agradecimento.

O final de um amor que já estava acabado é motivo para agradecimento — não para pesar.

Foi a tua inaptidão, a tua mais ridícula imperícia, a tua mais primária falta de capacidade para consumares uma traição com qualidade, que fez com que, hoje, eu seja uma pessoa melhor: uma pessoa mais parecida consigo mesma.

O amor tem de ser o que nos aproxima de nós mesmos — jamais o que nos afasta de nós.

Por ti deixei de ser eu, que burra. Felizmente tu foste ainda mais burro e abriste-me os olhos.

Obrigada a ti e àquele portão eléctrico do motel. Sem ambos estaria ainda sem mim.

Com gratidão,  
Eu

[ele]

Quando chegaste a minha vida tinha acabado.

Primeiro pensei que vinhas ajudar a acabá-la, depois fiquei com essa certeza.

O amor ou acaba connosco ou estamos acabados.

Estávamos à espera do mesmo táxi, no aeroporto. Já não sei, se queres que te diga, de onde vinha. Só fixo o que me excita, como o que me perguntaste quando o táxi chegou: «posso ir consigo e sentar-me no seu colo para não ocupar um espaço no banco?». Demorei a reagir. Explicaste: «assim pode ser que só se pague metade.» Sorriste, estendeste a mão, disseste o teu nome. «Claro que sim», foi só o que eu disse. Nem o meu nome tive o discernimento de dizer. Estava perdido e feliz.

O amor ou nos deixa perdidos e felizes ou estamos perdidos.

Entrei no táxi. Tu vieste depois e cumpriste. «Posso», perguntaste, sem dizer o quê. Eu respondi que sim sem saber a quê. Sentaste-te, lentamente, no meu colo. O taxista quis falar mas fizeste-lhe um «chiu» discreto. Arrancou. Eu e uma desconhecida que eras tu na parte de trás de um táxi. Falaste-me de Filosofia, de Kierkegaard, e eu só pensava no que raios havia de pensar para o meu sexo não ficar ainda mais excitado. No final saíste e disseste: «obrigada pela boleia.»

Foi há um ano. Nunca mais te vi. Até hoje. Estamos os dois olhos nos olhos à saída da lavandaria e um táxi aproxima-se. Ainda bem que hoje vim de carro.

[ela]

Há um ano que sou feliz contigo,  
e já não te vejo há um ano.  
Na tua cama ou na minha?

[the end]

Optaram pela cama dele, mas tudo correu mal.

O sexo foi ótimo, o amor que se lhe seguiu (e se lhe precedeu) foi excelente, ficaram juntos para sempre,  
mas a cama era altamente desconfortável.

[se de repente duas pessoas]

— A verdade está entre o que pensas e o que pensas que o outro pensa: a verdade é um intervalo, um espaço em branco.

— A verdade é uma construção.

— E uma destruição: uma destruição construtiva, digamos.

— Destruir para construir de novo: eis viver.

— Construir para destruir de novo: eis amar.

— Ama-se o que nos constrói e o que nos destrói. Idealmente o que nos destrói deve ser mais frequente do que o que nos constrói.

— Precisamos de começar de novo para começarmos de novo: para nos reiniciarmos. Podemos viver sem quase tudo menos sem inícios. Somos viciados em começos, em novos caminhos, em novos sabores. Alguém que vive sem um começo há um mês é alguém morto há um mês.

— Isso é verdade.

— Um intervalo, bem o sabemos.

— O teu intervalo.

— Na verdade, não sei o que mata mais: se a incapacidade de respirar se a incapacidade de amar.

— O que mata mais é a possibilidade: o saber que poderia ser. Se não soubéssemos o que poderia ser nunca sofreríamos pelo que não podemos ter.

— O que dá mais vida é a possibilidade: o saber que pode ser. Se não soubéssemos o que poderia ser nunca ficaríamos felizes pelo que ainda podemos ter.

— A verdade é um paradoxo.

— Somos viciados em verdades com um pouco de nós dentro: verdades particulares, por assim dizer.

— Verdades com personalidade.

— Verdades com personalidade: gosto.

— Verdades com carisma, com individualidade. Todos temos verdades de estimação, verdades que guardamos, que cuidamos, que acarinhamos. Verdades que nos acompanham, que nos sustêm. As nossas verdades, que criamos com toda a ternura do mundo. Verdades criativas.

— Verdades originais.

— Gosto de Filosofia.

— Eu também, mas gosto mais de sardinhas assadas.

— Estava a ver que não dizias.

— Bom apetite.

— Bom appetite.

# 👉 COMO FODER UM CASAMENTO 👈

## · M A N U A L P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 22. NÃO DAR ESPAÇO

Um dos grandes segredos para uma intimidade feliz é não ser uma intimidade completa.

Tem sempre de haver espaços de um que não são espaços do outro. É o espaço de um que não é do outro que faz com que todos os outros espaços, que são dos dois, tenham magia.

A magia de um amor partilhado está muitas vezes na consciência plena de que nem tudo no amor deve ser partilhado.

É isso, o desconhecido, o que fica sempre na parte de trás do pano, que faz a magia. A magia também é desconhecimento. Há ilusões que têm de ser mantidas. Quem no seu perfeito juízo julga que é benéfico, em alguns momentos de absoluta intimidade, ter essa parte das nossas vidas partilhada? Quem? Só tu, claro, com essa tua mania de que nada deve ser separado do outro, com essa tua mania de que temos de ser todos, a toda a hora, a todo o momento, em todas as situações, capazes de mostrar tudo o que somos a quem amamos.

Mas não somos.

Não somos nem devemos ser. Não somos nem podemos ser. Sob pena de estarmos a criar um monstro que um dia nos vai comer. Porque há que manter partes intocadas, partes não vistas, partes singulares, únicas: só de um de nós. Sem que o outro lhes tenha acesso. Porque são só dele e têm de continuar só dele.

O amor só é dos dois quando os dois percebem que há partes do outro que são só dele.

É isso o fascínio: mostrar e não mostrar em doses iguais. Como uma dança. Um tango. Mostra isto mas não mostra aquilo. Deixa adivinhar isto e não deixa adivinhar aquilo. E é assim, apenas assim, deliciosamente assim, que uma relação sobrevive — e mais ainda: é assim, só assim deliciosamente assim, que uma relação se mantém viva.

Há relações que por mais que sobrevivam já há muito que não estão



vivas.

Por muito que me custe talvez seja o caso da nossa. Talvez tenhamos ido longe de mais nesta mania da partilha absoluta, e absurda, de um dia-a-dia a dois. Não terá sido somente por causa disso, não. Nenhum amor acaba só por isso. Mas olha que isso ajudou. Essa presença constante — mesmo quando uma simples ausência, de alguns minutos, de algumas horas, teria sido muito mais capaz de alimentar o que sentimos. Ainda sentimos? Receio que não, sinto muito.

Há amores que morrem por excesso não de amor mas de presença.

Amores sem espaço, sem estrada. Amores carregados de coisas, de entulho. Amores que pensam que um amor cheio é um amor atulhado. Não é. Um amor cheio não é um amor atulhado. Um amor cheio não é um amor no qual não se respira, no qual não se vê nada mais do que aquele que amamos.

O amor precisa do mundo todo para ser todo o mundo.

Quando o amor se fecha, e pensa que tudo dentro do amor tem de ser apreciado pelo amor, então pode acontecer que o amor se abra em definitivo e nunca mais volte a ser o que era. Um amor completo não é um amor cheio. Um amor completo é um amor com mistérios, com enigmas, com surpresas, com imprevistos.

Um amor previsível previsivelmente durará pouco.

É essa, meu amor, a minha previsão. Tem de ser essa, meu amor, a minha previsão. Prevejo que não aguentarei muito mais do que somos. Porque estou demasiado cheia de nós para poder saber quem sou por dentro do que somos. Esvaziei-me para podermos caber, para tudo o que existe que coubesse pudesse caber. E desapareci.

O grande amor não nos faz desaparecer para ele se tornar maior; o grande amor torna-nos maiores e é assim que também ele se torna maior.

Escrevo-te com o coração nas mãos, na ponta dos dedos. Na verdade, escrevo-te com a vida toda nas mãos. Não sei o que vai ser de mim sem te ter a ti ao meu lado. Não sei se serei capaz de me erguer depois da queda que é ter de deixar de te ter. Ter de decidir deixar de te ter. Mas é a minha decisão final. Tem de ser a minha decisão final. Porque nada em ti me fascina, porque tudo em ti é conhecido, familiar. E se isso me traz calma, paz, sossego, quietude, também me traz a ausência de tudo o que não seja isso. E a vida sem desassossego não é sequer vida, é tédio.

Antes a ausência de sossego do que a ausência de inquietação.

Quando me lembrar de ti direi sempre que foste o homem da minha vida. Mas infelizmente não havia espaço na minha vida para quem a quisesse toda para si.

Não culpes um palhaço por continuar a ser um palhaço. Culpa-te a ti por continuares a ir ao circo.

Não há nada mais burro do que o preconceito. Um preconceito é um auto-atestado de burrice. É alguém assumir como certo, e defendê-lo, algo que nunca tentou entender, ler, estudar, sentir. É uma burrice. É ir pela cabeça dos outros, seguir junto ao rebanho e fazer: méé.

Não há nada mais preguiçoso do que o preconceito. O preconceito não dá trabalho nenhum. E é confortável. Nunca um preconceituoso melhorou o mundo.

Não há nada mais covarde do que o preconceito. Vai. Olha os textos espalhados por aí e lê: pessoas a denegrirem quem nunca conheceram, a criticarem músicos que nunca ouviram, pintores que nunca viram, escritores que nunca leram. O preconceito é o acto menos corajoso do mundo.

Quanto maior fores mais preconceito te atacará. Mais ideias pré-concebidas sobre ti surgirão, num espectáculo deprimente representado por animais espumosos, cheios de raiva, e por palhaços sem piada nenhuma. Não alimentes esse circo.

Fechou-lhe a porta na cara sem saber que lhe fechara a vida na cara.

Ama-se o que nos preenche a vida toda, e o que quando acaba, obviamente, nos esvazia a vida toda.

Pediu-lhe perdão mas tinha de ser: a personalidade dele, a ambição dele, a diferença dele, os desejos dele.

Ama-se o que nos separa muito mais do que aquilo que nos une. O amor acontece quando se é capaz de amar — de juntar — o que habitualmente nos separa.

Ele ripostou: que a vida também é a capacidade de amar quando quem se ama faz algo que odiamos, que o casamento também é a capacidade de amar o que nos fere, mesmo que o que nos fere seja também o que nos sara as feridas, e é sempre, e é sempre, era bom que ela entendesse isso e abrisse outra vez a porta que acabara de fechar.

Ama-se o que nos faz abrir a porta que acabámos de fechar, e nenhuma porta é impossível de abrir quando se ama muito, e quando, mais ainda, se quer amar muito.

Ela não abriu a porta imediatamente, demorou à vontade dois ou três segundos, olhou-o sem uma palavra e amou-o como da primeira vez sem uma palavra.

Ama-se o que nos faz de todas as vezes amar como da primeira vez, mas mais fundo, mais além, mais longe, com mais falhas dentro (o amor é uma falha que dá certo, ou uma falha que dá errado e que mesmo assim dá certo no meio de nós, como se não houvesse certo nem errado, e não há, só há apaixonado ou não apaixonado, e normalmente quem está apaixonado raramente está errado mesmo que esteja, mas já chega desta ideia que estamos a perder-nos e estamos, mais grave ainda, a perder a história).

Ele pediu-lhe então perdão: que a ama de mais para poder suportar um quase-tudo, que a ama de mais para poder ficar calado perante a impossibilidade de serem tudo aquilo que podem ser, que eles podem ser tudo mas que basta faltar um bocadinho e tudo acaba por saber a nada.

Ama-se o que nos faz ser tudo mas que se não for tudo como pode ser deixa um sabor a nada que não passa, que nunca passa, que só passa quando o amor passar, e feliz ou infelizmente o amor não passa, a não ser quando não é amor.

Ela aceitou o perdão e disse que sim: que iam desistir de tentar e iam passar a fazer.

Ama-se o que nos faz perder o medo (ou derrotar o medo mesmo que ele esteja lá) e desistir de tentar e passar a fazer: o amor faz-nos ou desfaz-nos e nenhuma das duas possibilidades atesta melhor do que a outra o que é

o amor.

Ele e ela fizeram o que tinham a fazer: abraçaram-se e fecharam-nos a porta na cara, malcriados, mas sobretudo apaixonados, graças a Deus, e a mim também, que sou o narrador.

— Quando te perco deixo de saber onde estou.

— Estou no exacto local onde me deixares por mais que o tempo passe.

— Estou aqui.

— Isso: estou aqui. Estarei sempre aqui.

— És poupado?

— Não.

— Então consome-me já toda.

SEGUNDA.

Quando é que nos tornamos velhos?

Quando é que ficamos acabados?

Quando é que a magia acaba?

O que acontece em nós para isso acontecer?

Que fio desliga?

Que fio nos esquecemos de ligar?

A velhice passa com a idade, e nós também.

TERÇA.

Acordei com o medo de estar morto. Não o morto que os hospitais decretam. Não. Esse não temo, venha ele quando vier.

Acordei com o medo de estar morto para o que sou: para o que a minha vida tem de ser.

A vida tem de ser o que nos afasta do tédio.

Nem que meta medo, e na verdade tem mesmo de meter. Só o que mete medo nos mantém vivos. E pessoas.

Há sempre pessoas para nos salvar a vida, nem que seja por nos permitirem salvar-lhes a vida.

Amar é uma salvação partilhada.

QUARTA.

Há um apagão em mim, como se tivesse acabado uma viagem que ainda prossigo.

As piores viagens são as que acabamos quando ainda vamos em viagem.

QUINTA.

Penso no que já fui.

Penso no que via em tudo o que agora tenho e não vejo. Em tudo o que agora, mesmo que veja, não sinto.

As piores vidas são as daqueles que mesmo que tenham não vêem e que mesmo que vejam não sentem.

Viver é sentir, o resto é para enganar os tolos.

SEXTA.

Sou tão feliz.

Tenho tanto quem me ame tanto.

A felicidade é ter quem nos ame tanto e nós os amarmos tanto assim.

Não sei de onde vem a morte, mas sei de onde vem a vida.

Basta isso para evitarmos morrer.

# ☞ COMO FODER UM CASAMENTO ☞

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 23. SER PERFEITO

Há um momento em que todos temos de ser capazes de mexer na ferida: todo o momento.

Sentaram-se frente a frente, olhos nos olhos, medo no medo. Palavras nas palavras:

— És perfeito.

— Lamento muito.

Ah, a perfeição. O logro da perfeição. A miserável da perfeição. Nada mata mais uma relação do que a perfeição, do que a busca desenfreada, e por isso desesperada (ou a caminho de ser desesperada), pela perfeição.

Uma relação perfeita é uma relação desfeita: nada é mais entediante do que o que nunca falha.

— Nada em nós funciona mal.

— Que merda.

O que une é o que fica por fazer. E a fragilidade. E a dor. E a incapacidade. E as dificuldades, e os instantes em que parece que não vai dar e depois dá, tem de dar. Porque o amor, quando é amor, dá sempre. Tem de dar sempre.

O que fascina é o erro no gráfico, não o gráfico constante, equilibrado.

O equilíbrio que se f\*da.

Uma relação sempre equilibrada é uma relação acabada.

— És tudo o que sempre sonhei.

— Que pesadelo.

O problema dos sonhos que se concretizam é que deixam de ser sonhos. E normalmente os sonhos, quando se realizam, são demasiado bons para serem satisfatórios: como se precisássemos de ter sonhos por realizar para podermos sonhar. E precisamos.

Quem já realizou todos os sonhos é um triste de todo o tamanho. Tenho tanta pena de quem já realizou todos os seus sonhos.

Uma relação sem sonhos é uma relação sem futuro. Uma pessoa sem



sonhos é uma pessoa sem futuro.

Somos o que sonhamos.

— Conheço-te tão bem, tão bem.

— Que seca.

Uma relação em que tudo corre sempre bem está a correr francamente mal.

Antes a absoluta loucura do que a inalterável sanidade.

Nunca quem foi feliz deixou de se perder na vida. Só assim se evita perder a vida.

É dos desvios que se faz a história, nunca do caminho certinho. O certinho será na melhor das hipóteses felizinho, ou alegrezinho.

O amor pode ser tudo menos certinho. O amor é desregulado, é apaixonado, é frenético, é inquieto. E é só assim que também consegue ser regulador, pacificador, aquietador, relaxante.

Uma relação certinha é uma relação acabadinha.

— Nada nos falta.

— Que pobreza.

Um amor contentado é um amor terminado.

Que descanse em paz todo aquele que ama sem querer amar mais desse amor, provar mais desse amor, experimentar mais desse amor, descobrir mais desse amor. E queixar-se mais desse amor, injuriá-lo aqui e ali, dizer que deveria ser diferente, que poderia tentar diferente, sugerir novos caminhos, novas formas. É assim, sempre insatisfeito, sempre imperfeito, que um amor se ama.

É só assim que um amor se ama: nos espaços deliciosos que ficam entre o que é e o que fatalmente poderia ser.

— Somos um casal exemplar.

— Que tristeza.

Ah, a perfeição. A bosta da perfeição. A que todos querem, a que todos procuram, a que todos perseguem — a que só existe para isso: para ser desejada, para ser procurada, para ser perseguida. Nunca para ser alcançada.

Um amor que alcança a perfeição é um amor sem salvação.

— Obrigada por seres tão impecável para mim.

— Sim, eu também quero a separação.

E foram felizes para sempre.

Antes separaram-se mesmo.

«Que trágico.»

A Luísa é uma enciclopédia. Uma Bíblia. Um manual inteiro. Uma cadeira da faculdade. Uma licenciatura.

«Que trágico», diz ela, quando alguém da sua idade (dez anos, mais coisa menos coisa) lhe conta uma história mais complexa e alegadamente séria. Di-lo num tom que nenhuma criança de dez anos costuma usar: uma mistura de ironia com pena. Como se tivesse pena de quem o disse. E tem.

Talvez a Luísa tenha pena de que não vê o mundo como ela o vê. Com toda a razão, diga-se.

Para que não cometam esse erro, eis as três regras de ouro da Luísa (aproveitem bem estas máximas: são mesmo o máximo, porque a Luísa, não sei se já vos disse, é o máximo):

Regra Número Um: Se não te apetece falar com alguém, não fales.

Sofro muito com esta: a Luísa muitas vezes não quer trocar palavras comigo. E não troca. Eu tento tudo. E nada. E ela fica na dela. A ser Luísa.

Regra Número Dois: Não troques a tua felicidade pela felicidade dos outros.

A Luísa sabe o que quer. E faz por fazer o que quer. Se porventura o que a faz feliz não for o que faz feliz outra pessoa, ela vai insistir em fazer o que a faz feliz. Porque é para isso que aqui estamos: para sermos felizes. A Luísa sabe disso. E faz isso. E é isso. A ser Luísa.

Regra Número Três: Nunca abduques de tempo de qualidade junto de quem amas.

A Luísa ama a mãe. Ama o pai. Ama os avós. Ama o primo. E os tios. E uma amiga ou outra. E quando pode estar com algum deles é isso o que faz. É isso o que escolhe. A Luísa escolhe sempre estar com quem ama. Com quem a ama. Com quem sabe que a faz feliz. Viver é isso. Viver é ser Luísa.

E é assim esta menina. Um dia, já o disse, vou conseguir ser como ela. Até lá, vou fazer como ela me ensina: vou ser eu. «Que trágico.»

# ☞ COMO FODER UM CASAMENTO ☞

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 24. FAZER AMOR COMO SE FAZ UM RECADO

Antes nem dormíamos para fazer amor; agora fazemos amor para adormecer.

Que acontece a um casal quando o tesão deixa de acontecer?

Muito pouco, na verdade. Vai acontecendo a vida. E vai-se desfazendo esse casal no meio dessa vida, corroído pelo excesso: excesso de presença, excesso de naturalidade, de normalidade, de previsibilidade, de conforto.

Uma relação não é excessiva pelo que dá a mais; é pelo que tira.

Porque ao estarmos excessivamente confortáveis vamos ficando cada vez mais pequenos, cada vez mais acomodados, cada vez mais incapazes de sair do lugar e procurar outros lugares — ou pelo menos outros lugares dentro do nosso lugar.

Não é preciso mudar de amor para mudar de vida; basta mudar de ângulo.

Porque eu e tu somos os mesmos, queremos-nos como nos queríamos, como sempre nos quisemos. O que se apagou entre nós? Como deixámos de ser um fogo inapagável para passarmos a ser esta fátua fumaça? Como deixámos de desejar ardentemente para passarmos a desejar passivamente — ou, pior ainda, obrigatoriamente?

Uma das maiores obrigações entre quem se ama é não se amar nunca por obrigação.

Há pouco foi outra vez assim. É sempre outra vez assim. Viemos os dois para a cama, cada um no seu mundo mesmo que queiramos fazer de conta que partilhamos um só. Não partilhamos, não nos enganemos mais; cada um tem as suas manchas escondidas, as suas omissões, os seus pequenos segredos, que tanto martirizam como alimentam.

A vida é feita sobretudo daquelas pequenas coisas que tanto nos martirizam como nos alimentam.

E quando chegámos os dois à cama parece que tinha de ser, como se

fôssemos robots, máquinas programadas para agir assim: deste-me um beijo, eu retribuí. Depois o beijo passou a mais beijos, os lábios passaram a línguas, os corpos falaram entre si num diálogo quase enfadonho, sem rasgo, e quando demos por nós já estávamos cada um virado para o seu lado, à procura da melhor maneira de mentir a si mesmo e dizer que está tudo bem.

Pior do que estar tudo mal é estar tudo bem, ficas agora a saber.

Quando está tudo bem não está tudo muito bem. Muito menos óptimo. Ainda muito menos eufórico, louco, a fazer-nos passar da cabeça.

Fazer amor tem de nos fazer passar da cabeça, na pior das hipóteses. Amar quem amamos por inteiro, corpo no corpo, não pode ser um passeio no parque. Amar quem amamos por inteiro, corpo no corpo, tem de ser no mínimo uma viagem na montanha-russa, um pico absurdo de emoção, uma junção perfeita, e incomparável, de volúpia, ternura e loucura.

Quando chegas ao orgasmo como quem chega a casa então é porque talvez tenhas de mudar de casa.

O orgasmo não é conforto, não é refúgio, não é segurança; o orgasmo é, tem de ser, o que te tira de casa, o que te leva para um espaço de perigo feliz, para uma morada diferente de cada vez que o alcanças.

Um casal está em perigo quando está sempre em segurança.

Quando tudo está fechado, acantonado, apequenado. Um amor que não cresce todos os dias é um amor que mirra todos os dias, que desaparece, pouco a pouco, todos os dias.

Um amor grande é um amor vivo.

Um amor que está constantemente a procurar mais de si, que se entrega cada vez mais, que se recria cada vez mais, que é criativo, que é obstinado, que é insaciável, que está contente e nunca contentado. Um grande amor é um amor incansável, que não abdica de parte nenhuma do que ama — muito menos da parte física do que ama.

Que nunca se retire o corpo a um amor que se ama de corpo e alma.

Tu pensaste que bastava isso, a alma, para segurar o que te quero. E é tão bom saber que estamos ligados tão profundamente por essa alma, pela nossa capacidade de nos vermos como uma equipa, pela maneira como apesar de tudo nos conhecemos, nos sabemos os defeitos, as fragilidades, os pontos que mais nos ferem. É tão bom tudo isso mas tudo isso não é tudo. Lamento, mas não. Sou uma pessoa e quero prazer.

Sou uma pessoa e quero prazer: que nunca ninguém se envergonhe de dizer isto.

E acredito que no fundo ainda poderias ser tu, só tu (nem me vejo com outra pessoa, nem pensar, até nojo sinto só de imaginar), a dar-me esse prazer de que preciso. Mas estamos num labirinto de medo, num labirinto de culpas. Estamos convencidos de que basta o que ambos sabemos que não basta.

Que algum de nós tenha a coragem de assumir o que quer — e mais

ainda o que não quer.

Podes ser tu, podes?

Senta-se no passadiço junto à praia, abre o jornal,  
as costas, as costas, já fui o mais flexível do bairro, a Maria da  
mercearia ficava à minha espera só para me ver passar,  
a vida é assim: às vezes o que interessa fica à espera de nos ver passar e  
nós só temos é de não deixar que passe sem lhe tocarmos,  
a vida existe para ser tocada,  
a cadeira que a falecida mulher lhe deu,  
é uma cadeira para vida, como nós somos para a vida, não é?,  
e foi, e foi,  
só foi pena a vida dela ter acabado antes de mim,  
as pessoas, as correrias, os miúdos,  
quando era catraio gostava de inventar jogos, sentava-me a pensar em  
mil possibilidades e apareciam-me mil e uma ou mil e duas, bastava  
escolher uma e já estava,  
a vida é assim: às vezes temos mil possibilidades para escolher e o  
segredo é escolher a milésima primeira ou a milésima segunda,  
o areal cheio, o mar revoltado,  
nunca tive medo das ondas, nunca tive medo do que desconheço,  
só do beijo dela, confesso, a primeira vez que arrisquei tocar-lhe nos  
lábios com os meus o sangue parou de correr, juro,  
e o coração batia mas de uma maneira que eu não conseguia entender,  
entendes?,  
a vida é assim: às vezes o coração bate de uma maneira que não  
conseguimos entender e é isso que nos dá o entendimento absoluto do que é  
o mundo,  
e a vida,  
e nós, sobretudo nós,  
somos o que o coração que bate em nós é,  
quem não tem coração não tem nada,  
lê as notícias,  
a mesma porcaria de sempre, o governo que diz que não aumenta  
impostos e a minha pensão sempre a encurtar,  
a vida é assim: o tempo passa e tudo vai ficando curto, desde a pensão  
que recebemos até aos dias que temos para viver,  
e para amar,  
Já não tenho a minha mulher, a minha tudo, mas amo-a como se a  
tivesse, e assim a tenho e me tenho como se a tivesse,  
ainda lhe conto tudo,  
é para ela que escrevo agora, não sei se já repararam,

o sol está forte, a pele enruga mais e já não se sabe se há um único  
milímetro naquele rosto que não esteja dobrado,  
ao lado as pessoas olham e sorriem, acham-lhe piada,  
olha o velho a ler o jornal,  
sou uma peça de museu, uma relíquia,  
e estou-me nas tintas, se queres que te diga,  
e já disse,  
sou tudo o que quiserem,  
tudo mesmo,  
desde que seja teu,  
e ainda sou,  
não sou, meu amor?

— Adoro a tua boca.

— Porquê?

— Está cada vez mais perto da minha.



Quando for grande quero ser grande, sim, pai?,  
o meu filho e um sonho,  
somos todos sonhos,  
e depois morremos,  
há quem morra antes dos sonhos, e é essa a melhor das mortes,  
o mais infeliz é o que perde os sonhos antes de perder a vida,  
a areia da praia clara, quase branca, um castelo de príncipes e de  
princesas,

Quando for grande vou salvar o mundo,  
e mal sabe ele que já salvou o meu,  
antes de ti era uma pessoa feliz e nunca imaginei que me faltava tudo,  
um filho é o que nos falta na vida mesmo que não nos falte nada, não  
é?,

e uma família feliz é aquela em que ninguém precisa de ninguém e em  
que todos precisam de todos,  
parece incoerente mas é só amor,

Quando estiveres com medo diz-me que eu dou-te um abraço, sim,  
pai?,

o abraço existe para apertar o medo,  
ou pelo menos para nos salvarmos dele por mais que ele exista,  
o abraço existe para nos dar a coragem que falta, e falta tantas vezes,  
não falta?,

somos tanto de medo como de sonho,  
e é aí que o amor entra, é aí que o amor faz a diferença,  
quem ama tem sempre mais sonho do que medo,  
é isso,

quem ama tem sempre mais sonho do que medo,  
porque amar faz sonhar,

por mais que amar também meta medo,

e mete tanto, tanto,

e se lhe acontece isto?, e se lhe acontece aquilo?,

e se?,

Quando vires um obstáculo diz-me que eu ajudo-te a saltá-lo, sim,  
pai?,

e assim o amor se define completamente,  
ama-se para saltar obstáculos juntos,

é o amor que nos faz superar o que dói,

por mais que amar doa,

e dói tanto, tanto,

mas depois chega o abraço, e o beijo, e subimos juntos e saltamos juntos,

amar é saltar a dois cada momento difícil, amar é juntar o que somos para nos livrarmos do que não queremos ser,

Quando for grande quero ser teu filho, sim, pai?,

sim, meu filho,

prometo,

prometo tanto, tanto.

# ☞ COMO FODER UM CASAMENTO ☜

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 25. DAR UM TEMPO

Falam os pobres desgraçados,  
miseráveis são só os que não amam, sabes?,  
falam os pobres desgraçados que por vezes o amor precisa de um  
tempo, de uma separação provisória,  
que tolice, que tolice,  
o amor não precisa de tempo,  
só de amor,  
e de compreensão, e de união, e de percepção, e de entendimento, e de  
cumplicidade, e de sonho, e até de ilusão,  
amar-te é a ilusão que não passa,  
nunca me desiludo com o mundo se ainda estiveres aí para me iludir,  
com o teu vestido de princesa, minha rainha,  
ou vestida como qualquer pessoa,  
quem se ama nunca é qualquer pessoa, é a pessoa que amamos,  
mas dizia-te que não,  
não mesmo, não nunca,  
um amor não precisa de espaço algum, não precisa de distância  
nenhuma,  
quem ama e quer distância, nem que passageira, de quem ama não sabe  
o que é o amor,  
e muito menos ama, verdade seja dita,  
amar nunca é desprendimento,  
amar é estar mesmo quando dói, mesmo quando é difícil,  
no meio desta tempestade em que estamos agora, por exemplo,  
o mundo fechado sobre si mesmo, medo e angústia no ar,  
para onde vamos depois disto?, quem seremos depois disto?,  
nós fechados sobre nós mesmos,  
e bastas-me tu,  
o teu ombro,

tu,  
bastas-me tu,  
eis a melhor declaração de amor,  
a única, na realidade,  
a única real, melhor o dizendo,  
bastas-me tu e os teus ombros,  
tens os ombros mais espectaculares de sempre, já te disse?,  
basta-me isso para suportar o mundo, para agarrar no que dói e fazê-lo  
dançar,  
há por vezes que fazer dançar a dor,  
ou dançar com ela, até,  
mostrar-lhe que estamos prontos, que estamos aqui,  
estou aqui, anda, mostra o que vales que nunca valerás mais do que eu,  
anda,  
quem ama está pronto, quem ama está aqui,  
eu estou,  
não quero espaço algum, não quero distância nenhuma,  
quero-te todas as horas de todos os dias,  
e são tão curtas, não são?,  
só quando as perdemos é que sabemos que as tínhamos ganho,  
a felicidade é saber que ganhámos ainda durante a vitória,  
e não apenas depois de ganhar, quando a vitória já foi,  
amar é a vitória absoluta,  
a que não passa,  
que se danem esses especialistas em coisas do coração,  
não devem é ter coração, coitados,  
que se danem os que defendem um amor certinho, equilibradinho,  
governado como se governa um país,  
estamos sempre em défice de amor, não é?,  
que se danem os que falam em desapego,  
que merda é essa de não estar apegado a nada?, que merda vale uma  
vida desapegada?,  
quero estar apegado a ti, colado a ti,  
dependente de ti, claro,  
o que raio é um amor que não depende de quem ama?, que bosta existe  
quando existe um amor que não depende?,  
todos os dias, sempre que possível,  
quero dar-nos o espaço todo do mundo,  
mas juntos, abraçados,  
amar é aumentar,  
que se encham de moscas os gurus que querem decretar sobre o amor,  
nota-se bem que nunca amaram como nós, não nota?,  
coitaditos.

Ficou de ti aquilo que sou.

Um amor muda-nos mesmo que acabe.

Ou sobretudo quando acaba.

Não sei o que nos faltou, mas sei que fomos tudo. Ainda seríamos, não fosse a merda do orgulho a colocar-se entre nós.

O orgulho é um divórcio a caminho, e há tanto quem não ame por falta de orgulho.

Há dois tipos de orgulho: o que nos faz sermos pessoas; e o que nos impede de sermos pessoas.

O nosso começou por ser um, passou a ser outro e acabou por nos acabar com a soma de ambos.

Sou aquilo que me deixaste ser. Sou aquilo que deixas de ti em mim sempre que me lembro de que exististe no que fui.

O amor é o que existe em nós por mais que deixe de existir.

Quiseste o que eu não queria, eu quis o que tu não querias. E mesmo querendo-nos tanto os dois acabámos por querer, que estupidez, deixar de nos querermos juntos.

Só a falta de amor pode terminar um amor, que nunca ninguém esqueça isto, — especialmente eu, e se puder ser tu também.

O resto são mentiras.

Esta mentira que sou quando te procuro na fotografia na estante, ou quando te encontro sempre que fecho os olhos.

Amo-te para além de mim.

Amo-te contra mim.

Nenhuma pessoa contraria um amor, por mais que cada pessoa consiga impedi-lo de acontecer.

Nenhum amor precisa de acontecer para efectivamente acontecer.

O amor acontece apesar de quem o sente, é uma força independente, uma vida sem regras.

O amor é um fora-da-lei dentro de nós.

Ficou de ti aquilo que sou.

Não sou mais nem menos do que aquilo que deixaste ser, que deixaste por aqui, para me ir compondo do que me descompôs inteiro.

Vou sobrevivendo, entre um copo de vinho e um sonho perdido, entre uma vontade incontrolável de te telefonar e uma vontade incontrolável de ir buscar-te de volta para aqui, para esta casa de onde nunca saíste por mais que aqui não estejas há anos.

Já foste há quase uma década e ainda é contigo que vivo.

Quando te apetecer volta e traz o resto de mim contigo.

Estou com saudades de mim, confesso.  
Mas muitas mais de ti.  
Até já.

[conto de fadas]

Era uma vez um homem que, após uma estranha sessão com o seu psicólogo de sempre, prometeu casar-se com a primeira mulher que lhe aparecesse à frente. E então ela apareceu.

Ambas as promessas foram cumpridas: a dele, que se casou com ela poucas semanas depois; a dela, que depositou na conta do seu amigo, um psicólogo reputado, a quantia combinada.

E nem um nem outro revelaram os seus segredos para sempre.

— Gosto de sonhar com a pele.

Começou assim aquela história, como começam muitas histórias: uma das pessoas, neste caso ela, ganha coragem e aborda a outra mesmo sabendo que pode levar um pontapé na cara e cair com estrondo no chão.

A vida só acontece quando temos a coragem de a abordar mesmo sabendo que podemos levar um pontapé na cara e cair com estrondo no chão.

— Gosto de tocar com o sonho, sentir com o que não existe. Agarrar no que os sentidos recebem e transformá-lo no que quero que eles me façam sentir.

Ela continuava a falar para aquele estranho e nem sabia de onde vinha aquele raciocínio todo. As palavras simplesmente saíam antes de si: antes de pensar nelas.

Só é amor quando as palavras que interessam saem para os outros antes de conseguirmos pensá-las em nós.

— Agora só me apetece sentir-te.

Podia ser assédio, mas era amor. Há alturas em que o assédio e o amor se confundem — e o próprio amor é o único sentimento que nos assedia verdadeiramente. Os outros são educados de mais para invadirem o último reduto da nossa segurança.

Só é amor quando é mal-educado o suficiente para invadir sem permissão o último reduto da nossa segurança.

— Na tua pele ou na minha?

Foi ele quem falou pela primeira vez, lançando aquela que era, naquele instante, a questão primordial.

A questão primordial é sempre o prazer.

— Só será interessante se não soubermos distingui-las.



Assim foi.

Assim foram.

E, agora que os olho daqui, não é de facto possível perceber em concreto qual é a pele de um e qual é a pele do outro.

Só é amor quando não é de facto possível perceber em concreto qual é a pele de um e qual é a pele do outro.

# ☞ COMO FODER UM CASAMENTO ☜

## · M A N U A L P R Á T I C O ·

para Mulheres e para Homens

### 26. RECUSAR A QUARENTENA

Estamos fechados, o motivo não é bom,  
é aterrador, tenebroso, medonho, arrepiante,  
mas estarmos aqui poderia ser,  
tinha de ser,  
bom,  
bom não, ótimo,  
ou maravilhoso, ou espectacular,  
ou simplesmente perfeito,  
tínhamos finalmente tempo para nós, para só nós,  
eu, tu, a nossa casa, os nossos sonhos, as nossas palavras, nada mais,  
sabes o quanto sonhei com isto?, sabes quantas vezes pensei que nunca  
teríamos isto?,  
há sempre todos os dias o dia a entrar-nos pela casa,  
pela vida,  
há a empresa, as contas, as coisas para fazer,  
e nós ficamos para trás, vamos ficando para trás,  
o maior erro de um casal é deixar-se ficar para trás,  
depois queremos recuperar, fazer uma ultrapassagem a tudo o que nos  
ultrapassa,  
não conseguimos,  
o que nos ultrapassa acaba por nos ultrapassar mesmo,  
ficamos ultrapassados, pisados,  
subjugados a uma rotina oca, a uma sobrevivência insípida,  
o que mata um casal não é o conflito, é o tédio,  
andar pelas horas como se andássemos numa linha de produção, à  
espera de que campainha toque e que seja hora de almoço, e depois  
almoçamos à pressa e regressamos,  
tédio, tédio, tédio,  
novamente a campainha e regressamos a casa,

tédio, tédio, tédio,  
tanto amor para dar e nós a pensarmos em contas para pagar,  
que burros,  
e agora não,  
agora estamos aqui, só os dois, uma casa inteira para nos amarmos,  
e tu infeliz,  
tentas disfarçar, eu sei,  
aqui e ali sorris, aqui e ali dizes uma piada,  
mas estás infeliz, apagado,  
falta-te o mundo lá fora e eu percebo enfim que não sou,  
que dor dizer isto, que dor sentir isto,  
não sou o teu mundo, não sou o que te faz mover,  
só comigo, nem que por uns dias,  
estamos fechados há uma semana, só uma semana,  
não aguentas uma semana feliz comigo?, não te faço feliz por mim  
mesma nem por uma semana?,  
e estás nervoso, agressivo, distante, incapaz de fazer de tudo o que  
temos tudo o que de mais importante poderíamos ter,  
ainda nos temos, não te chega isso?,  
a mim chega,  
chegava, pelo menos,  
talvez já não chegue, talvez agora já não chegue,  
não te vejo como te via, não te quero como te queria,  
apagaste o que te amava com a tua falta de amor,  
o que mata um casal é sempre o mesmo, sempre o mesmo,  
o que mata um casal é falta de amor,  
e vamo-nos aguentando,  
fomo-nos aguentando,  
até que chegou o momento em que nos encontrámos connosco, só nós,  
finalmente nós, profundamente nós,  
e o que vimos foi não o que tínhamos mas sobretudo o que não  
tínhamos,  
e mais ainda tudo o que não éramos, tudo o que não somos,  
não somos tudo um para o outro, não somos felizes um com o outro,  
sem nada à volta ficamos perdidos, acabados,  
é sem nada à volta que o amor sobrevém quando é amor, e que o amor  
se apaga quando não é amor,  
não somos amor,  
sei lá eu o que somos afinal?,  
não somos amor,  
quando tudo acabar também nós vamos acabar,  
por mais que já estejamos acabados,  
por mais que estejamos a acabar-nos,  
fim.

Quando nos olhamos o silêncio é  
uma cratera suspensa, como se dançássemos  
nos lapsos do fogo, pele a pele, até que  
os corpos mortais perguntassem: se te dessem  
a eternidade levavas-me contigo?

Somos apaixonados extremos, e em nós  
o amor é desporto radical, em que as roupas  
desassossegadas acordam as mãos, as bocas  
estremecem e no meio das lágrimas há  
feridas tranquilas. Não sei quando nem  
onde, mas sei que contigo.

Perdoa-me mas não te peço perdão, porque  
o centro da tua pele desequilibra  
venenosamente a minha, e quando acordo  
ou estás tu ou um abismo.

Fecha-se a ruga no interior do nome: é na  
paisagem turvada da  
tua voz que explode a cobra que em  
mim te procura.

Quando te chamo é pedra  
a pedra que misteriosamente me ergo  
outra vez. Suporto-me em ti, no  
insuportável. Amar-te é um crime  
cambaleante, uma confiança que  
toda a gente conhece. Sou de ti  
quando estás, das tuas lembranças  
quando vais. O dia separa-nos  
como se não houvesse noite. Mas  
há.

Esqueceu-se de não a beijar.

Foi assim que tudo começou, naquilo que, um dia, mais tarde, haveria de ser recordado como o esquecimento mais feliz da história do mundo.

Esqueceu-se de não a beijar.

Muitos dos amores acontecem por esquecimento — porque alguém, por um acaso qualquer, não fez o que deveria fazer e acabou por ir parar onde não devia e acabou a sentir o que não devia.

O amor é um acaso, um acidente que dá certo mesmo quando dá errado.

O amor está sempre certo, certo?

Adiante: já não a via há mais de sete ou oito anos quando a encontrou a sair do quiosque do aeroporto. Era a mesma mulher de sempre, era a mesma mulher da sua vida de sempre. E isso bastou-lhe.

Basta ser a mulher da nossa vida para tudo estar sabido.

E por isso não soube olhar para o lado e ver o marido. E por isso não soube olhar para o outro lado e ver o filho.

O amor cega e faz ver em doses iguais. O que tira de visão exterior traz em visão interior. O amor é então uma doença curativa, digamos: uma anulação da Medicina. Ama-se o que nos impede de ver melhor e o que ao mesmo tempo nos faz ver o que nunca tínhamos visto.

O amor é sempre o que nunca tínhamos visto.

Esqueceu-se de não a beijar.

E deu-se o acaso, mais um, de ela ter tido, naquela mesma hora, aquele mesmo esquecimento.

Quem os viu terá visto, foram esses alguns dos comentários, o amor perfeito. Quem os viu terá visto um casal apaixonado, a quem o futuro reservaria toda a felicidade do mundo. Quem os viu terá ficado convencido de que aquele homem era o homem daquela mulher. Quem os viu terá ficado convencido de que aquela mulher era a mulher daquele homem. Quem os viu não terá tido dúvidas de que aqueles dois tinham nascido um para o outro.

Felizmente ou não, o marido dela também os viu.

Havia ainda no interior do medo  
uma possibilidade de amor,  
um sorriso apeado.  
E sou o que sobrou do que vivi,  
o resto sem rasto do que senti.

Quero e acredito que nada me pára,  
nem a saudade sem fundo, nem a memória rasgada.  
Quero e acredito que nada me pára,  
e que sou vagabunda da minha própria estrada.

Senhora menina, mulher criança,  
a dor cravada na meia infância.  
Houve a perda, houve o sonho,  
o futuro perdido, o abraço parado,  
a minha vida inteira em nenhum lado.

Quero e acredito que nada me pára,  
Nem a saudade sem fundo, nem a memória rasgada.  
Quero e acredito que nada me pára,  
e que sou vagabunda da minha própria estrada.

Salva-me a música, os cheiros, a sorte,  
salva-me cantar para adiar a morte.  
Nunca quem ama não valeu a pena,  
nunca um actor vive sem cena,  
nunca quem chora tem a alma pequena.

Quero e acredito que nada me pára,  
nem a saudade sem fundo, nem a memória rasgada.  
Quero e acredito que nada me pára,  
e que sou vagabunda da minha própria estrada.

Deixo agora que o tempo me leve,  
sem um rumo traçado, sem gastar a razão.  
Deixo agora que a pele me leve,  
sem perder o momento, sem fugir da ferida,  
só a ser outra vez o que todos os dias tento.

Quero e acredito que nada me pára,

nem a saudade sem fundo, nem a memória rasgada.  
Quero e acredito que nada me pára,  
e que sou vagabunda da minha própria estrada.

as crianças estão mais próximas do divino, junto ao segredo. o meu filho aplaude os homens que recolhem o lixo. efusivo, entusiástico, empolgado. chama-os, quer dizer-lhes que são os maiores. são os heróis dele, a par dos bombeiros, dos polícias e, claro, do faísca macqueen. e é ele que tem razão. aqueles homens que tratam todos os dias de nós e da nossa segurança a troco de um salário miserável, que nos devia a todos encher de vergonha por nada fazermos para o alterarmos, são os grandes heróis de tudo isto. os craques da nossa equipa. é uma pena não olharmos toda a vida assim, com pureza mas sobretudo com verdade, para o mundo. o que raio nos acontece quando crescemos? as crianças são o *upgrade* dos adultos. aplausos também para elas.



- Fazes sempre o que queres?
- Sempre. Desde que seja o que ela quer.

O amor é uma acção voluntária obrigatória: uma imposição tácita. Ou amas ou morres.

Quando não amas e não morres já estás morto há muito.

- E como defines o limite?
- Qual limite?
- O daquilo que estás disposto a fazer por amor.
- Se estou disposto a fazê-lo é porque está dentro dos limites.
- Amar é fora dos limites.
- Amar é o limite.
- ...
- Se me parece fora dos limites então já não é amor nenhum.

Ama-se o que nos tira do sério. É isso, só isso — o que nos tira do sério —, o que devemos levar a sério. E é com isso, só com isso — com o que nos tira do sério —, que devemos brincar. Brincar é o amor primeiro: ama-se para se ser feliz, só isso. E é tudo.

- Já foste infeliz por amor.
- Felizmente sim.
- Amar tem de magoar.
- Amar tem de ser.
- E o que tem de ser tem muita força.
- O que tem de ser é a força.
- ...
- Somos movidos pelo que tem de ser mas que não fazemos por obrigação.
- Amamos porque tem de ser.
- É a nossa obrigação.
- E nem assim o fazemos por obrigação.
- Obrigado.
- Obrigado.

# 👉 COMO FODER UM CASAMENTO 👈

## · M A N U A L   P R Á T I C O ·

..... para Mulheres e para Homens .....

### 27. OCUPAR A CAMA TODA

Quando dormimos juntos a primeira vez,  
na verdade não dormimos nem um segundo que fosse, ambos o  
sabemos, certo?, ambos nos recordamos, certo?,  
mas dizia-te que quando dormimos a primeira vez juntos havia uma  
cama quase vazia, dois terços da cama sem ninguém,  
e eu e tu colados, aquartelados, encerrados, abotoados,  
apaixonados, talvez assim esteja tudo definido,  
depois da paixão tem de ficar paixão, uma paixão madura, uma paixão  
sábia,  
depois da paixão tem de ficar mais paixão,  
o amor acaba quando deixas de te apaixonar pelo que amas,  
eu e tu a ocuparmos um terço da cama e o resto a gelar,  
um espaço, uma terra de ninguém, um frio estranho,  
quando estavas apaixonado por mim não me deixavas ter frio à noite,  
só calor,  
uma das melhores maneiras de olhar para o estado de proximidade de  
um amor é olhar para o estado de proximidade sobre a cama,  
quanto mais se espalham sobre a cama mais o amor se vai espalhando,  
quanto maior é o espaço ocupado por duas pessoas que dormem sobre  
uma cama menor é o amor que as une,  
une, leste bem?,  
as palavras dizem tudo, sabem tudo,  
estamos unidos quando não há espaço entre nós,  
simples, não é?,  
dormimos juntos e tão separados, cada um no seu espaço, cada um no  
seu medo,  
tens medo de que tenha acabado, não tens?,  
quando temos medo de que tenha acabado acabou mesmo,  
a cama cheia de duas pessoas vazias, cada uma na sua solidão, que

nunca seja isto um casamento,  
pelo menos o meu,  
não quero estar separada junto à pessoa que amo,  
casei-me para estar junto a alguém, não para estar separada com  
alguém ao lado,  
não me queres como querias,  
mas eu quero, continuo a querer-me, não vou apagar-me, não vou  
desleixar-me, não vou fazer o que parece que muitas fazem quando um  
amor acaba,  
como pensas acabar comigo se eu mesma não me sinto acabada?,  
sou a mulher que sempre fui,  
a mulher que te apaixonou, lembras-te?,  
és tu que já não és o homem que eras,  
o meu homem, o meu tudo,  
és apenas a pessoa com quem divido a cama,  
as palavras, as palavras,  
dividir, lê bem, dividir, percebes?,  
estamos divididos, partidos em dois,  
não me arrependo de nada do que fiz por ti mas agora é tempo de não  
me arrepender de nada do que vou fazer por mim,  
vou deixar-te para não me deixar cair,  
és o que me prende a uma tristeza que não quero sentir, que não tenho  
de sentir,  
deixar-te vai ser doloroso, claro, mas é a única maneira de não me  
deixar,  
vou ser sem ti a mulher que sempre fui e que nunca deixarei de ser,  
vou voltar a mim,  
ainda sabes quem eu sou?,  
no outro dia olhei-nos juntos e não me encontrei,  
é isso que não permito, é isso que não posso permitir,  
se tiver de me apagar para ser tua prefiro apagar-te a ti,  
tirar-te de mim para me trazer a mim, percebes?,  
se calhar não, certamente não, se entendesses como me tens afastado de  
mim e por isso de ti, e de nós, certamente não estaríamos assim,  
um buraco inacabável ao centro da cama ocupada,  
estás a milhas de me entender e por isso a milhas de me poderes ter,  
só me terá quem for capaz de me ver inteira, eu e as minhas  
insuficiências, eu e as minhas fragilidades,  
apaixonamo-nos pelo que é perfeito mas só amamos o que é  
imperfeito,  
um dia estive apaixonada pelo que eras mas foi só até perceber que não  
eras apaixonado pelo que eu sou,  
e não deixarei de ser para te poder ter,  
lamento,

lamento que tenha de ser assim, que só possa ser assim,  
mas há espaço desabitado a mais no meio desta cama por mais que  
esteja completamente ocupada,  
chega-te para lá mais um pouco, chegas?

É tão rara a vida que a temo  
e finjo tão completamente  
que às vezes finjo que sou eu  
e toda eu tremo.

Sou a que precisa do fim do mundo,  
a que fica refém do seu fundo,  
a que quer todos os dias no segundo.

Um dia disse-te que te gasto aos poucos  
que te consumo em fogo lento,  
como se consome a mágoa pelos loucos  
no interior da ferida que me tento.

Um dia disse-te que o tempo acaba  
quando deixo em mim o que me faz sofrer.  
Fico ausente do que me trazes  
e depois lamento o que te fiz perder.

Sou a que precisa do fim do mundo,  
a que fica refém do seu fundo,  
a que quer todos os dias no segundo.

Recuso andar só porque tem de ser,  
aceitar só porque dói querer.  
Prefiro o que me tira do que sempre sou,  
o que mesmo que queime me faz ferver.

Jamais serei a que te quer por conforto,  
a que se perde na rotina de um lume morto.  
Prefiro ser aquela que ninguém entende,  
a que nunca cairá no que nunca se acende.

Sou a que precisa do fim do mundo,  
a que fica refém do seu fundo,  
a que quer todos os dias no segundo.

A vida é isto,  
pensava André, enquanto ouvia a mulher da sua vida  
(«a mulher de todas as minhas vidas; tenho a certeza de que se nascesse  
mais dez vezes mais dez vezes iria tê-la como a pessoa que me falta, a  
pessoa que me faz mais eu, mais pessoa»)  
dizer-lhe que não, que não dava mais, que não podia dar mais, que  
estava tudo feito e desfeito entre eles.

Fazer amor é o céu; desfazer amor é o inferno.

Mas, mas, mas,  
dizia André, tentava dizer André, perante a inflexibilidade dela que só o  
vergava ainda mais, cada vez mais

(«que vai ser de mim sem ti para me dizeres o que sou? O que vai ser  
de mim sem ti para me mostrares que estou a ir longe de mais ou que estou  
a ir longe de menos? O que vai ser de mim sem as tuas palavras quando me  
dói, sem as tuas palavras quando não me dói? O que vai ser de mim sem ti  
para festejares comigo, sem ti para chorares comigo? O que vai ser de  
mim?»),

e cada palavra dele era cada silêncio dela, tão decidida estava em  
terminar com aquilo que começou também assim, com a inflexibilidade  
dela

(«amo-te e quero que sejas o meu homem»)

e com a facilidade dele em vergar

(«e vou ser o teu homem, e só quero ser o teu homem»).

Os apaixonados são o céu; os desapaixonados são o inferno.

Temos de decidir o que fazer com o que sobra de nós,

indagava ela, e com isso queria falar de dinheiros, de casas, de carros,  
até de animais domésticos, enquanto ele ao ouvir o que ouviu só pensava  
que o que sobrava deles era outra coisa, que o sobrava deles era outra coisa  
que não coisas propriamente ditas

(«o que sobra de mim quando não te tenho é uma espécie de lixo, é  
uma espécie de nada, é uma espécie de vazio, um espaço que nunca  
consequirei preencher, é certo que irei ter quem tente ocupar o espaço,  
quem me beije e me ame o corpo e a vida, mas esse espaço que é teu nunca  
será preenchido, porque é um espaço inventado por ti e ao qual só tu  
acesdes, depois de ficar com o teu espaço vazio tudo o que sobra de mim é  
isso, só isso, um imenso espaço ocupado de nada»),

soubesse ela do que ele falava e talvez pudessem unir os vazios para criar uma ocupação qualquer.

O momento em que o amor acontece ocupa-nos por inteiro; e é por isso mesmo que o instante em que o amor deixa de acontecer nos desocupa por inteiro.

Amar é por isso o céu; e amar é por isso o inferno — venha daí quem saiba decidir qual é o quê na hora certa.

Envelheço para te perceber melhor.

Às vezes dizias-me coisas assim e eu acreditava.

Amar é acreditar no inacreditável, só quem nunca amou não o sabe.

Depois olhavas-me com esses olhos grandes e eu chorava. Chorava com a certeza de que era amada, e é esse o único motivo para as lágrimas existirem.

Amo-te com a parte de trás do que sou.

Ainda hoje não sei bem o que querias dizer com aquilo. Talvez quisesses mostrar-me que te virava do avesso. Talvez quisesses mostrar-me que te fiz ver o mundo de outra forma. Talvez quisesses apenas dizer que estava tão em ti que tinhas ao teu fundo para me encontrares. Talvez não fosse nada daquilo que eu pensava que era mas era tão bonito.

O amor é aquilo que talvez não seja nada do que pensamos que é mas é tão bonito.

Vamos viajar até um destino paradisíaco?

Eu dizia que sim e lá íamos os dois até ao meio dos lençóis. Alguns metros de longa viagem e já lá estávamos. Eu e tu no meio de nós. À volta mero ruído, uma espécie de pano de fundo para o que éramos. De todas as vezes descobríamos um espaço novo, um toque novo, um prazer novo, uma sensação nova, por mais que fosse tudo igual era tudo diferente.

O amor é aquilo que faz de tudo o resto mero ruído.

Anda cá que preciso de chorar.

Isto não dizias mas eu ouvia quando me olhavas assim. Às vezes ficavas atrás da sombra, ou no meio da sombra. Todos ficamos às vezes atrás da sombra ou no meio da sombra. Existe a vida, o começo do negro pode muito bem parecer o começo de nós. Somos reis e escravos do que sentimos. O que nos mata é o que nos faz viver. O segredo é ter quem nos conduza de um lado para o outro, quem nos afaste do medo e nos ame com coragem. Coragem traz coragem: viver é um acto de coragem.

Amar é salvar da sombra.

Não sei o que será de mim mas sei que serei de ti.

Escreveste-me junto a um dos presentes de aniversário no ano passado. Sabias com certeza que era assim que eu sentia: olhava-te como a mais incontornável das certezas. Não sabia de nada mas sabia do que eras em mim. Bastava saber que me querias para querer como uma louca a vida, estar, existir, ser. Era uma dependente crónica, graças a Deus.

O amor é a presença de Deus.

Quando já não me quiseses arranjar maneira de eu não te querer.

Foi eu mesma quem te disse isso. Nunca o tentaste. Se o tentaste eu



nem notei porque nunca deixei de te querer cada vez mais. A verdade é que um certo dia foste não sei onde e não voltaste mais.

(voltaste, claro que voltaste. Nem meia hora demoraste. Só estava a ver se isto ficava um pouco dramático e menos romântico. Mas que se dane: fica mesmo assim)

Quando quiseres que te ame só tens de dizer.

(ou nem sequer tenho de dizer, nada disse e tu já aqui estás e vens cheio de ideias)

Com licença.

Volto a respirar se me deres a máscara do Homem-Aranha,  
a criança no meio da festa,  
ó senhor de Matosinhos, ó senhora da Boa Hora,  
e parece que não respira, está no meio do chão, como se não pudesse  
respirar,  
a mãe com as mãos no coração, o pai com as mãos na cabeça,  
respira, filho, respira,  
e a criança alguns segundos de nada, de vazio,  
acorda, filho,  
acorda, filho,  
e de repente as palavras mágicas, os olhos abertos,  
volto a respirar se me deres a máscara do Homem-Aranha,  
o alívio da mãe,  
ai, meu amor, que me matas do coração,  
o alívio do pai,  
ai, meu desgraçado, que acabas comigo,  
e a pergunta do menino continua viva,  
dão-me a máscara do Homem-Aranha ou não?,  
e ao pai apetece rir mas não ri,  
não voltes a fazer-nos isso, ouviste bem?,  
e à mãe apetece chorar e depois rir mas não chora nem depois ri,  
que seja a última vez, Luís Gustavo, que seja a última vez,  
a criança não percebe,  
só quis passar uma mensagem, fazer passar um ponto de vista,  
dás-me ou não a máscara do Homem-Aranha?,  
o pai corre-o com a ameaça de uma palmada,  
a mãe dá um berro,  
não, que é para aprenderes,  
e quando regressam a casa não há máscara nenhuma nem festa  
nenhuma,  
é a máscara mais espectacular de sempre, não é, pai?,  
é a máscara mais espectacular de sempre, não é, mãe?,  
passaram uns dias e finalmente a máscara,  
volto a respirar se me deres um beijo,  
disse-me ele agora,  
e é claro que vou dizer que não,  
vai-me apetecer rir e depois chorar,  
ou chorar e depois rir,  
não vou fazer nada disso,

vou continuar séria,  
sou uma rapariga séria, ora essa,  
e dizer-lhe que não, era o que faltava agora, um beijo assim, sem mais  
nem menos,  
e talvez amanhã,  
ou no máximo depois de amanhã,  
sim,  
o beijo,  
sim,  
só não garanto que depois do beijo que vou dar-te a tua respiração  
volte,  
e muito menos a minha,  
lamento.

Não conseguia sonhar.

Fechava os olhos e nada. Abria os olhos e nada. Não conseguia sonhar. Puta que pariu. E agora?

Consultei um médico, claro. Quando algo nos falta consultamos um médico. Já houve pessoas que foram ao médico dizer que não tinham água em casa ou feijão, sei lá. Sei que quando nos falta alguma coisa consultamos um médico.

— Já experimentou amar?

Os médicos são realmente brilhantes. Com uma só pergunta o cabrão fez-me o diagnóstico: não conseguia sonhar porque não conseguia amar. Desde que tu, desde que nós. Nem consigo acabar a frase, que bosta. Desde que, tu sabes, que não amo. E é desde aí que não sonho, que bosta.

— E só lá vai com amor, doutor?

Fiz uma rima mas aquilo doeu como nem sei dizer, Deus me livre. Ainda agora, só de o contar, me dói como nem sei dizer. Mas tinha de perguntar, tinha de tentar saber se havia outra solução, outro antídoto, um antibiótico, sei lá. Qualquer merda servia para acabar com aquela merda.

— Podemos tentar com prazer, raramente funciona mas pelo menos dá para sonhar durante uns minutos.

Não era o que eu queria ouvir mas lá ajudava. Dediquei-me então ao prazer. Uma pessoa aqui, um orgasmo ali, um gemido acolá. Mas o cabrão do médico estava errado: nem sequer dava para uns minutos, diria que nem para uns segundos dava. Continuava a fechar os olhos e nem no prazer absoluto conseguia sonhar.

— Nada, doutor, nada.

Lembro-me bem da cara dele, um mistura de impotência com tristeza. Estava desconsolado por mim. Boa gente, aquele médico. Provavelmente também não sonhava muito. Via-lhe nos olhos que tinha muitas ilusões por cumprir e muitas mais por sonhar.

— E já tentou recordar?

Pois: já que não poderia vencer as lembranças que me juntasse a elas. Era um raciocínio que fazia todo o sentido. Para quem não sonha resta-lhe recordar os sonhos que um dia teve para poder sonhar. Sonhar para trás. Sonhar com o passado. Talvez a morte seja isso: o momento em que nos resta sonhar com o que fomos capazes de sonhar.

— Faça um cocktail de sonhos: as músicas que ouvia com ela, os locais onde mais estiveram, as fotografias que têm juntos. E depois olhe e recorde. Acordar vai doer. Mas enquanto estiver lá não está cá, não é?

Nunca chorei tanto na bosta da minha vida. Mas sonhei. Sonhei todos

os dias. Pensei na bosta que fiz e no que estraguei. Pensei que poderia ser o homem da tua vida se não fosse um desgraçado que se deixou seduzir pela vida. Pensei que o melhor de mim vinha quando estava no melhor de ti. Éramos mais nós quanto mais estávamos um no outro. Éramos as melhores pessoas que podíamos ser quando estávamos juntos.

— Esta teoria nunca foi testada cientificamente, mas porque não tenta enviar-lhe esse cocktail e lhe pede para sonhar consigo uma última vez?

Nem pensei duas vezes. Nem pensei nenhuma vez, sejamos honestos. Comprei uma caixa daquelas que tu tanto amavas (gostavas tanto de caixas: tínhamos a casa cheia delas e era provavelmente lá que escondíamos os sonhos) e fiz um cabaz de nós. Bem variado, bem diverso. Daqueles que fazem chorar. Estamos aqui para viver o que faz chorar, o resto é só para entreter.

— Ficou ao menos a sua tentativa. Às vezes uma tentativa é o melhor que conseguimos sentir. Sentir uma tentativa já é um pedaço do que queríamos sentir com o que tentamos, não lhe parece?

Tretas. Só tretas. Eram só palavras para me acalmar a perda. Não me disseste nada e eu desisti do médico e de ti e de todos os tipos de sonho. Era um homem à deriva quando de repente.

— Claro que aceito. Desde que não tenha de levar *smoking*.

E não é que o sacana do padrinho foi mesmo de bata ao nosso casamento?

[a explicação das mães]

As mães sentem o perigo quando ele se aproxima das suas crias. Um sétimo ou oitavo sentido, que as faz experimentar sensações inexplicáveis quando algo está a suceder, ou prestes a suceder, às criaturas que geraram em si. Um aperto, provavelmente, que as aperta inteiras.

Quando algo aperta, a melhor forma de o desapertar é, com frequência, apertar mais ainda, para que o nó aperte tanto que acabe, eventualmente, por rebentar. Isso: há nós que só se soltam quando apertados em excesso, seja lá isso o que for.

As mães são boas pessoas, por mais que sejam umas bestas. Uma mãe ama. Chega isso, no final do dia, para dizer que é boa pessoa. Amar alguém deveria ser condição mais do que suficiente para sermos considerados, unanimemente, boas pessoas. Bastaria comprovarmos, através de testes criados especificamente para o efeito, que amamos realmente alguém e desde logo teríamos direito a acrescentar às mais-valias no nosso currículo a menção: «Boa Pessoa, com diagnóstico comprovado.»

Desisto de ti quando desistir de mim, nada mais.

Somos dependentes de quem amamos, e fazemos disso a nossa independência: a independência possível.

A ser dependente que seja de amor, e por amor.

Ela sentou-se em frente a ele, não sorriu nem deixou de sorrir.

Disse: fiquei longe de ti dois dias e esqueci-me de que te amava.

Ele quis chorar, quis pedir perdão.

Disse: peço-te que faças de mim o que bem entenderes, desde que isso implique teres-me contigo.

Na casa ao lado, um homem e uma mulher jogavam à rotina. Ela na cozinha, ele no sofá, a vida esparramada por todo o lado, a diluir-se no meio do tédio.

Ela pensou: um dia ganho coragem e.

Ele pensou: um dia ela ganha coragem e.

E assim foi.

Ela lembrou-se de que ainda o amava, ele deixou-se ser o que ela bem entendesse.

A outra ela um dia ganhou coragem e. O outro ele um dia viu-a ganhar coragem e.

Somos a fenda, jamais o todo.

Viver é cobrir as fendas com lágrimas, e ainda assim conseguir rir com lágrimas na vida.

Ninguém vive sem lágrimas, por mais que haja pessoas que nunca soltam lágrimas.

Ninguém vive distante daquilo que a faz sofrer, porque malgradadamente é quase sempre quem nos faz sofrer que nos faz felizes.

Há quanto tempo não és feliz, perguntou ela.

Ele disse que não sabia o que era a felicidade, e assim era feliz.

[o diário de um humano]

SEGUNDA-FEIRA.

Custa tanto. A ausência é a maior cabra. A ausência do abraço dos pais, dos irmãos, dos sobrinhos, dos amigos. Somos dependentes de afectos, e ainda bem. Quando tudo passar quero amar ainda mais. Há coisas que nunca mudam.

TERÇA-FEIRA.

Quando temos tudo queremos sempre mais. É essa a lição que aprendo, agora, todos os dias. Nada me faltava e eu queria mais. Continuo a querer, claro. Mas agora o que quero mais é sobretudo o que já tinha e não me chegava. Que nunca me esqueça desta lição.

QUARTA-FEIRA.

O meu filho a correr pela casa, a perseguir-me com o mundo inteiro nos olhos, com aquele sorriso sem tamanho. O meu filho tem dois anos e é feliz. Por agora basta-me isto para ser feliz. E para sempre também.

QUINTA-FEIRA.

Há que equilibrar a realidade com sonho. Uma série, uma comédia, uma anedota inconsequente, uma chamada de vídeo para os que amamos. Ninguém sobrevive ao que dói sem uma boa dose de palhaçada. Tento nunca falhar com a minha.

SEXTA-FEIRA.

Estamos a ser testados a toda a hora: quanto valemós? Somos, no limite, aquilo que sobrevive ao que vamos perdendo. Em mim tem sobrevivido a vontade incalculável de abraçar a minha mulher, de dar tudo ao meu filho. E a saudade dos que não posso ter, essa, serve para os ter ainda mais. Temos o que amamos, e é também por isso que amamos.

SÁBADO.

A fúria sempre estive sobrevalorizada. A impotência dolorosa dos dias de clausura traz-nos a certeza de que o que faz mover o mundo é o amor. Resiste, agora, e apenas, o que é amado. E não é sempre assim?

Valemós o que sentimos. É por isso que quem sente ódio vale ódio. É claro que há tanto para odiar. Tanto, tanto. Tanta dor, tanta injustiça, tanta insuficiência. Mas depois há a esperança: o encaixe perfeito dos lábios nos da mulher que amamos, um abraço do nosso filho, o sorriso eterno da nossa mãe, a maneira inexplicável como as ondas caem sobre a areia, o bater de



asas de um pássaro. O segredo é trazer isso para dentro da dor: encaixar o amor no interior do que magoa. É isso o que, todos os dias, tento fazer: que todos os que eu amo sintam que são amados por mim. Eis um bom começo.

DOMINGO.

A tolerância é provavelmente a maior das formas de amor. Estamos constantemente diante de nós: do lado mais profundo de nós. Nem tudo em mim é maravilhoso, nem tudo em quem está comigo é maravilhoso — e ainda bem, que nunca a perfeição foi apaixonante. O que é maravilhoso é o caminho que encontramos, que temos de encontrar, para nos maravilharmos ainda assim, 24 horas por dia. Quando chegamos ao que somos, temos de amar o que somos.

Gosto da maneira como me mudas a vida.

Antes de ti era um homem apaixonado; agora sou um homem avassalado, consumido, colonizado. Prendo-me a ti e sou livre, será que me entendes?

A grande liberdade é a de quem está preso a um amor que não passa.

Se é amor não passa, verdade seja dita.

Não és sequer uma pessoa como as outras: ama-se sempre quem não é como os outros. É essa, aliás, uma boa maneira de definir o amor: olhar para alguém e vê-lo como uma pessoa diferente de todas as outras.

Todos os amores são iguais na capacidade de nos tornarem diferentes a cada instante que o vivemos.

— Quando me abraças, a dor espalha-se, primeiro, e depois dilui-se.

— O amor espalha a dor e depois apaga-a.

— E ainda assim dói. Amar dói.

— E depois deixa de doer.

— Ama-se para apagar a dor que amar provoca.

— Quem nunca amou nunca sofreu.

— Por mais que acredite que sim.

— E quem nunca amou nunca se salvou do que dói.

— Vai doendo.

— Isso: quem nunca amou vai doendo.

— E nunca se salva da dor e nunca sente a dor. É uma quase-dor-quase-salvação-da-dor.

— Um limbo em que não falta nada.

— E em que falta tudo.

— Faltando-nos o amor falta-nos tudo, não é?

— Pode faltar-nos tudo que basta termos o amor para termos tudo.

Nós temos. Quando te olho continuo a não conseguir ver-te. Vejo uma espécie de ti. Vejo-me em ti.

Amar é vermo-nos quando vemos o outro. Amar é perceber que somos com o outro, e nunca além ou aquém do outro.

— Ama-me para me tornares imortal.

E eu amo.

E assim vivo.

[o diário de um cabrão]

A coragem é o bem mais escasso do planeta. Aquecimento global o caralho; o cancro do mundo é o acobardamento global. Não passamos de um agrupamento de totós.

A infelicidade é a ausência de abismo – e o abismo em si mesmo.

Hoje quis tentar a imortalidade com um beijo. Consegui o beijo mas já o esqueci. Dás-me outro, por favor?

Ele era um homem normal: sonhava ser feliz e tudo o que fazia para o ser era sonhá-lo.

O sonho não muda o mundo; o mundo é que muda o sonho.

Até que um dia ele a encontrou, uma mulher como todas as outras, e ainda assim uma mulher diferente de todas as outras.

O encontro entre quem passa a vida a sonhar e quem se esqueceu de sonhar costuma resultar numa realidade explosiva.

Ao lado do café onde se viram pela primeira vez houve mesmo uma explosão. Não houve feridos mas houve mortos. De amor.

Ele disse: tens uma palavra escondida atrás da orelha.

Se escrever é uma espécie de magia, mágico é também aquele que tira palavras da cartola. E da parte de trás da orelha também, claro.

Ela sorriu: queres tirar-ma com a mão ou preferes com a boca?

A ousadia de uma mulher apaixonada não é ousadia nenhuma; é amor.

O amor permite tudo e mais alguma coisa. Se o amor pára perante as barreiras a única barreira é não haver amor. A única barreira intransponível para o amor é a sua ausência.

Quem ama não teme; só ama.

Ele disse: em tua casa ou na minha.

E depois acrescentou: não é uma pergunta, lamento. É uma ordem.

Em tua casa ou na minha, repetiu.

E assim foi, sabe-se lá em que casa.

Tenho poesias no corpo,  
e a cara do médico, entre o sorriso e o pânico,  
Tenho versos a corroer-me os ossos, sabe?,  
na Faculdade de Medicina aprende-se muita coisa mas não se aprende o  
efeito da poesia nos ossos,  
ou o efeito da poesia em lugar algum, na verdade,  
que porra de ensino é este que se esquece em tantos cursos da  
importância vital da poesia para entender as doenças?,  
e mais ainda a saúde,  
nunca ninguém saudável está sem poemas, morre-se mais de falta de  
poesia do que de falta de saúde,  
perdoem-me a redundância,  
Mas dói-lhe alguma coisa, é?,  
a mania de reduzir a poesia à dor, que pequenez,  
Sinto sonhos nas veias, só isso,  
o médico a tirar apontamentos no caderno branco,  
louca, maluca, não esquecer de receitar comprimidos para acalmar a  
cabeça,  
que pessoa miserável inventou drogas para acalmar a cabeça?, que vida  
tacanha deve ter tido, não?,  
Tem de acalmar, minha senhora, tem de conter os sonhos nas veias,  
o mundo precisa do conforto dos sonhos fechados nas veias,  
circunscritos,  
só assim sobrevive o comezinho, o mais-ou-menos, o ligeiramente  
vivo, o razoavelmente existente,  
o mundo não está confortável com os sonhos nas veias, com a  
possibilidade de quem os sinta,  
e mais ainda de quem os tente,  
Quando dei por mim estava com eles na vida, não sei o que fazer,  
doutor, não sei o que fazer,  
de repente os sonhos saltam das veias para a vida e não sabemos o que  
fazer,  
todos sabemos que a vida é apenas o que acontece quando o que nos  
corre nas veias nos salta para a vida e não sabemos o que fazer,  
só se sabe o que fazer perante o conhecido,  
e a felicidade que interessa é sempre a estrear, nunca sentiste algo  
assim, nunca foste algo assim,  
Mas já concretizou esse sonho, é isso?,  
a cara triste dela, as palavras tristes dela,

Estou quase a concretizá-lo, mas tenho medo de saciar o sonho,  
ele não percebe, ela explica,

Se saciar o sonho perco o sonho, e eu quero-o, é meu, é o meu sonho,  
se o realizar deixa de ser o meu sonho e passa a ser a minha realidade,  
apenas mais uma,

o que se faz quando se quer manter um sonho em nós, a esperança de  
um sonho em nós?,

E o que está a pensar fazer, diga-me, minha senhora,  
Não sei se aguento sem o realizar, é forte de mais,  
ele aproxima-se mais um pouco dela, olhos nos olhos,  
Então realize-o, vá, realize-o assim que puder,  
Acha mesmo, doutor?,

Tenho a certeza, minha senhora,  
e os lábios dela nos lábios dele,

há sonhos que estão muito mais perto do que aquilo que alguns de nós  
pensam,

e assim termina mais uma história de um médico que salvou a vida de  
uma paciente,

não naquele dia,

todos os dias,

todos, todos,

até que a morte lhes leve finalmente o sonho,

essa vaca

[mas nunca a poesia].

[cinco pequenas histórias e respectivas grandes conclusões]

A HISTÓRIA:

— Dou-te um minuto para seres minha para sempre.

Ela sorriu, primeiro, depois foi mesmo dele para sempre, em bem menos do que um minuto.

A CONCLUSÃO:

Quem diz que basta um minuto para mudar o mundo está claramente a exagerar. Para que diabo é preciso tanto tempo?

A HISTÓRIA:

Deitou-se ao lado dela e prometeu não forçar qualquer tipo de contacto.

Cumpriu rigorosamente. Nem foi preciso forçar.

A CONCLUSÃO:

O melhor da vida é o que é tão forte que nem precisa de ser forçado.

A HISTÓRIA:

Preciso de ti para viver, disse ela.

E continuou, com um pano húmido, a limpar o espelho da casa de banho.

A CONCLUSÃO:

Muitos são capazes de mudar o mundo. Mas são tão poucos os que são capazes de mudar a si.

A HISTÓRIA:

— Quero ser teu.

— Para quê?

— Para ser livre.

A CONCLUSÃO:

Estar preso a um amor é a mais profunda forma de liberdade.

A HISTÓRIA:

Era extremamente asseado.

Mas um merdas.

A CONCLUSÃO:

A sujidade que corrompe não sai com água.



escuta: poderia ascender a ti como  
se a vida fosse lenta, oferecer-te o sangue  
como se fosse uma flor,  
mas é pungente o que a tua loucura me faz  
à carne: por mais ingénuo que seja, nenhum fogo se apaga  
com mais fogo.

a minha boca: as palavras violentas  
são um ofício trémulo, preferia enlouquecer  
de corpo em corpo, a inquietação do instável,  
mas és um objecto subterrâneo, emparedado  
entre o prazer e a culpa: perturba-me mais manter-me vivo  
sem a tua pele corrupta do que a destruição  
pura.

digo: a alegria tem o teu nome, no princípio  
o pecado era original, agora é uma cópia bruta,  
mas para atravessar o despenhamento só a estrutura  
inexplicável do amor, o lugar completo de um  
delicado desespero: a genialidade é um delírio  
aceite, uma ilusão validada  
por deus.

quis a morte ou a loucura, deste-me a  
acumulação das duas e  
a sua matemática anulação.

À noite amo-te no meio do silêncio,  
a urdir a tua pele algures  
em mim, à espera de um milagre pacífico, um fogo  
secreto antes da paz de onde sai  
o orgasmo.

Aceita-se tudo menos o que nos  
impede da castidade, a descoberta suave e  
dolorosa do que se forma debaixo do feroz,  
jamais do doce: é da treva que vem a  
lua, todo o princípio do esplendor se faz  
no escuro do que não sabemos.

Quis fugir permanentemente de ti e  
acabei preso aos teus degraus, à terra indomável  
do teu sexo.

Hoje sou na minha boca acumulada da tua a  
fímbria maldita e pudica, o pássaro que desce ao meio de  
ti para beber metade de si: sou sem parar e sem querer  
o teu rapaz, o dono  
da maçã eivada, a escapar da matilha, do arbusto incriado e meu  
dos teus ombros.

Quero que ardas sempre em mim como se fosses  
a folha viva e ainda assim a pedra imóvel  
de uma vida  
inacessível: quero despenhar em ti  
ou cairei solitário  
e lamentavelmente teu.

- Converso muitas vezes comigo e acabamos sempre a discutir.
- Não somos sempre bons ouvintes de nós próprios.
- Acho que estou a viver sozinho com a pessoa errada.

Apresento-vos o Nitxa. Pelo menos para os amigos. Os outros chamam-lhe a mesma coisa mas escrevem-no assim: Nietzsche. Caretos. Não percebem que para alguém como o Nitxa as coisas são o que são, não o que formalmente quiseram fazer delas.

- Já me censurei muito e isso bloqueava-me.
- E agora?
- Agora trato-me com mais paciência. Tento ouvir os dois lados do que eu tenho para dizer.
- Quando falamos sozinhos há sempre dois lados.
- Ou mais. Eu pergunto-me sempre se tive a oportunidade de fazer melhor.
- E se tiveste?
- Se tive aprendo a lição. Pergunto-me logo: porque decidiste então ir pelo caminho errado?
- Chegas a alguma resposta?
- Chego. Mas fujo sempre. Dói muito.

O Nitxa é assim: só foge do que dói. E não entende porque não fazem todos isso. Mas há mais coisas que ele não entende.

— Todos querem que os mais fechados falem mais e saiam da sua zona de conforto mas ninguém quer que os mais abertos falem menos para tornar a zona confortável.

- Não se percebe, de facto.
- E ainda dizem que não há preconceito.
- A intolerância serve para tapar a insegurança.
- Sempre.
- E a violência serve para tapar o medo.
- O que ganhas em ser genuíno?
- Talvez nada, mas sou uma pessoa sem fins lucrativos.
- Como é isso?
- É como um filme do Kusturica.
- Um sucesso de críticas.
- Mas um fracasso de bilheteira.

Nitxa é tudo menos fracasso. Até porque o seu objectivo de vida é o que nem todos conseguem ter: o que nem todos conseguem ver.

— Vive-se para acumular dinheiro, para acumular reconhecimento.

— Que ingenuidade.

— O afecto é o meu único objectivo de vida.

— E tão poucos o procuram.

— Quem o tem é por inerência, não por procura.

— Custa perceber isso.

— O problema do mundo é a quantidade de pessoas boas que se julgam uma merda, muito por culpa da quantidade de pessoas de merda que se julgam boas.

Não vos tinha ainda dito mas sou apaixonada pelo Nitxa. Ele é que ainda não sabe. Vai ficar a saber agora.

— Quero-te.

— Para quê?

é urgente amar.

é urgente despregar do que dói, do que só serve para magoar, das memórias que castram, das palavras que ferem, das pessoas que prendem, das precisões sem limite, da ambição sem rede, da posse pela posse, da ausência de carinho, da fuga da empatia, do egoísmo negro.

é urgente amar.

é urgente o beijo, o toque, o quero, o vem, o preciso, o nada me vale senão tu, o nada seremos sem um no outro, sem as pessoas inteiras, sem o mundo inteiro, sem o toque inteiro. é urgente abraçar quando o abraço é possível, dizer amo-te quando amas, não te amo quando não amas, recusar continuar infeliz quando és infeliz. é urgente assumir o que somos, desfaldar a bandeira do que queremos ser.

é urgente amar.

amar quem falha porque falhar é humano, amar quem tenta e não consegue, e é tanto o que se consegue quando não se consegue o que se tenta, amar o que nada tem porque se é amado tem tudo, quem nos magoa sem querer, quem nos ataca porque é frágil, quem dispara em legítima defesa.

é urgente amar.

é urgente a voz, o sonho, a queda e o respectivo levantamento, o medo e a respectiva coragem, a desistência e o respectivo recomeço. é urgente a mudança porque quem não muda não é, a incoerência porque a coerência é oca, a ténue loucura porque a razoabilidade mata. é urgente a pessoa mais do que o número, a palavra mais do que a fórmula, o poema mais do que a moeda.

é urgente, é urgente, que todos o digam, que todos o sintam, que todos o cantem, e berrem, e façam barulho, e impeçam quem não o quer dizer de impedir que alguém o diga.

é urgente. todos o sabem, tu também o sabes.

é urgente.

é urgente amar.